



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**“UM BOI ZEPELIM ENFEITIÇADO...”: trajetória de vida do vaqueiro
“Doutor de Vito” e as vaquejadas “pega-de-boi no mato” no sertão
sergipano dos anos 1950**

José Adeilson dos Santos

**São Cristóvão
Sergipe - Brasil
2018**

JOSÉ ADEILSON DOS SANTOS

**“UM BOI ZEPELIM ENFEITIÇADO...”: trajetória de vida do vaqueiro
“Doutor de Vito” e as vaquejadas “pega-de-boi no mato” no sertão
sergipano dos anos 1950**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para obtenção de título de Mestre em História, na Área de Concentração Cultura, Memória e Identidade.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Sousa

**São Cristóvão
Sergipe - Brasil
2018**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Santos, José Adeilson dos
S237b “Um boi Zepelim enfeitado-”: trajetória de vida do
vaqueiro “Doutor de Vito” e as vaquejadas “pega-de-boi no
mato” no sertão sergipano dos anos 1950 / José Adeilson
dos Santos; orientador Antônio Lindvaldo Souza. – São
Cristóvão, 2018.
143 f.: il.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade
Federal de Sergipe, 2018.

1. História – Festas folclóricas – Aquidabã (SE). 2.
Cultura. 3. Rodeios. 4. Cultura popular. 6. Matos, José
Aloísio de. I. Souza, Antônio Lindvaldo, orient. II. Título.

CDU: 930.85:394.2(813.7)

JOSÉ ADEILSON DOS SANTOS

**“UM BOI ZEPELIM ENFEITIÇADO...”: trajetória de vida do
vaqueiro “Doutor de Vito” e as vaquejadas “pega-de-boi no mato” no
sertão sergipano dos anos 1950**

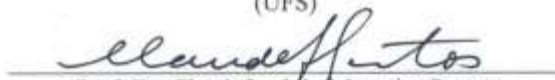
Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em História da Universidade
Federal de Sergipe, como requisito obrigatório
para obtenção de título de Mestre em História,
na Área de Concentração Cultura, Memória e
Identidade.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Sousa

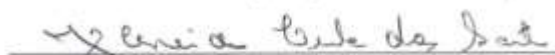
Aprovada em 23 de Março de 2018.



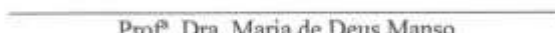
Prof. Dr. Antônio Lindvaldo de Sousa
Presidente
(UFS)



Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos
Interno
(UFS)



Prof. Dra. Joceneide Cunha dos Santos
Externo à Instituição
(UNEB)



Prof. Dra. Maria de Deus Manso
Suplente
(Universidade de Évora - Portugal)

Ao Doutor de Vito,
herói da “pega” do boi Zepelim
e a todos os vaqueiros
de vaquejada-de-boi no mato
pelos cantos do sertão sergipano.

À memória de Zepelim,
famanaz boi
das caatingas dos sertões sergipanos.

AGRADECIMENTOS

Chegando ao fim desta peleja, muita emoção e sentimentos se elevam como tributo ao empenho e dedicação para atingir o objetivo deste estudo. Desde o início, um grande desafio. E uma vontade maior: apresentar para a renomada academia Universidade Federal de Sergipe e para a comunidade científica, um tema de referência da cultura regional do sertão sergipano, de onde procedo. Tratar de vaqueiros e de vaquejadas. De pessoas do campo e da roça, juntando-se a este trabalho com suas falas e testemunhos sobre aspectos do tema que privilegiei estudar. E parecendo um vaqueiro em obstinada busca de gado arreado, me considerei “teimoso” em busca deste objetivo: o título de mestre na área de conhecimento da História.

Entretanto, sozinho não chegaria a lugar nenhum. Melhor dizendo, nem teria “arrancado carreira”. E para o contrário, contei com o incentivo e a companhia de muitos. Que depois de Deus, acreditando ser a força que me tem conduzido perante a tantos desafios, me acompanharam. Reconheço, e agradeço:

Ao professor doutor Antônio Lindvaldo Sousa, meu orientador. Para todas as minhas deferências. Por ter sido um dos primeiros a apreciar minha proposta de pesquisa. E ter aceitado ser “timoneiro” do rumo que tomei para seguir com este estudo. Sem as observações deste grande mestre, não teria chegado muito longe. Perfeita condução deste trabalho. Que tornou-se nosso!

Aos professores do curso Mestrado de História, Universidade Federal de Sergipe, de cujas disciplinas tive grandiosa contribuição e embasamento teórico para o êxito desta atividade acadêmica.

Aos colegas da turma com quem compartilhei ideias, boas discussões e a construção de saberes e aprendizado. Neste sentido, ressaltando Valéria Santos por todos os acolhimentos. E a estimada Jéssica Souza, minha ex-aluna do ensino médio e nesta pós-graduação, minha solícita parceira perante às atividades acadêmicas. Terna e agradável, não se desacostumou de chamar-me “professor”.

Aos professores doutores Claudefranklin Monteiro (UFS/SE) e Joceneide Cunha (UNEB/BA) que participando da banca de qualificação deste trabalho, fizeram observações importantes e me indicaram muitos caminhos e veredas para o êxito desta empreitada.

Ao amigo e professor-mestre Jorge Henrique, pela colaboração inestimável na fase de construção (elaboração do projeto) deste estudo.

Ao colega historiador Thiago Fragata, pelo incentivo e colaboração com ideias e material que adotei para referências neste texto.

Ao professor Minervino Almeida, pela contribuição de suas lembranças e considerações sobre a referência do boi Zepelim, no contexto da cultura dos vaqueiros dos sertões sergipanos.

Aos vaqueiros encontrados nas paragens sertanejas, por cujas memórias este trabalho encontrou raízes e importância. Que não posso descuidar-me dos nomes como são conhecidos no sertão sergipano: Tonho de Chico da Bela Vista, João Pepeta, Adelson de Mariquinha (meu genitor), Maurício do Pajeú, Anselmo Correia, Miguel do Pajeú, Manoel de Amadeus e Zé Piaba. A todos, os meus sinceros agradecimentos!

De modo especial a José Aloísio de Matos, pela recepção acolhedora e as boas horas de conversas sobre a sua vida, a sua história e seu nome, como o considerado vaqueiro-herói “Doutor de Vito” das “vaquejadas e pegas-de-boi no mato”.

Se a causa é justa,
vale a teimosia!
A luta já compensa...
e a honra é sempre vitória!

RESUMO

A **vaquejada pega-de-boi no mato** é manifestação cultural do ambiente dos sertões nordestinos e, por conseguinte, sergipano. É própria do ambiente da pecuária extensiva, do “ciclo do couro” (século XIX), perante o processo de ocupação e povoamento da região com a criação de gado à solta, no ambiente das áreas de caatinga. É secularmente compreendida como festa, cuja continuidade até os dias atuais é protagonizada pelos sujeitos sertanejos como prática e representação - categorias de análise (de Roger Chartier) que nos servem de referências teóricas. Por este estudo discutimos o tema como importante expressão das culturas e identidade regional dos homens do sertão. Em relação a outros trabalhos, diferenciamos nossa abordagem pela apropriação do recurso teórico metodológico do gênero biográfico, permitindo sobressair-se a trajetória de um sujeito do meio rural. Trata-se do personagem José Aloísio de Matos, um octogenário vaqueiro do município sergipano de Aquidabã, conhecido pela alcunha Doutor de Vito, cuja história de vida é marcada como homem da atividade criatória. E como próprio desse labor, aprendeu buscar gado solto “nos matos”. Prática que tornou-se entretenimento de **pega e vaquejada de pega-de-boi no mato** e por ela, este vaqueiro alcançou o lendário e misterioso boi Zepelim, projetando-se de fama. E para esta finalidade, valorando o sentido do desafio junto à comunidade vaqueirama.

Palavras-chaves: Vaquejada, cultura, sertão, Doutor de Vito, boi Zepelim

ABSTRACT

The vaquejada manatee in the bush is a cultural manifestation of the environment of the northeastern sertões and, therefore, Sergipe. It is typical of the extensive cattle ranching environment, the "leather cycle" (19th century), before the process of occupation and settlement of the region with the breeding of livestock in the environment of the caatinga areas. It is secularly understood as a party, whose continuity up to the present day is carried out by sertanejos subjects as practice and representation - categories of analysis (by Roger Chartier) that serve as theoretical references. For this study we discuss the theme as an important expression of the cultures and regional identity of the men of the hinterland. In relation to other works, we differentiate our approach through the appropriation of the methodological theoretical resource of the biographical genre, allowing to highlight the trajectory of a subject of the rural environment. This is the character José Aloísio de Matos, an octogenarian cowboy from the Sergipe municipality of Aquidabã, known by the nickname Doctor de Vito, whose life history is marked as a man of the creative activity. And as a result of this work, he learned to search for loose cattle "in the bushes." Practice that became entertainment of handle and vaquejada of handle in the bush and by her, this cowboy reached the legendary and mysterious Ox Zeppelin, projecting itself of fame. And for this purpose, valuing the sense of the challenge with the community vaqueirama.

Keywords: Vaquejada, culture, sertão, "Doctor of Vito", ox "Zeppelin"

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01 – Encontro com o senhor Maurício do Pajeú	24
Imagem 02 – Encontro com o vaqueiro “Doutor de Vito”	30
Imagem 03 – O vaqueiro Doutor de Vito, aos seus 22 anos	48
Imagem 04 – Encontro com o vaqueiro Miguel do Pajeú	54
Imagem 05 – Mapa do Estado de Sergipe e suas mesorregiões	56
Imagem 06 – Centenária sede - Fazenda Pajeú – Porto da Folha/SE	61
Imagem 07 – “Curral-de-paus” - Fazenda Pajeú – Porto da Folha/SE	62
Imagem 08 – Tonho de Chico da Bela Vista - dos tempos do boi Zepelim	66
Imagem 09 – Tonho de Chico da Bela Vista - falando do boi Zepelim	68
Imagem 10 – Vaqueiros em evento de pega-de-boi no mato	108
Imagem 11 – Vaqueiro em evento de pega-de-boi no mato	109
Imagem 12 – Professor Minervino – memória da saga do boi Zepelim	125
Imagem 13 – Manoel de Amadeus, senhor das pegas-de-boi no mato	130
Imagem 14 – Uma “velha-guarda” de vaqueiros de pega-de-boi no mato	131
Imagem 15 – Uma “arrancada” de pega-de-boi no mato	132

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – COM O DOM E PAIXÃO, PARA SER O VAQUEIRO “DOUTOR DE VITO”	23
1.1 - Para além de um doutor, um vaqueiro	29
1.2 - “Quem faz o vaqueiro bom, é o cavalo bom”	36
1.3 - Ser vaqueiro de pega-de-boi no mato: dom e paixão	40
CAPÍTULO II – NO SERTÃO DE CAATINGAS, VAQUEIROS, GADO E PELEJA	49
2.1 - Para gado desacostumado com gente	52
2.2 - Nas “pegadas” do boi Zepelim	64
2.3 - Boi Zepelim, e uma fama de custo alto	78
2.3.1 - Da notícia ao convite: um “Doutor de Vito” entra em cena	82
2.3.2 - Com o “Doutor de Vito”, o final da saga do boi Zepelim	86
CAPÍTULO III – POR “ZEPELIM”, CAVALOS E VAQUEJADA: UM SERTÃO DE FAMAS	93
3.1 - Sem preconceito, “cabra-macho... Sim, senhor!”	106
3.2 - Aboios e toadas: para exaltar fama de gado e de vaqueiros	110
3.3 - Contra o “Zepelim” de famas, mais do que teima e coragem de vaqueiro	117
3.4 - Vaquejada: um misto de “peleja” e festa	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
FONTES	138
REFERÊNCIAS	139

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, tratamos da manifestação cultural realizada no ambiente dos sertões nordestinos que é a pega-de-boi no mato, vindo a tornar-se vaquejada de boi-no-mato. É compreendida como a gênese da profissionalizada “vaquejada de mourão”.¹

Constituída como nosso tema de estudo, a abordamos com o objetivo de realizarmos uma discussão sobre a sua importância no contexto cultural de parte do Nordeste² brasileiro. Apropriadamente das áreas semiáridas dessa região, tipicamente marcadas pela vegetação de caatinga³ e pelo aspecto econômico da pecuária extensiva (de gado bovino).

Originalmente provém do trabalho dos vaqueiros que, dentre tantas atividades (próprias do manejo com o gado à solta), também consistia em dar conta das reses dispersas pelas matarias das propriedades rurais. E quando constituída na modalidade de vaquejada, como definida por Câmara Cascudo (1966, p. 17) tornou-se para a exibição “[...] de força ágil, provocadora de aplausos e criadora de fama” para os vaqueiros. Por estes sentidos e “representação”, a prática se tem mantido como expressão da cultura popular⁴ nordestina e, própria dos aspectos da identidade desta região e do homem sertanejo.

No campo da produção historiográfica, o trabalho junta-se a outros escritos com destaque para o mesmo tema. Que em comum se assemelham por contextualizarem a prática da vaquejada, como sendo decorrente da atividade pecuária extensiva. E depois como uma modalidade mista de festa e esporte do meio rural.

¹ Esta modalidade ocorre em estruturas sofisticadas (de parques e arenas) organizadas para derrubadas de bois, perseguidos em pista por duplas de vaqueiros sobre seus cavalos. Este conjunto é profissionalmente treinado para o referido espetáculo.

² Termo discutido sob diversas acepções e conceitos, cuja abordagem tratamos em páginas constantes do segundo capítulo deste trabalho.

³ Como para o significado da categoria “Nordeste”, também apresentamos em parte desta escrita (segundo capítulo) a caracterização para os termos “caatinga” e “sertão”, importantes no contexto de nossa abordagem. De tal maneira, trataremos os conceitos de “herói” (e de heroísmo), de “macho” (e de machismo) como construções e representações culturais.

⁴ Relacionamos o objeto deste estudo à categoria “cultura popular”, mesmo entendendo o termo como polissêmico. De acordo com Roger Chartier (1995, p. 185), trata-se de um “conceito historiográfico”, construído a partir dos “modos de usar” e das “práticas sociais”. Da maneira como Burke (1989) concebeu o significado de cultura, também sendo “[...] de muitas definições concorrentes”. Entretanto, entendemos que esta categoria é devida para o tema deste estudo. Que também pode ser compreendido sob a perspectiva de “culturas do povo”, conforme Natalie Davis (2002), que passou a se interessar pela vida dos homens comuns e, pelos temas de um universo de práticas até então não compensados pela história tradicional. Para efeito, priorizando fontes sobre as vidas de pessoas. Priorizando reconhecer formas da vida como artefatos culturais e não, apenas, itens na história.

De início, reportamo-nos à clássica obra de Luis da Câmara Cascudo, **A vaquejada nordestina e sua origem** (1976), que reconstitui o trajeto histórico desta prática desde a segunda metade do século XIX, relacionando-a como própria do manejo da pecuária extensiva do Nordeste brasileiro. No entanto, não atribui destaque ou especificidade de algum sujeito envolvido com a referida prática.

No artigo de Félix e Alencar (2011) **O Vaqueiro e a Vaquejada: do Trabalho nas Fazendas de Gado ao Esporte nas Cidades**, os próprios autores destacam em resumo que, o trabalho aborda as transformações na vida dos vaqueiros dos sertões nordestinos. Homens que tinham como principal dos divertimentos, apenas as festas de apartação praticada nas fazendas. E sobre a atividade que antes era tida como rural, hoje faz parte do cotidiano das grandes cidades do nordeste e do Brasil. Neste sentido, tratando-se da “vaquejada de mourão”.

Pelo artigo de Almeida (2011) **Festas Rurais e Turismo em Territórios Emergentes**, algumas reflexões são feitas compreendendo a importância da valorização do patrimônio imaterial, a partir das festas rurais realizadas nas regiões do Nordeste, Goiás e Minas Gerais, atraindo a atenção do turismo. Neste enfoque, há referência direta para os eventos de vaquejadas de “pega-de-boi no mato” em Sergipe. Trata de sua historicidade e de seus aspectos característicos. Comenta sobre as frequentes “corridas” realizadas pelos vaqueiros do meio rural e, em destaque como grande evento, a “Festa do Vaqueiro” promovida anualmente no município sergipano de Porto da Folha.

Também em parceria de escrita, Almeida e Menezes (2008) dão conta de nossa temática, através do artigo **A Representação Cultural da Vaquejada Resiste no Sertão Sergipano do São Francisco**. Analisam as vaquejadas na caatinga como uma festa originariamente do ciclo do gado do século XIX, expressando uma representação cultural do sertanejo, um ritual de interação social e entretenimento para as comunidades sertanejas.

Cardoso e Alves (2011), pelo artigo **O Gado na Cultura Sergipana** reportam que para cultura deste Estado, a presença do boi é marca histórica e identitária. Dado que remete para diversas contribuições. Desde toponímica⁵ ao âmbito simbólico de práticas culturais e da

⁵ Chamando atenção para os diversos nomes de cidades e povoações sergipanas, derivados e de referências da pecuária bovina. Segundo Cardoso e Alves (Op. Cit., 2011), denominações como Malhada dos Bois, Gado Bravo (em Tomar do Geru e Capela), Curral dos bois (povoado em Japaratuba e em Simão Dias), Poço do Boi (em Cedro de São João), Currais (em Japoatã), entre outros, são indícios da presença marcante das boiadas na formação e expansão do território sergipense.

memória popular, reveladas por expressões como do folclore, da culinária, da arte e da literatura.

Nesta perspectiva de abordagem de um universo mítico da cultura do gado “*vacum*”, produzindo um mundo simbólico construído no imaginário popular e tradicional sertanejo, ressaltamos o texto de Giulle Vieira da Mata (2003, p. 41), **O Segredo do Boi Misterioso nos Romances de Vaqueiros**, como ele destacou:

Pegar o boi mais famoso da região, que desafiava o homem "em suas barbas", passava a ser questão de honra, coragem e "firmeza". Por isso, a atitude do vaqueiro (que o romance atribui também ao boi) deveria fazer jus ao apego de sua gente pela valentia, pela honra, pela palavra empenhada. O homem, que se sentia desafiado em sua capacidade profissional e conseqüentemente em sua integridade, o homem que não tolerava dúvidas quanto a seus atributos pessoais, ousava então entrar no sertão sozinho. Declarava sua auto-suficiência perseguindo o boi, a fama, enfim o boi-Fama.

Referidos trabalhos abordam aspectos da cultura nordestina (e sertaneja) pelo enfoque à manifestação da vaquejada, ao ambiente dos sertões, às figuras do vaqueiro e do boi. Entretanto, de forma generalizada, mantendo o anonimato dos sujeitos, a ausência de seus nomes e de suas ações.

Assim, portanto, são diferentes de nossa perspectiva visto que, prioritariamente, tratamos do nosso objeto a partir do recurso teórico-metodológico do gênero biográfico,⁶ permitindo que a trajetória de um sujeito do meio rural se sobressaia.

Trata-se do personagem José Aloísio de Matos, um octogenário vaqueiro aquidabãense⁷ conhecido pela alcunha “Doutor de Vito”.⁸ De cuja história se expressam **memórias e lembranças** das “pegas” e “vaquejadas” de boi-no-mato que participou ao longo de sua vida, pelos tantos lugares do sertão sergipano.⁹ Compreendendo os atuais municípios de Graccho Cardoso, Itabi, Gararu, Nossa Senhora da Glória, Monte Alegre de Sergipe, Porto

⁶ Perspectiva metodológica para qual, mais adiante (em parte desta introdução), explicaremos os motivos de adotá-la como recurso teórico.

⁷ Próprio do município sergipano de Aquidabã, localizado na mesorregião do Agreste Sergipano e da microrregião de Nossa Senhora das Dores, a 98 quilômetros da capital do Estado, a cidade de Aracaju. Em figura ilustrativa (mapa do Estado de Sergipe e de suas mesorregiões) constante em parte do segundo capítulo deste trabalho, situaremos a localização geográfica deste município. Assim também as demais localidades da região “Alto Sertão do São Francisco”, que constitui o nosso corte espacial.

⁸ No primeiro capítulo deste trabalho, revelamos parte da história do personagem José Aloísio de Matos. Consta, portanto, a explicação sobre o cognome “Doutor de Vito”, ditada pelo referente em entrevista que nos foi prestada.

⁹ Em página do segundo capítulo deste trabalho há imagem ilustrativa desta área geográfica, com informações em nota de rodapé. Em mesma parte, pela leitura de Silva (1981) destacamos aspectos da formação do município de Porto da Folha-SE, acrescentando nosso conhecimento e referências sobre a região do sertão sergipano.

da Folha, quando ainda eram genuínas povoações (primeiras décadas do século passado). Região constituída como corte espacial deste nosso trabalho pela tradição dos eventos de “pega” e “vaquejada de boi no mato”, da cronologia dos anos cinquenta do século passado aos atuais dias. Justificada pela condição de áreas de vegetação de caatinga,¹⁰ de pecuária extensiva, de promoção destes eventos por parte de fazendeiros e criadores de gado “*vacum*”.

Também por ser, ainda hoje, uma região esquecida e relegada pela escrita e produção historiográficas. Faltando muitas histórias e memórias de sua gente, que podem vir a se tornar objetos de estudo, como assim estamos fazendo a partir da figura de um vaqueiro.

A década de mil novecentos e cinquenta é o nosso marco temporal. Anos de histórias e lendas, para a fama do boi chamado Zepelim. Que decorrente o imaginário popular, até se acreditava que era um boi protegido por feitiço. Que carregava o espírito de se envolver na mata, fazendo com que os vaqueiros o perdesse de vista. E no ano de mil novecentos e cinquenta e quatro foi alcançado pelo vaqueiro Doutor de Vito, em campanha empreendida no ambiente das matas de caatinga do município sergipano de Porto da Folha.

O tema é do nosso interesse pelo entendimento da sua relevância social e cultural. Para isto refletimos sobre a permanência desta manifestação, a “pega” e “vaquejada de boi-no-mato”, mantenedora de elementos rústicos¹¹ frente ao universo da “indústria cultural” que bem oferta “entretenimentos de massa”. Como continua e tem sido recriada, à maneira original da segunda metade do século XIX, no contexto do ciclo do couro. E, fundamentalmente, criando **sentidos** e **significados** para as pessoas. Sejam estes (sentidos e significados) de identidades e pertencimento/revivescimento histórico e cultural ou, objetivamente, do universo das “representações”. Onde **sentidos** e **significados** são próprios tanto para as singularidades, como para o coletivo.

De ordem pessoal pelo fato de ser descendente de vaqueiro e, natural da região que é cenário deste trabalho. Por ter crescido ouvindo histórias de personagens famosos, que marcaram épocas enfrentando desafios para a “pegada” de bois marrentos, embrenhados nas matas de caatinga. E pela minha formação acadêmica, ser um pesquisador mergulhado na cultura do sertão com proximidade aos fazeres e saberes de sua gente.

¹⁰ No contexto do nosso marco temporal, década cinquenta do século passado, com abrangente e densa área coberta desta vegetação. Atualmente, com poucos extratos em reserva (com mais vegetação secundária).

¹¹ Próprios e característicos da vida e do meio rural dos sertões / áreas semiáridas do Nordeste brasileiro.

E deste universo, nos relacionarmos com aspectos da identidade regional sertaneja, cabendo identificação com os sujeitos próprios deste meio. Convivendo com a sua arte, a sua religiosidade, a sua linguagem e vocabulário, as suas festas! Condição que viabilizou experiências subjetivas junto ao nosso objeto de estudo (vaquejada de boi-no-mato) para dele tratarmos, construirmos narrativas com uma linguagem próxima à cultura da gente sertaneja, do meio rural. Dos vaqueiros, por excelência. À maneira ditada por Ankersmit (2012),¹² pelo qual estamos sendo ajudados a pensar nossa relação de sujeito com o nosso objeto. De tal sorte que, em todo tempo, assim nos revelamos presentes neste texto.¹³ Revisitando o passado, dialogando com as fontes e interferindo junto as mesmas.

Pois essa ressonância do passado no sujeito da experiência só é possível com a condição de que ela não é distorcida por aspectos do sujeito exteriores ao objeto, ou seja, o próprio passado. E, como vimos, essa notável proeza epistemológica só pode ser executada em termos de estados de ânimo e sentimentos. Então, para colocá-lo de maneira paradoxal, a subjetividade é aqui a própria condição de objetividade.

Fazendo uma “escrita da história”¹⁴ cuja linguagem dá-se a partir da (nossa) experiência e relação com o nosso objeto de estudo, de forma “sinestésica” tal qual formulada por Johan Huizinga¹⁵ e, apropriada por Ankersmit (2012),¹⁶ discorrendo:

[...] sensação, na qual sujeito e objeto aproximam-se mais uns dos outros, em que você pode ter uma fusão real entre sujeito e objeto e um tipo de *unio mystica* dos dois. E, de fato, de acordo com a primazia da experiência com relação à linguagem [...] mais apropriada para expressar a experiência. Aqui, não é a linguagem (e teoria) que determina a experiência, mas sim, a experiência que determina linguagem (e teoria) sujeito e objeto, darnos-á termos [...].

Para, portanto, provermos a construção deste nosso texto histórico ancorado no referencial teórico Roger Chartier, a partir de suas categorias “práticas” e “representações” culturais. Agora mantendo diálogo com Ankersmit, relacionando a escrita da história como uma “representação”, como assim diz: “[...] a representação apresenta-nos a certos aspectos

¹²ANKERSMIT, Franklin Rudolf. **A Escrita da História: a natureza da representação histórica**. Londrina: Eduel, 2012, p. 247.

¹³Importante ressaltar a nossa presença em registros fotográficos/imagens constantes neste trabalho, ilustrando contatos com as fontes orais, para a realização de entrevistas.

¹⁴Apropriando-nos da expressão que intitula a obra de Ankersmit (2012), aqui servindo-nos de referência.

¹⁵ANKERSMIT, 2012, Op.cit., p. 239, reporta-se a este autor com o título “**Huizinga e a sinestesia**”.

¹⁶ANKERSMIT, 2012, Op. cit., p. 244.

da realidade representada, de forma que você pode chamar a atenção de alguém para certas características de algo”.¹⁷

Destacando, ainda, como o autor prosseguiu em relação à construção do texto histórico, compreendendo que o mesmo “[...] não é nada como uma cadeia simples de palavras e frases de um estudioso irremediável - mas uma **representação** (grifo nosso) do passado que realmente pode funcionar como um substituto para o próprio passado”.¹⁸

E como já tendo-nos reportado às histórias de vaqueiros que foram definidos como heróis, frente à fama de bois “de marras”, tornou-me muito atrativo saber do lendário boi Zepelim. E mergulhando na cultura do outro, dando-se o encontro de (e com) experiências subjetivas, damo-nos conta da trajetória do personagem Doutor de Vito, o vaqueiro que conseguiu a façanha de alcançá-lo.

Assim, portanto, convergindo para a definição de nossa opção de tê-lo como sujeito do nosso estudo, as **pegas e vaquejadas-de-boi no mato**, no ambiente do sertão sergipano na década de 1950. Sendo que através de sua biografia e por meio das *memórias*,¹⁹ dele e sobre ele, passamos a ter um olhar diferenciado sobre esta manifestação cultural e sobre aspectos das identidades sertanejas. E mais que, pelo exitoso desafio da “pega” do mateiro (caatingueiro) boi Zepelim, o mais marrento que o sertão ouvira falar, tornou-se objeto da “representação” de um herói. Passando a ser visto como um “vaqueiro-herói”. E pela referida façanha, tornava possível o sonho da **fama** e do **prestígio**, de tanto valor e significados no contexto social (da época) em que o nosso sujeito estava envolvido. De tal modo, o contexto “falando mais alto” para a construção e aparecimento (da trajetória) do sujeito. Da maneira como Giovanni Levi (2002) entende, através de sua tipologia biografia modal.²⁰ E que nos serve de referencial teórico para pensarmos a história de vida do sujeito Doutor de Vito, sob a referência do nosso objeto de estudo que se enquadra no campo da História Cultural.

¹⁷ Ibid., p. 194.

¹⁸ Ibid., p. 238.

¹⁹ A categoria “memória” é basilar para este estudo de orientação teórica-metodológica a partir do gênero/método biográfico, e uso de fontes orais. Nesta perspectiva, à maneira como Alberti (2007, p.183-4) passou a conceber a “entrevista de História oral” como um “documento-monumento”, passamos a entender “memória e história” com sentido de edificação. E pelo autor Walter Benjamin (1987), realçamos outra compreensão a partir dos seus conceitos “memórias voluntárias” e “memórias involuntárias” (que adiante abordamos como referências teóricas). Ainda para o mesmo tema, nos serviremos das idéias de outros autores como Halbwachs (2004), com uma concepção “mais geral” sobre o termo e, de Michel Pollack (1992) que trata a memória como “fenômeno coletivo e social”.

²⁰ Pela descrição de Dosse (2009, p. 215) sobre o percurso da escrita biográfica, lemos de Giovanni Levi a perspectiva do tipo de biografia modal no sentido de que as biografias devam servir para ilustrar os comportamentos individuais, contudo inteirados com o meio social em que vivem.

Desta perspectiva historiográfica, servem-nos os conceitos de práticas e representações históricas e cultural como categorias teóricas de análise, a partir da fundamentação de Roger Chartier (1990, p. 17). Que por seus fundamentos compreende que o objetivo da História é “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

Neste trabalho, os sentidos das “representações” e “práticas” estão reportados por diversos meios (e maneiras): pelo conteúdo das falas dos vaqueiros e pelos seus cantos / cantorias de aboios e toadas. Pelas obras do artesanato de couro, que cuidam da confecção de suas indumentárias. Pelas suas crendices e todo um imaginário da cultura do gado. Por todo um universo traduzido pelas memórias que nos foram dispostas. Que apareceram mediante nossa interferência, pelo exercício das entrevistas executadas junto às diversas fontes orais, reveladas neste nosso trabalho.

Memórias que até então, “acalmadas” no inconsciente de vários personagens, foram despertadas. Para nos revelar fatos, lembranças e “causos” de tempos de gado em caatinga, criando-se à solta. Vezes perdido, vezes tangido. E quando “teimoso” (demais) para ser juntado à boiada, passando a ser perseguido por vaqueiros, cavalos e cães.

Além de memórias próprias destes guardiões do passado, também pelos mesmos nos vieram memórias repetidas, provenientes de outros. Contando-nos, à maneira como se diz: “de quem se ouviu falar” ou “de quem se ouvir dizer”. Repetindo memórias de pais, de avós, de outros mais velhos, para que se dê a reprodução de aspectos culturais e tradicionais partilhados e de referência destes personagens.

Seguindo o conceito de Benjamin (2012, p. 45), estas são as “memórias involuntárias” como “[...] força rejuvenescedora capaz de enfrentar o implacável envelhecimento”. Ao nosso entender, em relação ao(do) passado. Em nosso trabalho, portanto, estas memórias se desenovelaram como fios de reminiscências e ajudaram-nos tecer a saga do boi Zepelim. Assim também a história do vaqueiro Doutor de Vito, construído pela força da “*mémoire involontaire*” como um “herói” da cultura do gado. São nestas memórias, mesmo em estado dormente no inconsciente das pessoas, que a vivência²¹ dos sujeitos está guardada e se inserem acontecimentos para serem lembrados (distintamente dos acontecimento vividos).

²¹ Conceito apropriado de Dilthey, para cujo entendimento servimo-nos do seguinte princípio: “tudo aquilo que se apresenta para nós não é senão como algo dado no presente. Mesmo quando uma vivência é passada, ela só está presente para nós como algo que é dado na vivência presente”. De acordo com: DILTHEY, Wilhelm. A

acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que um acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. Num outro sentido, é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo de textura. Ou seja, a unidade do texto está apenas no *actus purus* da própria recordação, e não na pessoa do autor, e muito menos da ação. (BENJAMIN, 2012, p. 37).

Os acontecimentos lembrados e as histórias de gado e de vaquejadas “pega-de-boi no mato” – nosso objeto – estão contidos, portanto, no universo destas memórias. Estão cristalizados nas lembranças (e em trajetórias de vidas) de pessoas com “vivências” no contexto destas “práticas” e “representações”. De acordo com Wilhelm Dilthey (2010, p. 223), fazendo-se valer, então, na memória “[...] **o significado** como a forma de apreensão da vida” (grifos nossos).

A vida e aquilo que é revivenciado possuem, então, uma relação particular das partes com o todo. Trata-se da relação das partes do significado para o todo. O que se dá o mais claramente possível na memória. Em toda ligação vital, na qual nossa totalidade se relaciona consigo mesma ou com os outros, retorna o fato de as partes possuírem um significado para o todo.²² (DILTHEY, 2010, p. 219).

Denotando a atenção que Wilhelm Dilthey atribui à “vida”, não nos decorreu estranheza sua defesa em referência à “biografia” como recurso para que se dê o objeto da história²³.

Como poderíamos negar, que a biografia possui um significado eminente para a compreensão do mundo histórico! Afinal, é justamente a relação entre as profundezas da natureza humana e a conexão universal da vida histórica difundida que é efetiva em cada ponto da história. Aqui se encontra a conexão originária entre a própria vida e a história.²⁴

Assim como o objetivo de nosso trabalho consiste em abordar a continuidade de uma prática da cultura regional dos sertões (especificamente do sertão sergipano), a partir da experiência individual (embora compartilhada), não podíamos prescindir da “biografia” como aporte metodológico.

Construção do Mundo Histórico nas Ciências Humanas. Tradução de Marcos Casanova. São Paulo: Editora da UNESP, 2010, p. 220).

²² DILTHEY, 2010, Op.cit., p. 219.

²³ Em texto de seu livro “**A construção do mundo histórico nas ciências humanas**” (2010, p. 239), o autor defende esta perspectiva inferindo-se ao seguinte problema: **é possível tomar a biografia como uma solução universalmente válida de uma tarefa científica** (grifos nossos)?

²⁴ DILTHEY, 2010, Op. cit., p. 241.

E dada nossa leitura de Dilthey,²⁵ pela qual nos certificamos da sua filiação ao terreno biográfico como método (historiográfico), o adotamos como referencial teórico para fundamentação desta nossa opção metodológica.

Entretanto, para o recurso deste gênero biográfico nos decorreu, fundamentalmente, a leitura de Dosse (2009)²⁶. Importante por sua descrição em relação ao percurso da escrita biográfica, onde nos decorreu o tipo “biografia modal”, de Giovanni Levi. Por sua referência, o sentido das biografias é que devam servir para ilustrar os comportamentos individuais, contudo inteirados com o meio social que vivem. Por esta perspectiva, então, compreendemos a viabilidade de tomarmos o caminho desta referência teórica para apropriarmos a biografia do sujeito junto ao objeto do nosso trabalho. E que em parâmetro com o sujeito em si, repercuete mais (fala mais alto) do que este.

Por esta perspectiva, então, compreendemos a viabilidade desta referência teórica para apropriação de uma biografia,²⁷ visando contextualizar os sentidos e a importância do nosso objeto de estudo.

Para a sua abordagem, desde as fases da escolha do tema e definição de sua questão norteadora, a perspectiva de pesquisa antevia registros descritivos, narrativas e subjetividades.

Isto nos veio. Foi-nos trazido por diversos sujeitos da cultura do sertão. Falando-nos da coragem de vaqueiros na esteira de seus cavalos, buscando bois na caatinga – o cenário das “vaquejadas de pega-de-boi no mato”.

Portanto, as memórias e experiências de quem dialogamos sobre este tema da cultura nordestina, imprimiram mais significados para este (nosso) objeto de estudo. Por esta importância, sob à referência de Alberti (2005, p. 172) compreendemos os interlocutores “como unidades qualitativas”. Em tal sentido, apropriadas para este trabalho que, em perspectiva, trata um universo de significados, representações, crenças, valores, atitudes. Enfim, de subjetividades. Para as quais, devidamente, empregamos uma abordagem qualitativa.

E como dito, a opção pelas subjetividades inclui as fontes orais, textos impressos e virtuais. Estas, por exemplo, colhemo-nas da *internet*, visitando *sites* com documentários sobre temáticas relacionadas ao sertão nordestino, destacando a cultura do gado e a figura do

²⁵ DILTHEY, Op. Cit. 2010.

²⁶ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução: Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: EDUSP, 2009.

²⁷ Da trajetória de vida do personagem José Aloísio de Matos, o vaqueiro Doutor de Vito.

vaqueiro. Com depoimentos e testemunhos destes atores, sobre o seu cotidiano, suas “práticas” e “representações”.²⁸

Destacando ainda o suporte virtual (da *internet*), por este recurso demos conta de leituras seletivas e reflexivas sobre História Cultural, práticas e representações culturais, e gênero biográfico. E, apropriadamente, sobre as categorias vaquejadas (contemplando a modalidade pega-de-boi no mato), vaqueiros, sertão, caatinga e Nordeste.

Pela perspectiva do tema tomando como referência o recurso de uma trajetória de vida, a presente pesquisa foi apropriada, mais intensamente, ao método da **história oral**. Notadamente sob o aporte das memórias, com a efetiva contribuição das **fontes orais**.

Consideramos, portanto, que seja do horizonte das **memórias** que as **fontes orais** robustecem o tempo histórico, nutrindo-o de (re)construções ou figurações dos cenários de quem conta/reconta histórias. Ou mesmo, estórias. Vivências próprias do seu universo social e cultural, dos seus comportamentos e manifestações.

Pela História Cultural e o recurso metodológico da História Oral, o caminho é o da inovação por darem atenção especial para pessoas e gentes. Estas que, antes, se viam fora da História, a exemplo de camponeses, mulheres, idosos, **vaqueiros**. Como assim encontramos a figura de José Aloísio de Matos, o Doutor de Vito, nosso vaqueiro primeiro. E depois tantos outros como Maurício do Pajeú, Adelson de Mariquinha, João Pepeta, Miguel do Pajeú. E Antônio Alves de Farias, o Tonho de Chico da Bela Vista. Tantos que já se dispuseram e, são vozes (vivas) aqui neste trabalho.

Falarão e se apresentarão por meio das entrevistas que adotamos como técnica (estruturada, semi-estruturada e aberta) e dos tipos: entrevistas temáticas ou de história de vida.²⁹ Entendendo, à luz da leitura de Alberti (2007), como um dos procedimentos da história oral, viável para um estudo de abordagem qualitativa, como este se enquadra.

Assim posto, esta dissertação está dividida em três capítulos.

²⁸ **ABOIO**. Direção Marília Rocha, Produção Marília Rocha e Helvécio Marins Jr. Brasil: Produtora Lume, 2005. Em 73 minutos. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=RjqsKZrgTks>>. Acesso em: 22 de agosto de 2017 e **VAQUEIROS CANUDOS**. Direção Manoel Neto e Miguel Teles, Produção Executiva João Felipe de Almeida e Márcia Nunes: Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC/UNEB, 2016. Em 60 minutos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8idbDiEFNpw>> Acesso em: 15.11.2017.

²⁹ De acordo com Alberti (2007, p. 175) “as entrevistas temáticas são as que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto as de história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou”.

No primeiro – **Com o dom e paixão, para ser o vaqueiro Doutor de Vito** – apresentamos o personagem José Aloísio de Matos, o vaqueiro Doutor de Vito, mediante sua trajetória de vida identificada com a atividade da pecuária. Neste sentido, ressaltando o ambiente da família e as condições pelas quais foi nascido e criado. Em cujo contexto, chama-se atenção para influências de pessoas e de situações que o promoveram como um vaqueiro, num ambiente de trabalho, e como absorvido pelo gosto de domar gado. Tornando isto imanente pelo desafio das “pegas” e “vaquejadas” de boi no mato. Entretanto, esta abordagem é de ordem posterior a uma prévia apresentação do cenário em que se processa a relação homem e gado, no ambiente da pecuária extensiva. No ambiente das caatingas dos sertões nordestinos, onde se originam a manifestação das “pegas” e “vaquejadas” de boi no mato.

No capítulo seguinte – **No sertão de caatingas, vaqueiros, gado e peleja** – inicialmente apresentamos qualificações para a primeira categoria que nomina esta parte do estudo - o termo “sertão”. Destacando, principalmente, a que compreende o campo do conhecimento geográfico. Do mesmo modo, abordamos a heterogeneidade de definições relacionada ao termo “nordeste”, tratado conceitualmente por especialidades distintas, como as das ciências humanas e das ciências sociais.³⁰ Em dada contextualização, situamos a (apresentação da) área geográfica do sertão sergipano, no cenário da segunda metade do século passado, no âmbito de sua principal atividade econômica – a pecuária extensiva. Constando as propriedades rurais de extensas áreas de caatinga, susceptíveis à dispersão de gado bovino por estas matas. Entra em cena, portanto, a origem e trajetória do boi Zepelim neste descrito ambiente. A sua vida e os percalços de perseguição são contados aqui neste capítulo, dando-se as principais narrativas por parte de quem o acompanhou como animal criado à solta. E por, excelência, pelo senhor Antônio Francisco de Farias, o vaqueiro Tonho de Chico da Bela Vista, natural e morador do município de Porto da Folha – SE.

No terceiro e último capítulo – **Por Zepelim, Cavalos e Vaquejada: um sertão de famas** – privilegiamos o recurso metodológico da História Oral e o aporte das memórias que, no contexto da cultura dos sertões nordestinos, tratam as práticas das “pegas-de-boi no mato”. Prioritariamente, as memórias e narrativas que acolhem o nosso objeto de estudo, indo especialmente ao encontro do mistificado boi Zepelim. Reconstruindo sua saga e história de fama, com final marcado por ter sido alcançado pelo vaqueiro Doutor de Vito (em campanha

³⁰ Como da Geografia, da História e da Sociologia conforme destacamos em notas, da página inicial deste capítulo.

de equipe) correndo em cavalo sobre os matos de caatinga. E tendo o apanhado, pela primeira vez, quando na condição de animal adulto. Feito boi marruá.

Em decorrência, abordamos a construção do atributo de heroísmo à figura do referido personagem. A construção do nome de vaqueiro respeitado, em seu ambiente de grupo e no contexto de desafios de gado arreado, à solta pelas caatingas. De vaqueiro “ousado” e “destemido”, por cujas qualificações apresentamos uma concepção (compreensão) sobre a (uma) idéia de “macho”, indo **de encontro** a “machismo”. Entretanto, esta é uma abordagem (de gênero) que mesmo interessante, apenas se tornou adjacente ao nosso tema.

A continuidade do texto retoma o êxito da investida do vaqueiro Doutor de Vito, repercutindo em sua trajetória de vida o sentido de fama. E por fim, abordamos a vaquejada pega-de-boi no mato sob a perspectiva de sua continuidade, como manifestação cultural no ambiente dos sertões. Nos sertões sergipanos, propriamente, como evento de encontro e de confraternização de pessoas.

CAPÍTULO I

COM O DOM E PAIXÃO, PARA SER O VAQUEIRO “DOUTOR DE VITO”

Com dez cães arreado
O vaqueiro lhe avistou
Botou o cavalo nele
Mais ele num aguentou
O vaqueiro Doutor de Vito
Neste dia lhe pegou

Maurício do Pajéu, vaqueiro e aboiador (sobre a
“pega” do boi Zepelim), janeiro de 2016.

Sr. João Pepeta: É... é; outros fala [...]! Mais, o troféu poderia dar a ele!

Autor: Sei, sei...

Sr. João Pepeta: é... poderia dar a ele!! Era, era...

Autor: E esse Doutor, é (eu conheci)... mais eu queria que o senhor falasse: - Era realmente um vaqueiro bom?

Sr. João Pepeta: Era um hominho pequeno, mais era um vaqueirão!

João Joaquim dos Santos, João Pepeta, 85, de
Graccho Cardoso-SE, sobre o Doutor de Vito
(entrevista em 05 de julho de 2014).

Quando a vaquejada de “pega-de-boi no mato” é pensada como tema das práticas culturais dos sertões nordestinos, notadamente a tríade “vaqueiro/cavalo/boi” se entrecruza. Sempre se enreda em trama comum constada nas narrativas, cantorias, memórias e escrita de quem se reporta a este evento. Por motivo de preferência ou de escolha poderá, em determinada ocasião, mais se destacar a figura de um vaqueiro, ou de um cavalo, ou de um boi. Contudo, trama mais enriquecida e mais composta, não poderá prescindir do encadeamento de todos estes elementos.

Foi assim que se revelaram as várias histórias rememoradas pelo senhor Maurício Nunes dos Santos, de cognome Maurício do Pajeú, 70 anos, quando o entrevistamos em data 26 de janeiro de 2016. Um cidadão natural de Monte Alegre de Sergipe, porém muito mais natural do sertão sergipano; pois, sua história de vida também se acolhe pelas terras dos municípios de Porto da Folha e de Nossa Senhora da Glória, onde atualmente reside.

Porém, fácil mesmo é encontrá-lo na maior parte dos ajuntamentos de vaqueiros e de apreciadores de “corridas de mato” – notadamente nas reservas de caatinga ainda mantidas e preservadas no território do semiárido sergipano. Nestes encontros que todos celebram como festas, os visitantes e vaqueiros de toda região se acostumaram com a voz marcante do senhor Maurício. Seja num palco, no lombo de um cavalo ou a partir de um carro de som, anunciando vaqueiros e comitivas. Puxando versos de vaquejadas em sonoros aboios³¹ e toadas³².

Imagem 01 – Encontro com o senhor Maurício do Pajeú



Fonte: Arquivo do autor – Nossa Senhora da Glória/SE, em 08.01.2016

A figura de um homem de pele negra e de bigode branco, com chapéu de couro (artesanalmente bem trabalhado e adornado) sobre a cabeça, já está incutida na memória de quem frequenta os melhores eventos de pega-de-boi no mato pela região do semi-árido sergipano. Associando-o ao espetáculo da “peleja” ao boi “marrento” e “bom corredor”, para

³¹ De acordo com o Dicionário Folclórico Brasileiro (2012), de Luís da Câmara Cascudo, o termo corresponde a “canto sem palavras, marcado exclusivamente em vogais, entoado pelos vaqueiros quando conduzem o gado. Dentro desses limites tradicionais, o aboio é de livre improvisação [...].

³² Descrito em dicionários, a exemplo do organizado por HOUAISS “toada é qualquer cantiga de melodia simples e monótona, de texto em verso geralmente curto, sentimental ou jocoso. Vê em **HOUAISS**, Antônio (Coord.). Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. São Paulo: Objetiva, 2007. (01 Cd-rom).

ser alcançado pelo vaqueiro audaz e afoito à aventura. Um tipo sempre confiante na sua destreza e no apoio indispensável de seu treinado cavalo. Seu grande parceiro!

E das lembranças e memórias deste interlocutor, enfocando as vaquejadas de “pegas-de-boi no mato” e os personagens envolvidos com o evento, nos deu conta de fatos e episódios marcantes desta modalidade de vaquejada. Como nos disse: “*da vida de gado*”. E sobre homens-vaqueiros, na prática de “correr boi” no/pelo mato dos sertões sergipanos, quando inteiros de *caatinga*. E sobre a existência e façanha de bois famosos, que desafiaram a coragem e a teimosia de vaqueiros da região. Criando disputas e competições. Assim nos reportou alguns lendários bois das *caatingas* e vaquejadas do sertão sergipano, como o Ouro Fino, o Leão, o Flor do Campo e o Ponta Mole.³³

E lá meu pai saiu pro lado do Pajeú, comprou uma propriedade prá lá e eu tive o prazer de encontrar Miguel do Pajeú quando eu tinha treze anos de idade [...]. E nós se unimos e aí surgiu a festa do boi Ouro Fino e vários bois naquela época que a gente ia atrás de adquirir os bois que eram soltos no campo; muito às vezes a gente passava muitos dias sem ver... mas se juntava a vaqueirama e ía por mato e findava encontrando aquela rês para encurralar como eles chamavam antigamente; depois surgiu esse boi como uma diversão para a vaqueirama porque o boi foi difícil de pegar.

Animais lendários e patenteados no imaginário popular dos vaqueiros e população do interior sertanejo (principalmente de quem sabia sobre animais que ambientavam nos esconderijos das vastas matas de *caatinga*) como bravios, misteriosos e até encantados. Idênticos aos presentes nas páginas dos “romances do Ciclo do Gado”³⁴ e, na realidade das comunidades rurais nordestinas de pecuária extensiva.

³³ MAURÍCIO DO PAJEÚ, entrevista concedida ao autor, em Nossa Senhora da Glória-SE. Em 08 de janeiro de 2016.

³⁴ Esta qualificação de “romances do Ciclo do Gado” está contida no artigo **O Segredo do Boi Misterioso nos Romances de Vaqueiros** (2003), de Giulie Vieira da Mata destacando um elenco de obras do folclore nordestino, como: a “Morte do Touro Mão de Pau”, de Genésio Amaldo, **O Boi Mandigueiro e o Cavalo Misterioso** do cordelista José Bernardo da Silva. E outras de autores anônimos, mas coletadas por referenciais como José de Alencar e Sílvia Romero; respectivamente **O Rabicho da Geralda** por José de Alencar e **O Boi Espaço** e **A Vaca do Burel**, coletados por Sílvia Romero. Posteriormente, a terminologia “romances do Ciclo do Gado” é retomada no escrito **A Representação do Ciclo do Boi nos Romances Tradicionais**, apresentado por Doralice Fernandes Xavier Alcoforado, professora adjunta da Universidade Federal da Bahia, no 23º Simpósio Nacional de História – Londrina / 2005. Segundo a autora, objetiva-se neste trabalho analisar o processo de reelaboração simbólica no contexto da atividade pecuária no Nordeste brasileiro. Para esse estudo, o foco é a epopéia de corajosos e destemidos vaqueiros na tentativa de aprisionarem indomáveis barbatões criados em campos abertos. Como referência, apropria-se de antigas publicações como as já citadas (e trabalhadas) por José de Alencar: **O Rabicho da Geralda** e por Sílvia Romero: **O Boi Espaço** e **A Vaca do Burel**. Ainda mais (entre outros relacionados) o cordel **O Boi Misterioso** – de Leandro Gomes de Barros.

Nesta contextualização já referenciamos a leitura de Cardoso e Alves (2011) que exaltam a presença do boi, sendo historicamente marcante tanto na toponímia do Estado como no âmbito simbólico que se preserva junto à memória popular. E para ilustrar o simbolismo da cultura do gado como peculiar à identidade do homem do sertão sergipano, recorreram à citação do conto **Mágua de Vaqueiro**, do escritor maruinense Alberto Deodato Maia Barreto (1922, pp. 13-39 apud Cardoso e Alves, p. 211), incluído no livro **Canaviais: contos e novelas**, publicado em 1922. Tendo como cenário o ambiente rural do município sergipano de Gararu – SE, o texto

Narra a “corrida ao ‘Pintadinho’”, cuja fama enchia muitas léguas dos sertões do nordeste”. Pintadinho era um gado bravo, supostamente enfeitiçado pela velha Lauriana que morava “nos terrenos da Miaba”. Há nove anos, ele fugira estropiando vários vaqueiros. Para pegar Pintadinho, seu proprietário, o coronel Rocha, contratou seis destemidos aboiadores cearenses para correr atrás do boi enfeitiçado, cujo nome “se falava em voz baixa” por medo da mandinga de Lauriana.

A história deste boi “Pintadinho” não foi rememorada pelas narrativas do senhor Maurício do Pajeú. Entretanto, ele não pôde deixar de nos falar sobre o mais famoso dos bois, do elenco de fama como “arredios”, “marrentos”, “misteriosos”, “encantandos” – o boi chamado Zepelim, dos campos de caatinga do sertão sergipano de Porto da Folha e redondeza além!

Maurício do Pajeú: - Ele nasceu numa fazenda lá... fazenda Júlia; Farias (região de Porto da Folha) e pra lá se criou-se! E os donos do boi eu não conheci, né? E nem vir falar! Era gado que nascia nas mata e ninguém nem sabia quem era os dono! E esse boi deu muito resultado!

Autor: - O senhor sabe de algumas outras histórias, ou algumas outras crenças em relação ao boi?

Maurício do Pajeú: - Ah, vinha vaqueiro de todo canto e cada vez mais crescia o nome dele. Quando foi um dia o “Doutor de Vitor” da cidade de Aquidabã, filho do véio Vítor. O velho era muito rico, aí comprou um cavalo aí disse: - você tem que pegar esse boi. Aí ele foi... chegou lá, se encontrou com um pessoal que conhecia o boi, e chegou a correr boi.³⁵

³⁵ Entrevista concedida pelo senhor Maurício do Pajeú, em Nossa Senhora da Glória - SE. Em 08 de janeiro de 2016.

Muitas impressões, portanto, suscitadas pela referência ao Zepelim, um boi misterioso nas (das) matas de caatinga do sertão sergipano! E depois como ouvir falar, sendo por mais de uma década desafiador de legião de vaqueiros dos Estados de Sergipe, Pernambuco e Alagoas.

- E quem pegasse esse boi, como se constituiria no imaginário, nos comentários e conversas de vaqueiros e populações dos sertões afora?

De fato para alimentar o universo das “verdades”, “curiosidades” e “anedotas” sobre o sentido do “risco” e o “desafio” para os indivíduos destemidos a “correr boi”, em meio a espinhenta vegetação de caatinga!: - **Para atingir, mesmo, o qual fim?:** - O da demonstração de coragem, valentia ou da ousadia masculina? – Ou da ilustração do “cabra macho”³⁶ sertanejo, já romanceado na literatura regionalista tendo o cenário do ardente semiárido nordestino?

De sorte, também tornar-se-ia referência privilegiada pelos cantos e entoamentos dos cantadores do sertão, dos poetas e cordelistas. De todos estes verdadeiros garimpeiros de memórias, de histórias vivas e pulsantes de pessoas comuns, mas que marcam lembranças e contextos históricos regionais, locais, das vidas interioranas. Memórias colhidas para serem descritas, contadas e, cantadas! Ultrapassando singularidades individuais para o alcance de um coletivo. Assim como ensina Halbwachs³⁷ (2004) no que tange aspecto relacionado à memória:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem.

E em mesma perspectiva, tomamos diálogo com a escrita de Nascimento (2008, p. 149) **“Terra, laço e moirão”: relações de trabalho e cultura política na pecuária (Geremoabo, 1880 - 1900)**, abordando a maneira como a literatura (de referência deste autor) descreve os elementos apropriados ao vaqueiro “corredor de gado”. Este, por recursos e “mais pela vontade que tinha”, tornado diferente em relação aos demais da lida com gado.

³⁶ Em páginas do terceiro capítulo deste trabalho, manifestamos nossa compreensão e sentido desta expressão, no contexto próprio da cultura dos sertões (e do gado) do nordeste brasileiro.

³⁷ HALBWACHS, 2004, p. 30.

Nos romances, por exemplo, os versos que anunciam a partida dos vaqueiros atrás do boi falam da beleza de seus cavalos, da destreza e coragem dos cavaleiros, da vontade de se tornar famoso e também do medo de morrer, da despedida da família etc.

E como dito, se impressionante a narrativa sobre os misteriosos bois do campo selvagem caatingueiro, no ambiente do sertão sergipano o boi Zepelim, tornou-se ainda mais admirável. E o que imaginar do vaqueiro que alcançou e desbancou este “barbatão”? Constando das memórias do senhor Maurício do Pajeú, por suas narrativas e versos de toadas, o então corredor de boi, vaqueiro de nome popular Doutor de Vito, é assim decantado:

Não conheci Zepelim
Deus me deu um apoio
Pra eu ver o retrato dele
E a história como foi
Chegando em Porto da Folha
Em cima de um carro de boi
A história deste boi
Há meios séculos passado
Por espinho de xique-xique
Seu corpo foi perfurado
E assim pegaro o boi, magro, cego e aleijado

Com dez cães arredeado
O vaqueiro lhe avistou
Botou o cavalo nele
Mais ele num aguentou
O vaqueiro Doutor de Vito
Neste dia lhe pegou [...] ³⁸

E pela sua façanha, na sequência dos anos de 1950, manteve-se visto como herói perante à sociedade de vaqueiros. Perante toda região que compartilhava das pelepas “correr boi no mato” e, principalmente, por onde o boi Zepelim já tinha criado lenda.

Este personagem, octogenário ainda vivo (residente na cidade de Aquidabã-SE), que como diz o senhor Maurício do Pajeú em versos de sua lavra: “Doutor de Vito, o vaqueiro / Ainda hoje ele parra”. E, notoriamente, se ancora nas lembranças e histórias de tempos figurados como áureos das vaquejadas do sertão sergipano.

³⁸ Esta toada tem o título **Boi Zepelim**, 2014, de autoria do poeta Maurício do Pajeú. Segundo o cantador, em entrevista de 08.01.2016, a composição ainda é recente e pouco conhecida no ciclo e meio sertanejo das vaquejadas pega-de-boi no mato.

1.1 - Para além de um doutor, um vaqueiro

Da minha vida eu me orgúio,
Levo a jurema no embrúio
Gosto de vê o barúio
De barbatão a corrê,
Pedra nos casco rolando,
Gaios de pau estralando,
E o vaquêro atrás gritando,
Sem o perigo temê.

Patativa do Assaré (1978, p. 213)

Das memórias e narrativas de Maurício do Pajeú, tomamos sentido para conhecer de perto o vaqueiro Doutor de Vito, sabendo que o mesmo comemora em vida os seus octogenários anos. Para o intento, em data 22 de junho de 2016 fomos ao seu encontro, na cidade sergipana de Aquidabã. Sem contato prévio, imaginávamos dificuldades para a localização do referido senhor. Isto, também, porque do mesmo só tínhamos a referência de sua alcunha e que poderia ser insuficiente para referenciá-lo. Entretanto, por estas suspeitas demo-nos por enganados! Em tempo comprovemos (mesmo) que no ambiente do interior, mais do que o nome de batismo e de certidão que um indivíduo venha a ter, mais notável é a referência que este tem relacionado com a sua origem genealógica, que provém dos seus antecessores! Como diz na prosa popular: “que vem dos troncos”!

Logo em nossa primeira parada, na praça da cidade e na primeira consulta junto a senhores em bate-papos, fomos indicados ao local de moradia do nosso protagonista! – Chegando, apresentando-nos e abordando a finalidade que nos levava àquela visita; fomos convidados a sentar e ficar à vontade! E atestando cordialidade do homem interiorano, satisfeito em receber a quem lhe bate à porta, reproduzimos como se deu a nossa acolhida:³⁹

Sr. Aloísio: ... bateu na porta certa!

Autor: Meu interesse de fazer um trabalho sobre a vaquejada de pega de boi no mato

Sr. Aloísio: Graças a Deus... aparece, tá parecendo as descobertas, né? – Era oculta essa história porque não queria me valorizar!

Autor: Exatamente.

³⁹ Entrevista concedida pelo senhor José Aloísio de Matos, o vaqueiro Doutor de Vito, em Aquidabã/SE. Em data de 22.06.2016.

Sr. Aloísio: Sabe? ... aí incapava, encapava, né?- Mais tudo tem um tempo até quando passaro que descobrir, descobrir. Tire meus pontos? Os pontos que Deus me concedeu, ninguém tira. Então tinha que vir à tona, né? Tinha que vir à tona porque ficava encampando, encobrindo... essa coisa toda né, pra não valorizar!

Mas algo ascendeu de impacto, pois, imaginava encontrar um sujeito que mesmo senil; fosse de corpulência que reportasse um anterior homem de muita força física (em braços e punhos) jus ao empenho requerido para derrubar gado! Ulteriormente, pelas considerações do personagem de nossa busca; certifiquemo-nos de tamanha ignorância quando pela autoridade de suas palavras, o ouvimos dizer que não é a força física o atributo principal ao vaqueiro, mesmo se lida(va) com gado bravio ou marrento. Bastará sempre, força normal; própria de todo o homem normal.

Pela sua ciência, o que sempre diferenciará um bom vaqueiro é a determinação e presteza para cuidar do gado que está sob sua responsabilidade. E para o vaqueiro do seu tempo, quando gado era criado mais à solta, livre de muitas cercas e de “pastos feitos” (para a contenção da boiada); além da inerente força humana em punhos e braços, necessidade maior era por “coragem”; “teimosia”, “orgulho” – esse misto! Para a doma de gado, e, enfrentamento aos perigos da caatinga. Isto, principalmente, quando era preciso a busca aos animais dispersos e fugidios pelos ambientes de mato fechado, de espinhos e cactáceas. Com natureza de resistência a sol de inclemente verão, já que para o sertanejo o que lhe é perceptivelmente peculiar é este tempo quente, contrário a um outro de chuva na terra – o inverno.

Imagem 02 – Encontro com o vaqueiro “Doutor de Vito”⁴⁰



Fonte: Arquivo do autor – Aquidabã/SE, em 22.06.2016

⁴⁰ Na imagem, registro de encontro com o vaqueiro Doutor de Vito, em Aquidabã-SE, (22.06.2016). Consta da esquerda para direita: Ex-vaqueiro Adelson de Mariquinha, natural de Graccho Cardoso - SE; este autor (centro) e depois, o vaqueiro Doutor de Vito.

E demos início a nossa conversa!

Estava à frente, portanto, de um homem com estatura um pouco mais de um metro e cinquenta! Franzino! De olhos vivazes! - Percebi mãos pequenas e de pele engrossada, dada a franquia de muitos calos! Com as marcas da enxada que fez revolver a terra e cuidar dos roçados. Das cordas e arreios que nelas se dobraram, perante às práticas e manejo dos animais da fazenda. Bem receptivo e disposto ao diálogo que tanto (também) o interessava. Disposto, portanto, à conversa para falar de sua história, de modo que a soltando da memória, também retomava sua trajetória de vida e a de muitos outros homens comuns, do seu tempo. Pronunciando-se com voz branda, às vezes soltando palavras inaudíveis (e solicitado a repetí-las) foi traçando lembranças do que foram o seu cotidiano e passado...

Para o objeto de nosso trabalho de pesquisa, a vaquejada de pega-de-boi no mato, encontravamos-nos bem para nos servir do recurso metodológico da história oral,⁴¹ no salutar encontro e aporte das memórias (para a história). E do horizonte daquelas, as fontes orais se nutrem e robustecem o tempo histórico nas dimensões das simultaneidades, com (re) construções dos cenários e vivências do entorno de quem conta/reconta histórias (ou mesmo estórias). Notadamente, próprias do seu universo social e cultural, dos seus comportamentos e manifestações. De valores identitários. Nesse diapasão é valiosa a observação de Michael Pollack (1992, p. 201); inclusive dialogando com Maurice Halbwachs:⁴²

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.

Para a História, portanto, visando novas abordagens que privilegiem “saberes e fazeres culturais” de homens e mulheres comuns; as vozes e memórias das “fontes orais” são recursos imprescindíveis. E pertinente a isto Pollack (1992, p. 207) manteve-se atento quando asseverou “[...] é óbvio que a coleta de representações por meio da história oral, que é também história de vida, tornou-se claramente um instrumento privilegiado para abrir novos campos de pesquisa”.

⁴¹ Conforme já tínhamos salientado em parte introdutória deste estudo, apropriando-nos da leitura de Alberti (2007). E à maneira que entendemos o conceito de “memórias involuntárias”, de Benjamim (1987), buscamos nos situar no mundo e na vida passada pelas memórias do nosso interlocutor, o vaqueiro Doutor de Vito.

⁴² HALBWACHS, Op. Cit.;

Numa primeira perspectiva entendemos que esta relação compreende, ou serve de exemplo de “novas” abordagens historiográficas abarcadas pelo viés dos estudos culturais, objetos da História Social, sob a repercussão e influência da Escola dos *Annales* em sua fase de maturidade, a partir da segunda metade do século passado. Mais precisamente no contexto da História Cultural que, sob a nossa compreensão fomentou e criou mais espaços como abrigo para as micros-histórias, para a “história vista de baixo” - com novas vozes e protagonistas até então esquecidos, as pessoas do povo.

Conforme salientou Roger Chartier (2002, p. 95) “[...] cada micro-história pretende reconstruir, [...] a maneira como os indivíduos produzem o mundo social, por meio de suas alianças e confrontos, através das dependências que os ligam ou dos conflitos que os opõem”.

E remetemo-nos à leitura de Guimarães (2007),⁴³ com a discussão que espelha a importância da “memória” no horizonte do historiador de “revitalizar” o passado, com uma escrita alternativa às fontes escriturárias sem, necessariamente, pretender a anulação destas.

Depois à contribuição da historiadora Del Priori (1997),⁴⁴ pelo seu texto **História do cotidiano e da vida privada**. Que por esta leitura, embora não tenhamos-nos orientado para discutirmos as categorias “cotidiano” ou “História do Cotidiano” vinculados à “vida privada”; melhoramos nossos sentidos e compreensão sobre “coisas” do cotidiano. Na verdade, para bem entendermos, o que é vida cotidiana.

Imprescindindo-nos desta escrita a compreensão de que pelas “pequenas coisas” (como coisas correntes do dia-a-dia), dá-se a construção da história. Não somente por força ou virtude dos grandes fatos e nomes; mas principalmente por pessoas comuns e por seus hábitos e rituais diários.

Como os do nosso protagonista, que após imediatos cumprimentos passamos a saber do seu nome “de pia”: José Aloisio de Matos. Como disse, nascido de parto natural. Em casa

⁴³ Fazemos referência ao artigo **O presente do passado: as artes de Clio em tempo de memória**, constante da obra coletiva **Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história** (2007), organizada por Rebeca Gontijo.

⁴⁴ Constante da obra **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**, 1997.

própria de uma das propriedades de seu pai, como disse: “... nasci aqui no... eu não lembro se foi aqui na Fazenda Poço da Volta ou foi numa Fazenda alí, adiante, chamada Manibu”.⁴⁵

Contundo, apanhado pelas mãos da parteira Dona Izabel, num dia de terça-feira, cinco de julho do ano de um mil novecentos e trinta e dois. Mês que a tradição popular, e o senhor Aloísio, também chamam mês de “Santana”. Nome de quem vem a ser, segundo a Igreja Católica, a mãe da “Virgem Maria”. Sendo, portanto, a avó materna de Jesus Cristo. Como Santa católica é, coincidentemente, a padroeira da cidade de Aquidabã-SE, terra natal do senhor Aloísio.

Em ordem de nascimento, é o sexto filho (de uma prole de nove) do casal Victor Teodoro dos Santos e Lúcia Matos dos Santos. Seu pai, naquele tempo, bem-sucedido proprietário de terra e gado (de leite e de corte). Tido como um dos fazendeiros mais ricos da região. Sua mãe, dona de casa! De casa de quintal, de terreiro que se estendiam para o ambiente das roças, das pastagens... de onde se plantava, se colhia, se criava. Portanto, “dona” de atividades que se estendiam dos atributos do lar aos do agropastoril.

E teve a sua vida de infância neste descrito ambiente do campo, na propriedade dos seus pais. Também com a intimidade da roça. Do pastoreio que requer juntar e apartar gado, tratar dos animais, tirar leite! E quando brincando, associando as brincadeiras de criança com o universo do labor com a terra e com o gado. Desta sua memória, portanto, recordações do “tempo de menino” nos foram contadas como se estivesse nos mostrando jóias, ou no mínimo, objetos de cores e formas.⁴⁶ Sua fala, conforme transcrevemos, revela isto:

[...] a minha infância é [...] do início era aquela brincadeira de “boi de osso”, aí eu fazia depois com o desenvolvimento... eu encangava dois, butava um grampo na frente de cada um, butava um cordão e saía puxando. Depois, aí, foi aumentando o desenvolvimento e aí eu fiz um carrinho de caco de cuia, aí butava os boi [...] e peguei mais dois butei no meio e depois botei mais dois na dianteira. Eu era carreiro com cem boi! Graças a Deus, né? - Nasci com esse dom; que o principal é nascer com o dom. Nasci com esse dom, Deus mim fiz (sic) assim.⁴⁷

⁴⁵ José Aloísio de Matos, o vaqueiro Doutor de Vito. Em entrevista concedida ao autor, na cidade de Aquidabã/SE, em data de 22.06.2016.

⁴⁶ A maneira como o nosso interlocutor nos fez o percurso de suas lembranças de infância, refletimos a concepção de “documento-monumento”, categorizada por Le Goff (1984 apud Alberti, 2007, p. 183), decorrendo entedimento de que “o monumento” em contrapartida, teria como característica a intencionalidade, uma vez que é construído para perpetuar a recordação [...]

⁴⁷ Transcrição da fala do senhor José Aloísio de Matos, o vaqueiro Doutor de Vito, em entrevista que nos concedeu em 18 de janeiro de 2017.

- E sobre a alcunha “Doutor de Vito”? – Como a ganhou?

Confessamos ter imaginado a origem deste apelido, por função de algum vínculo acadêmico relacionado ao referido sujeito. Que da época que o temos de referência (anos de 1950), bem se confirmam as condições “de posses” de sua família para tê-lo como “homem de estudo”, de “grau e anel de doutor”. Como próprio deste tempo (até a maior parte do século passado), muito prestigioso para uma família (que assim pudesse) era fazer constar de sua genealogia, a figura de um graduado. E, por excelência, de um médico, um engenheiro, um advogado...!

Contudo, os motivos estão longe disso! Se prendem à história de traquinagem de menino. Daqueles que mesmo tímido e costumeiramente obediente, em ocasião de dispersão dos adultos e por intenção de curiosidade, tendem a cometer uma ou outra infração. Ver-se-á que no caso do menino Aloísio, decorreu fatalidade cuja consequência se eternizou no que viria a se constituir a sua personalidade, imprimindo marca física e na sua distinção de sujeito. Como assim, nos relatou:⁴⁸

Autor: E de onde vem assim esse seu apelido, de Doutor de Vito?

Sr. Aloísio: [...] por causa desse dedo, ói... (mostrando mutilado o primeiro dedo do seu pé direito).

Autor: Mas isso...

Sr. Aloísio: ... aí veja só, ganhei o título de “doutor”. Com cinco anos uma tia minha nessa casa né (?) tinha uma “quinta”! Chamava uma “quinta” naquele tempo, né, uma areazinha de planta! Aí ela veio arrancar umas plantas mais mamãe – a irmã de papai! Aí ela deixou um facão, um facão de dezoito polegadas! E naquele tempo gastava a ponta do facão e trás ficava largo. Amolava tanto que gastava [...]! Era fino, era fino... Quando eu [...] do tamanho do facão – eu com oitenta anos, com oitenta e dois anos tou deste tamanho! E com cinco (risos)? – Era do tamanho do facão! Aí quando eu peguei; levantei! Aí topou! Aí, quando topou, soltei! Aí, tem uma “juntinha” aqui (mostrando o dedo); tem uma “junta” aqui... pegou aqui, né? – Não abriu, mais cortou. Aí naquele tempo... Não tinha injeção! Não tinha nada! ... verniz de cadeira!

Sr. Adelson (pai do autor que acompanhava a entrevista): - Negócio era coisa do mato mesmo...

Sr. Aloísio: ... Coisa do mato mesmo! Verniz de cadeira [...]! Verniz! – Me botaram numa cadeira ali (apontando para um canto da sala)! [...] Não tinha injeção, não tinha nada...era um atraso terrível! – hoje mesmo, com tanto desacerto que tá no mundo, é melhor né (?)... que tem as providências. [...] Mais aí apareceu um médico... e aí o dedo ficou inchadão assim!! – Aí médico disse... Pegou a me alisar! Alisou...! – Um medicozinho do meu

⁴⁸ Este relato transcorreu mediante a entrevista que realizamos com o senhor José Aloísio de Matos, em seu domicílio, na sede do município de Aquidabã – SE, em 22 de junho de 2016.

tamanho! Aí me botou pra trás, né (?)... botou prá trás pra eu não ver (?)! – Aí largou o canivete aqui (mostrando o dedo)... E faça o calclo (sic)...

Autor: Ah; não tinha como?

Sr. Aloísio: Não tinha como... aí, cortou! Não sei se eu vir o resto né (?)... e aí pronto! Daí pra frente mamãe foi ajeitando e aí concluindo... sarou. – Sarou e depois de tempos começou a sair essa unha, ói (mostrando)! – Já cortei várias vezes essa unha.Ói! – Ela cresce, eu vou... corto! Eu até agora dei uma aparadinha, né (?) – Num sei se por causa dos janeiros ela não tá desenvolvendo muito não (risos).

Autor: E aí ficou “doutor”, por quê? – O nome do senhor é Vitor, é? – Não, Vitor é o nome do pai do senhor?

Sr. Aloísio: É... é meu pai! – Então, ele aí (reportando-se ao médico) pegou a lisar-me e disse: - você vai ser um doutor! Vai ser um doutor. Você é um homi de corage! Você vai ser um doutor! – E eu peguei o título de “doutor” por causa desse dedo (risos)!

Visto, então, que uma história de dor (episódio do acidente) sofrida pelo menino Aloísio, em sua tenra idade; ajudou a compor a sua identidade. Prenunciou a coragem como atributo para o profissional da medicina, que assim poderia tornar-se o pequeno rebento do senhor Vítor. No entanto, esse requisito se dispôs para a formação de um vaqueiro, nas tarefas próprias do pastoreio. Já aos dez anos acompanhando o seu pai como ajudante em atividades de inspecionar o rebanho de gado, transpor reses entre as pastagens, apartar e juntar os animais. Amanhecer com o sol e, logo cedinho, dar contas de vacas no curral para serem ordenhadas.

Teve alfabetização escolar; mas com certeza as lições que mais aprendeu, foram para o trabalho e vida do campo. Como depreendemos de sua narrativa, em ocasião da entrevista que o fizemos:⁴⁹

Autor: O senhor quando menino, frequentou escola?

Sr. Aloísio: Frequentei! Frequentei escola e eu... sempre re...relembro essa histora: as minhas professoras, com o respeito que eu tinha aos meus pai e com o respeito que eu tinha as minhas professoras (que eu só estudei com professora, com professor não... com professora) eu vinha pra qui quando eu comecei a trabaia, levava um animal cum leite numas vasilhas de lata (naquele tempo era lata de querosene) que butava... que butava em dois caixão, eu levava e quando chegava em casa mamãe dizia: vá estudar... E eu nem ía tomar café! Eu ía logo estudar! Estudava, estudava [...]. Quando chegava meio-dia o almoço tava pronto, só era acabar de almoçar, o cavalinho tava no quintal, eu butava os vasilhame e vinha praqui prá prender os bezerros. Graças a Deus a minha adolescência foi desse jeito!

⁴⁹ Já referenciada neste trabalho, tendo ocorrida em visita que o fizemos em seu domicílio, na sede de Aquidabã – SE, em 22 de junho de 2016.

Autor: Então soube associar, juntar a vida de trabalho (com seus pais) e a escola?

Sr. Aloísio: E cum isso fui, fui... teno istima ao gado! Nasci cum esse dom (que o principal é nascer cum o dom); nasci cum esse dom, Deus me fiz (sic) assim. Trabalhei cum muito gado... aquele gado pra mim era a alegria de minha vida, sabe... e cum aquilo eu fui desenvolvendo, desenvolvendo... Chegou [...]. Eu tenho vinte e duas ou vinte e quatro vitória...

Coincidência com o enredo cantado nos versos de Patativa do Assaré (2003, p. 213-216), de seu poema “Vaqueiro”:

Eu venho dêrne menino
Dêrne munto pequenino,
Cumprindo o belo destino
Que me deu Nosso Senhor.
Eu nasci pra sê vaquêro,
Sou o mais feliz brasilêro,
Eu não invejo dinhêro,
Nem diploma de dotô.

Assim, tomando os rastros do pai! Mas, notadamente, construindo o seu próprio destino! E aos poucos tomava maior gosto... mesmo, era para perseguir rastros de bois fugidios, de gado arredio que se rebelava ao controle de seu dono, do seu vaqueiro.

1.2 – “Quem faz o vaqueiro bom, é o cavalo bom”

Para tanto, o vaqueiro Doutor de Vito nos falou de alguns dos seus bons cavalos. Com ressalva para aqueles da rotina de trabalho no campo e distintos, para o esporte da vaquejada. Qualidades próprias dos garanhões que possuiu, e que se adaptaram, para às buscas de boi no mato. De seu elenco, destacando os cavalos Brilhante e Meladinho. Este último, também glorificado por ter levado o seu dono ao êxito de alcançar o melindroso boi Zepelim, em 1954.

Fez-nos recordar das memórias do vaqueiro-poeta-cantador Maurício do Pajeú, quando levantando suas lembranças para nos falar de histórias de vaqueiros e de vaquejadas; enriqueceu sua narrativa com as referências a estes (também) protagonistas

Sr. Maurício: - Há vários, vários cavalo! Não é todo cavalo que dá pra “pega de boi” não! Tem cavalo que é bunito mas num sabe acompanhar um boi! E o cavalo mais famoso eu conheci um por nome de Guloso, né, Paturi. Eu tinha um apelidado por Pirulito (risos) e... outro por nome de Azulão.

Peguei muito boi nesse cavalo Azulão, quando eu ía atrás ele pulava os arames, né, o boi e o mesmo não respeitava não! Do jeito que vinha pulava lado a lado...⁵⁰

Que também nos presenteou com a cantoria de uma composição de toada!

Autor: - Alguma toada para um cavalo campeão?

Sr. Maurício: - do Cavalo Lavandeira! Esse Cavalo Lavandeira foi de um cidadão por nome de Juquinha Meneses. [...] ele foi embora, deu de presente o cavalo a Sólon de Miguel do Pajeú. Eles foram correr um boi e lá pegaram muito gado... [...] o cavalo adoeceu e no outro dia amanheceu doente e disto morreu. E eu criei a música do cavalo. Cavalo Lavandeira... vou cantar agora ela:

No cavalo Lavandeira
Sólon deu doze carreira
Induzir vaca ligeira que tinha na região

Quando vestiu o gibão se combinou com Nequinha
Nós pega as vaca todinha e acaba com a confusão

Era um dia de torneio seu nome estava no meio
O momento ficou feio depois do gado amarrado
Doze ponto foi marcando beberam muito Pitu
Voltaro pro Pajeú contando um bom resultado

Na fazenda eles chegaro, os seus cavalo soltaro
Armaro a rede e deitaro e quando o dia amanheceu
Vejam como aconteceu, veio um clima diferente
O cavalo amanheceu doente no mesmo dia morreu

Oi Sólon entristeceu, falou pros amigos seu
O meu cavalo morreu, vou pendurar meu gibão
Em um torno no varandão tá seu gibão pendurado
Quando tem festa de gado ele sente a recordação...

É bem sabido que desde o ciclo do gado no processo de ocupação de parte do território sergipano, propriamente nas regiões do agreste e do semiárido, a economia da pecuária se deu pela modalidade extensiva. Pode ser traduzida pelo regime de pasto, ainda predominante neste ramo de produção econômica do Estado.

E como destacaram Santos e Oliva (1998, p. 33-4), foi esta empresa a responsável pela expansão do povoamento destas terras do agreste e do sertão sergipano:

⁵⁰ Em entrevista concedida em data de 08 de janeiro de 2016. Na íntegra, o seu conteúdo consta em artigo do autor desta dissertação, intitulado “... De um certo ‘Maurício do Pajeú’: memórias que contam e cantam um sertão sergipano de vaquejadas”.

A importância da pecuária no movimento da colonização sergipana está marcada pelo nome de povoações, hoje cidades, que começaram a destacar-se no decorrer do século XVIII, [...] como foi o caso de Campos do Rio Real (Tobias Barreto), Malhador, Curral das Pedras (Gararu), Campo do Brito [...]. Foi essa a origem do Riachão do Dantas, Simão Dias, **Aquidabã** (grifos nossos), Nossa Senhora da Glória e Porto da Folha, por exemplo.

Tanto para as atividades voltadas para a criação de gado de corte, como leiteiro. Para ambas, no entanto, às funções atribuídas ao vaqueiro são comuns. E dá-se como imprescindível e, necessariamente, a habilidade para montar e andar a cavalo! Para tocá-lo à frente e pastorear, tanger e juntar animais; cuidar e domá-los – “vaquejar”!

Parafraseando o senhor Aloísio, começamos a denotar que um “bom vaqueiro deve ser um bom montador”. E imaginamos como tornava-se sedutor para este tipo de sujeito dispor de um bom “cavalo nordestino”, adaptado para o ambiente das caatingas sertanejas. Pensemos como o jovem Aloísio, o vaqueiro “Doutor” do senhor Vítor, se sentia engrandecido pela posse de um corcel (cavalo novo, potro forte e grande)? - Para cuidar de gado que não apenas se continha nos pastos “feitos” e tomavam as mais extensas e abundantes áreas das matas. Estas que em dada época, se constituíam maior parte das propriedades rurais. De modo assim, um mundo aberto para as reses que se desgarravam do rebanho. Fugiam ou se perdiam em recônditas áreas de mato.

Deste contexto, efetivamente foi despertado o gosto do jovem vaqueiro, filho do fazendeiro Vítor Teodoro, para buscar e pegar boi no mato!

Façonha que se iniciou não especificamente pelo desafio, pela disputa em si para alcançar um referido boi, um “barbatão”. Mas pela obrigação comum de retocar gado arisco que, por fragilidade das cercas das propriedades, ultrapassavam os limites destas. Portanto, situação propensa tanto ao gado do seu pai invadindo área vizinha (de um outro criador), ou dando-se o inverso. E sem levantamento de culpas, o que se cabia como responsabilidade imediata era a presteza de um vaqueiro para “botar o cavalo pra cima, tacar o cavalo nos garrotes... pegar! Amarrar”! As vezes somente tanger!

E dessa prática, atividade laboral, é como normalmente os vaqueiros sertanejos tomam sentido (motivação) para a “pega-de-boi no mato” constituída como esporte, como disputa! Futuramente, se convencionando vaquejada⁵¹. Entretanto, para qualquer cenário sendo

⁵¹ Compreendemos a “pega-de-boi no mato” na concepção de vaquejada quando a prática se institui do aspecto de “disputa”, de “competição”. Também percebida pelos atores e comunidade de vaqueiros como esporte. Nesta

imprescindível a disposição de condições materiais inerentes (pelo menos possuindo um cavalo “bom de mato”). E também ser incluso de um ambiente de vivência / convivência com a “peleja” do gado em manejo extensivo, ter motivação e inserção em grupo.⁵²

E tanto para o Doutor de Vito como para os tantos outros vaqueiros que, secularmente, despontaram para esta modalidade cultural dos sertões nordestinos e sergipanos, estes quesitos precisaram está presentes. Para em sua comunidade e em seu grupo, serem vistos e considerados como “vaqueiros completos”.

Para este fim, o rapazola filho do senhor Teodoro reunia todos os requisitos. Da vontade e determinação, aos recursos materiais necessários. Já abordamos sobre os seus cavalos de referências – o “Brilhante” e o “Meladinho”. Mas, outros elementos são próprios para a expressividade de um vaqueiro “das caatingas” dos sertões nordestinos. Como falando sobre a importância de alguns objetos, característicos e identitários do “vaqueiro da caatinga” nordestina destacamos a fala do senhor Doutor de Vito, carregada de paixão e gosto, descrevendo sobre caracteres do seu “chapéu de couro”:⁵³

O chapéu de couro é a importância do vaqueiro. Porque [...] o vaqueiro sem o chapéu de couro ele não faz o selviço completo! Quer dizer, se o chapéu cair ele vai arriscar mais...a vida de que a pegar o boi! Ele deve de conservar o chapéu de qualidade, um chapéu bem equipado com boas correias; com tudo pra aguentar a pancada que leva na cabeça...

Como assim também nos falou sobre o seu “terno de couro”,⁵⁴ apetrecho de maior identidade do vaqueiro nordestino, quando a lida com gado em ambiente de caatinga se dava de maneira habitual. Em atividade laborativa.

o terno de couro eu sempre digo...(eu tenho um bisneto que diz: voinho me dê esse terno de couro pra mim)! Eu digo...: Vinícius (ele se chama-se Vinícius); você merece eu lhe dar um linforme (sic) de couro. Agora você pode não ter a estima que eu tenho por este linforme de couro! - Ele disse:

perspectiva, vaqueiros se reúnem e se instituem em grupos formais, normalmente definidos como “equipes” e se organizam para “disputar o boi” com uma outra “equipe” de vaqueiros. Pela decorrência famanaz de um determinado animal, por série de tentativas frustradas para eventuais “grupos”, projeta-se uma outra dimensão de disputa (além da que ocorre entre equipes) envolvendo não somente vaqueiros *versus* vaqueiros; mas vaqueiros / vaqueiros *versus* boi.

⁵² Instituir-se numa formação de grupo, de “equipe” de vaqueiros. Sentido de comunidade.

⁵³ Em entrevista já referenciada neste trabalho, tendo ocorrida em visita que o fizemos em seu domicílio na sede de Aquidabã – SE, em 22 de junho de 2016.

⁵⁴ Várias peças compõem o conjunto de acessórios de couro trabalhados como “terno de couro”, apropriado para equipagem de um vaqueiro de “pega-de-boi no mato”. Normalmente calça, gibão (um tipo de casaco com perneira, chapéu, guarda-peito, luva), e botas.

mais por que? – Eu digo, porque um linforme de couro meu, eu considero como o melhor terno que eu tiver, com a gravata, com tudo! Eu cum linforme de couro, eu tou mais home de que no terno!

E pelo seu gosto por aboios e toadas, entendendo que em essência essas músicas até acalentam os bois bravios e, são melodias para as histórias de vaqueiros com suas lutas e amores. Como o vaqueiro Doutor de Vito nos reportou:

Eu admiro... eu admiro! E ainda tenho pra completar: sei tirar verso [...] mais tenho acanhamento! Repare! E o melhor toadeiro até hoje pra mim é Maurício.⁵⁵ [...] Todo, todo... tem equipe onde nós se encontramos em Porto da Folha, cum dupla de aboiador, tudo... mas eu dou linha de frente a Maurice.

A adoção de gosto por estes elementos do universo da cultura do gado, pode ser vista como certo rito de passagem – uma iniciação para práticas mais duradouras, indicadas para se perpetuarem compreendendo a trajetória de vida do sujeito. Constituindo-se parte de sua história e identidade. Moldando a sua biografia.

1.3 – Ser Vaqueiro de pega-de-boi no mato: dom e paixão

Para ser testado e para a sua autoafirmação frente às pelejas de pega-de-boi no mato” na perspectiva de “esporte” e modalidade de “disputa” - referenciou a pessoa do fazendeiro Nivaldo Pereira, dono de terras vizinhas à propriedade do seu pai. Contou que foi este um dos primeiros a tomar tenência de suas qualidades de vaqueiro com proveito para a pega-de-boi no mato. Reconhecendo-lhe os requisitos de aptidão, determinação e coragem de topar espinhos e arbustos, matos fechados de caatinga onde marruares se escondiam. E do atributo da teimosia, inerente a quem não se sossegava antes de alcançar os famanazes bois de carreira.

Para tanto se reconhecia: “... que, que eu nasci com aquele dom, de assim próprio. Mas eu não dizia a ninguém mas eu notava que eu desenvolvia, sabe?”⁵⁶

Entretanto, parece que mesmo sem fazer alarde desta sua inata capacidade, logo o senhor Nivaldo Pereira tomou ciência disso para referenciar o jovem vaqueiro como

⁵⁵ Referindo-se ao poeta, compositor e cantador de toadas Maurício do Pajeú, da região do sertão sergipano. Personagem já citado.

⁵⁶ José Aloísio de Matos, o vaqueiro Doutor de Vito, em entrevista já citada, em 22 de junho de 2016.

destemido. E perante os veteranos de história feita frente aos desafios com o gado – exemplos declarados em relação aos vaqueiros de sua “turma” – Manoel e Zuza; assumiu a responsabilidade para a fama do rapaz Aloísio. Inclusive sustentando esse tipo de aval junto ao seu amigo Teodoro, pai do mesmo. Isto se constituiu apadrinhamento e um grande reforço para a sua autonomia; ganhando respaldo para tomar frente às pelejas com o gado bravo. Como descrevemos:

Autor: E quando começou o desejo, mesmo, para o esporte da “pega-de-boi no mato”? Foi porque teve a influência de alguém?

Sr. Aloísio: É... Mesmo, porque a gente via, eu vendo o movimento, achando bonito e depois, né?

Autor: Lembra assim, na época quem? Quem o senhor via comentar: olhe, participou de uma peleja e era vaqueiro corajoso? O senhor lembra, assim, de algum nome?

Sr. Aloísio: Lembro... lembro! Tinha vários vaqueiros naquela época, né? Então tinha o Manoel Vaqueiro, tinha o Nivaldo Pereira que foi o meu... o maior torcedor! Foi Nivaldo Pereira, me incentivava junto a papai. Quando tinha uma dúvida, com animais que ninguém pegava, ele dizia: Vítor, vamo levar Doutor! Doutor resolve o problema...

Autor: E esse Manoel Vaqueiro, esse Nivaldo Pereira são da região daqui também?

Sr. Aloísio: É, é... da região daqui! [...] E eles eram que me levavam pras disputas, n'era? Tem que Nivaldo Pereira, era o incentivador. Ele tinha vaqueiros, um Zuza que foi vaqueiro dele e tinha mais outro dele, né?

Doando-nos assim estas suas memórias, “[...] onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF 1990, p. 250) tomamos sentido para a reconstrução de imagens e de tempos não coetâneos. Tempos passados destes homens sertanejos e de suas epopéias no ambiente cultural de suas lidas campeiras, de suas festas e entretenimento, de seus relacionamentos e valores.

Começou-nos a narrar sobre o episódio que ele considera ter sido, do seu elenco de pega(s)-de-boi no mato, a sua primeira vitória: dá conta da cria de uma vaca, um novilho que há cerca de um ano tinha paradeiro ignorado! Suspeito apenas de que estava embrenhado nas matas adjacentes à fazenda de seu pai. O animal fazia parte do rebanho de Dona Sinhazinha; uma fazendeira com propriedade que limitava-se às terras da família do vaqueiro Aloísio. Encontrar e torná-lo para os pastos de onde fugira, passou a se constituir não somente um

desafio para este, mas um verdadeiro empreendimento. Isto porque em decorrência do desaparecimento do animal, criou-se uma certa animosidade entre a dona deste e o senhor Teodoro, o pai de “Doutor”, pela desconfiança de que o garrote se encontrava em parte de sua propriedade. Mas, se assim estivesse, onde poder encontrá-lo e de quem a responsabilidade de tangê-lo, de apreendê-lo? – O senhor Teodoro não admitia ser dele os tais encargos!

E ampliou-se a malquerência quando o suspeito fujão passou a ser confundido e assemelhado com um dos exemplares de gado adquirido por este fazendeiro, em negócio procedente de outra região. Dito pelo Doutor de Vito como sendo um gado rústico! E dentre as reses, portanto, uma passou a ser (mal) vista como de propriedade alheia e para acender o conflito, passou a ser demandada por quem reclamava a indevida posse. Inclusive por seus empregados passando a estabelecer investigação sobre animais e terras do antagonista. Situação, portanto, de desagrado que mais inflamou as relações de vizinhança e mais servindo para incomodar a quem não reconhecia erros ou negligências. Ao senhor Teodoro.

Doravante, para este se definiu como questão de honra e de razões promover provas de que estava com a verdade; sem pretensões suspeitas ou com subterfúgios. Demonstrar que não procurava esquivar-se da situação, pois, se assim procedesse estava mesmo era obstando ao seu caráter. E por força disto, determinou aos seus vaqueiros que estes a qualquer custo, e “pelo amor de Deus” varressem toda vizinhança para dar sentido com o paradeiro do “discordioso”!

O filho Aloísio se assenhoreou da obrigação, compreendendo maneira de resolver o mal-estar de seu pai e acabar com a pendenga. Contudo, era consciente da empreitada difícil! Porém, sedutora como desafio para um jovem de dezesseis anos, iniciante com a lida do gado e tomando para si obrigação de gente grande, adulta.

Isto era sensação comum para jovens do campo que se identificavam com a atividade da pecuária. Para alguns em virtude da admissão como empregados de fazendas; efetivamente para as funções de vaqueiro. Para outros, integrando-se às atividades como principiantes tomando ordens e orientação por parte dos seus pais, como o caso do Aloísio, “Doutor de Vito”.

Entretanto, de uma forma ou outra, o que é notória a partir das relações deste trabalho é a capacidade, comumente, deste tipo de trabalhador adquirir certa forma de projeção à “certa” gerência dos empreendimentos das fazendas. Isto porque é o sujeito de confiança

plena do patrão e, lida como pastor do gado – que o cuida e zela! No caso que tratamos, estava o nosso sujeito vaqueiro para ser o homem da consideração e apreço do seu pai.

Pelo seu “dom” imaginado e “paixão” de ser vaqueiro, tinha a crença: “[...] mas Deus gosta das coisas certa!”⁵⁷ E também concede sorte a vaqueiro! Como muito bem acreditou, na ocasião em que após o término do manejo com as vacas para a mama dos bezerros; sem menos esperar foi de vistas surpreendido com a figura ao longe, do audacioso boi de dona Sinhazinha. Sorte ou destino?

Sr. Aloísio: Aí eu vi foi aquele estouro (gesto de susto), que eu botei os olhos no garrote! Mas ele em vez de esmorecer aí eu fui que... corri atrás do garrote pra ver se pegava, repare! Aí eu soltei a estopa e sair foi como um bicho, mas ele descontrolado [...] não pôde passar aí voltou. Subiu aqui num cochilo (sic); passei a mão na cauda mas ele assombrado foi embora! Aí eu fiquei, “eita” meu Deus, graças a Deus (toda vida eu fui contrito com Deus). Eu disse Graças a Deus apareceu o garrote que nem eu sabia onde tava o garrote,... um ano que eu não via! Aí eu digo, amanhã eu venho pegar esse garrote (repare). Minha primeira vitória, aí lembrei do meu irmão que tinha um cavalo que era lá no pasto, que ele não pegava o cavalo era gordo! Eu digo: com o cavalo do meu irmão, amanhã eu venho pegar esse garrote. Sem linforme (sic) de couro, sem nada... Aí eu cheguei lá doido para dizer a papai, sem querer dizer... que eu queria ir sem papai saber, se papai fosse não deixava eu ir! Eu ia em pano? Como é que eu ia em pano?⁵⁸

Refletimos sobre a ansiedade e o que se processava na cabeça do jovem vaqueiro “Doutor”, imaginando a forma como se daria aquela inaugural carreira; aquela primeira competição. Desta feita não protagonizada por vaqueiro/equipe versus vaqueiro/equipe. Mas de um vaqueiro versus um boi. Uma disputa individualizada e carregada de (para) gerar vários sentidos, significados e representações. Por ela, o sexto filho do senhor Teodoro poderia se autenticar como um vaqueiro destemido, como “homem de confiança” de seu pai, como referência junto à comunidade vaqueirama de um arrojado buscador de boi difícil. E, possivelmente especial para certificar o respaldo e os termos de fama já patrocinados pelo fazendeiro Nivaldo Pereira, que tão prontamente já o gabava perante à vaqueirada. Poderia ser, portanto, o bom começo de (para) uma carreira venturosa que partia do “labor” para o “esporte” - extraordinária especificidade desta modalidade de trabalho do campo que se constituiu num tipo de recreação do meio rural – a vaquejada! O bom começo para a sua

⁵⁷ Depoimento do senhor José Aloísio de Matos, em entrevista já citada, em 22 de junho de 2016.

⁵⁸ Idem, entrevista com o senhor José Aloísio de Matos, em 22 de junho de 2016.

história que viria a ser, a de um homem comum a herói. E convenhamos que na ocasião, não se previa a epopéia ao boi Zepelim!

Quanta imaginação e idéias, por certo, não povoaram a mente do corajoso e audaz vaqueiro, pela possibilidade de barrar aquele trabalhoso boi? – E por tanta vontade e expectativas levadas ao nível da inquietude; o que tinha como surpresa e graça para o seu pai não puderam ser contidas: a vista e a tentativa de busca ao boi de Dona Sinhazinha! Como assim nos narrou a sua abordagem:⁵⁹

_ [...] papai deixe eu vou lhe dar uma alegria, mas tome choque não! Ele já tava enjoado com a vizinhança, né, com a vizinhança!

_ Disse: o que foi meu filho?

_ Eu digo, o garrote de Sinhazinha apareceu!

_ Disse: como é? Tem certeza?

_ Eu digo: tenho certeza, eu conheço o garrote! Tá com um ano que eu não via, agora o garrote é aquele. Eu toda vez tangia ele e amanhã eu vou pegar ele!

_ E como você vai pegar?

_ Eu digo: amanhã eu pego ele. Aí eu disse a ele como era.

_ Ele disse: que nada, você pega nada.

_ Eu digo: eu vejo amanhã... Aí terminamos de fazer a limpeza no... (inaudível) d'água e aí, peguemo o gado e tangemo...

Revelado ao seu pai o paradeiro do boi de Dona Sinhazinha; ficou também estabelecida a promessa de busca e “pega” daquele animal fugaz! – Por uma certa questão de honra!

E o fato nos foi contado, celebrando primeiro a cumplicidade do seu cavalo “Brilhante”, tratado por ele com muito carinho. Era animal esperto e ágil quando tocado para disparar em campo limpo. Ou audaz, pelos matos afora da caatinga de baixo arvoredado e arbustiva. E parecia captar o que se premeditava na cabeça do seu dono, respondendo à vontade deste com obediência aos seus comandos, ao que ele pretendia, com a esperada destreza: “[...] aí eu doido pra pegar o garrote (risos) aí “toquei o pau”, “toquei o pau”! Butei...butei o cavalinho e ele respondeu, viu...”. Por isto visto como peça significativa para o seu protagonismo, de apanhar o fugitivo ao qual estamos nos reportando.

⁵⁹ Da entrevista concedida pelo senhor José Aloísio de Matos, em 22 de junho de 2016, narrando diálogo entre este personagem e o seu pai Vitor Teodoro.

Para a execução do feito (assim como a promessa que tinha firmado), tudo o mais já estava premeditado ao desde cedo ter apanhado o seu potro, tê-lo arreado e tomado saída junto ao seu pai para a dita missão. Devendo adentrarem por trilhas feitas ou veredas ainda a se desbravarem no espaço da vegetação “encapoeirada” que tinham pela frente. Daí para frente, ele completo de vontade e determinação. Algo que não coincidia com os recursos materiais necessários para a empreitada, visto que não era ainda um vaqueiro (tido como) formado e, organizado com todo o uniforme de couro imprescindível para quem busca(va)m bois no mato.

Não tinha nem sequer todos os equipamentos básicos! Revelou que sem o percebimento do pai carregava um canivete. E fazendo uso do mesmo confeccionou um par de esporas, adaptando dois ganchos (forquilhas) de velame⁶⁰ para serem usados sobre os seus calcanhares. Era necessário dispor deste apetrecho, próprio para serem encostadas ao cavalo e mais despertá-lo para maior rendimento de carreira em perseguição a um determinado boi.

Já decorrido bom tempo campeando por diversas partes do terreno e de tão atentos a sinais que pudessem orientá-los ao fujão; chegavam se assemelharem a cães farejando caça! De tão melindrosamente correrem os olhos sobre a mata acinzentada na esperança de, pelo menos, terem uma sutil visão daquele animal que estava sob às buscas.

O jovem vaqueiro Aloísio tocava o seu cavalo “Brilhante” à frente. Também otimista tocava a sua imaginação valorizando um postulado de sua preferência: “[...] *mas Deus gosta das coisas certa!*” – Como sua máxima de fé, servia-lhe como crença e confiança quanto à uma proteção Divina ao seu favor provendo dádivas em função do que alamejava. Que naquela circunstância, mais do que tudo, corresponderia alcançar o devido boi vadio!

E não é que, como situação de “graças”, assim disse ele, num direcionamento de vistas o tão procurado garrote foi enxergado ao longo e sobre uma baixada. Estava “em mangote” com outros animais (gado), pastejando. Como descreveu:

Sr. Aloísio: O gado tocando o choçao, beirando a fazenda de Nefânio,⁶¹ né (?), e ele por dentro da baixa! Aí eu deixei o gado e chamei: - “*papai olhe o garrote, eu vou pegar...*!”- Ele disse: não senhor, tanja o gado pra cá! - Eu fiz que ía tanger o gado; [...] quando acabar volte!⁶²

⁶⁰ Vegetação típica da caatinga.

⁶¹ Nefânio Cardoso era fazendeiro proprietário de consideráveis áreas de terras adjacentes às do senhor Teodoro. Foi também político com mandato eletivo no município de Aquidabã- SE.

⁶² Depoimento do senhor José Aloísio de Matos, em entrevista já citada, em 22 de junho de 2016.

Dada a informação ao seu pai, este também foi atizado ao encontro do boi fugidio que, agora estava sob às vistas e sob maior gana dos vaqueiros (pai e filho) para domá-lo. Fazer retornar à propriedade de sua dona (Sinhazinha). Ação pela qual poderia restabelecer os ânimos daquela com estes vizinhos fazendeiros, implicados por força do alardeado sumiço.

Para o desafio, o senhor Teodoro estava bem servido na ocasião de um bom cavalo nordestino.⁶³ Sem afrontamento mas em virtude de um comum desejo, estabelecia-se uma certa disputa entre o pai Vítor Teodoro e o filho Aloísio, Doutor de Vito! Este, porém, como propriamente descreveu, na força juvenil de seus dezesseis anos, estava “*doido de vontade*” para vencer ao desafio! Não necessariamente em relação ao pai! Sim, ao boi!

E este tomou a carreira devida, salientou! Era para o mesmo o seu dia de azar! Contrário à vez do ansioso vaqueiro com a cumplicidade de seu cavalo “Brilhante”, obediente e diligente ao seu comando. Correndo no mato sem veredas; mas também não medindo irregularidades físicas do terreno e a vegetação arbustiva como barreiras para o seu avanço. Justamente, a coragem e destreza como qualidades desejadas por um vaqueiro, em relação a um cavalo de “pega-de-boi no mato”. Isto é fundamental para coincidir com o vigor e audácia determinados como características do corredor de gado na caatinga. Primeiro como inerente às atividades laborativas e depois; como sujeito de um esporte – a modalidade de vaquejada de corrida-de-mato. E como já constando em ressalva, cavalo assim não precisa ser bonito, portentado, de conhecido *pedigree*.

E aí na subida que eu dei, eu atravessei o riachozinho. Quando eu subi num alto, num “lombozinho” (sic) e cheguei adiante passei por ele (o senhor Teodoro, seu pai) e disse: - Meu filho, você é doido? - Aí eu doido pra pegar o garrote (risos)... aí “toquei o pau”, “toquei o pau”! Ele não andou daqui, de baixa afora mais, correu daqui no 2000⁶⁴. Aí o cavalo foi chegando, o cavalo foi chegando, quando se aproximou aí ele tomou e aí [...] subiu, foi subindo num rochedo... subindo no rochedo! **Eu aí saltei do cavalo e passei a mão no rabo! Aí quando acabar arrastei ele! Quando arrastei, ele caiu** debaixo dos meus pés e aí eu segurei. Aí quando chegou: - já pegou? - Eu digo, já ta seguro! E o cavalo aqui foi embora...⁶⁵

⁶³ “Cavalo nordestino” dá-se como tipo de evolução de equino, compreendendo um perfil fenotípico diferenciado/apropriado às condições físico-climáticas do Nordeste brasileiro. De acordo com Melo et al (2013), “O cavalo Nordestino é a única raça de cavalos da Região Nordeste, até então, reconhecida pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Caracterizam-se como animais de pequeno porte, rústicos, resistentes, cascos fortes e com aptidão intermediária para sela e tração leve, destacando-se principalmente o trabalho com o gado. Esses equinos são altamente adaptados às condições locais de escassez de água e alimentos nos períodos de seca”.

⁶⁴ Referência da distância da residência do senhor Doutor de Vito ao “Supermercado 2.000” – estabelecimento comercial da cidade de Aquidabã-SE; avaliando aproximadamente 500 metros.

⁶⁵ Depoimento do senhor José Aloísio de Matos, em entrevista já citada, em 22 de junho de 2016.

Cavalo “Brilhante” não recuou à carreira! Correspondeu à fé do seu dono, o vaqueiro “Doutor de Vito” e lhe provou à confiança. Desta feita para alcançar não especificamente um boi de fama; mas que não deixava de ser ousado e de “encrenca”. Para a sua tomada não foi preciso perseguição por parte de cães farejadores e de místico homem rastejador, como eram precisos frente a animais famanazes que espalhavam histórias e lendas pelos sertões afora, de todo o Nordeste brasileiro. Como assim seria num futuro próximo de mais seis anos adiante àquele ano de 1948, com a epopéia ao boi Zepelim das caatingas e terras semiáridas de Porto da Folha – SE. Onde o vaqueiro filho do senhor Vítor, das bandas do Aquidabã, estado de Sergipe, passaria a ser visto como herói da pega-de-boi no mato.

Para a história de fama que viria a se constituir em torno do vaqueiro “Doutor de Vito”; melhor mesmo que sua trajetória vitoriosa, de tomadas de boi-no-mato, se iniciasse de tal jeito pela tomada a um anônimo garrote vizinho das terras de seu pai. Como dito, um animal teimoso por si e, de “teima” para outros; exemplificando a contenda entre a sua proprietária Dona Sinhazinha e o senhor Vítor Teodoro.

Até hoje o fato é orgulho contado pelo senhor Aloísio. Considera, mesmo, que tenha sido a sua primeira grande vitória, marcando o seu tempo de idade de dezesseis anos. Tempo de “ficando homem”, chamando responsabilidades para si e dando respostas positivas ao que se demandava para o tipo de “pessoa que presta(va)”, que “tinha nome” com adjetivação. Entende, pela sua forma de expressão que, para o seu ambiente e relações de sociabilidade, ser José Aloísio filho de Vítor Teodoro dos Santos e Lúcia Matos dos Santos era condição comum a todos que compunham a prole do casal. Agora, ser “Doutor de Vito” era carregar e trazer para sua história de vida uma alcunha com peso de significância, de expressão da notabilidade que o seu pai detinha, em meio ao seu círculo social. E demandava comportamento ético e moral, de boa conduta que fizessem jus a esta referência.

Notadamente, “valores” e “moral” da época. Entretanto, que devemos sem correr riscos de cairmos em anacronismo; compreender a importância até os dias de hoje atribuída por sujeitos, (como nosso personagem) que defendem estes postulados como requisitos para a formação de uma personalidade. Podemos entendê-lo sob o sentido conceitual do termo “representação” de Roger Chartier (1990, p. 17) para o qual esta categoria diz respeito ao “[...] modo como em diferentes lugares e momentos a realidade social é construída, pensada, dada a ler”; provendo condições onde se criam figuras e decorrentes significados que dotam o presente de sentido.

Imagem 03 – O vaqueiro Doutor de Vito, aos seus 22 anos



Fonte: Arquivo pessoal – Aquidabã/SE, 1954

Retomando o nosso episódio, entendemos que alcançar aquele arredio boi de Dona Sinhazinha foi de grande importância para a personalidade em formação do jovem Aloísio como vaqueiro. Por diversos fatores como o da afirmação e identidade com (e para) a vida de manejo com o pastoreio, a determinação de atributos inerentes à atividade (técnicas de montaria; adaptação com a paisagem e topografia da caatinga), o sentido da “representação” à realização do homem como corajoso; persistente, lutador – sertanejo forte. Ainda mais que se definiu como cumprimento de promessa a si próprio; embora tendo a refletir no seu ambiente de vida. Foi, primeiramente, oportunidade de mostrar-se capaz e igual a outros persistentes vaqueiros na lida com a pecuária extensiva da época! Que em ocasião dava-se como necessário procurar gado perdido em matas encapoeiradas das caatingas, ou até em partes ainda não desbravadas pelo homem.

Depois, significativamente dar término ao mal-estar de convivência entre vizinhos de terras (sendo o seu pai, uma das partes) por motivo fortuíto de fuga (sumiço) de um boi aquém da certa responsabilidade. Por este aspecto, para o jovem vaqueiro “Doutor de Vito”, alcançar aquele anônimo bovídeo também correspondeu a um objetivo de honra.

CAPÍTULO II

NO SERTÃO DE CAATINGAS, VAQUEIROS, GADO E PELEJA

Quando é no mês de novembro
Dando a primeira chuvada
Reúne-se a vaqueirama
Em frente à casa caiada
Vão olhar no campo pasto
Se a rama já está fechada

...

Corre dentro da caatinga
Rolando em cima da sela
Se desviando dos espinhos
Unha de gato e favela
Agora em verso falando
Na beleza da donzela
Me veio em seu aboio
Ó vaca mansa bonita
Tem no lugar do chocalho
Um lindo laço de fita
Seu nome é Rosa do Prado
Um mimo de Carmelita

ALEXANDRE, João; **ZENILTON** (José Nilton Veras). **Vaqueijada**. In: Amelinha. Rio de Janeiro: Continental, 1987. Disco Vinil. Faixa 10.

Pelas diversas acepções formuladas por dicionaristas e definições dadas pela Geografia ao termo sertão,⁶⁶ é mais comum para o nordestino “sertanejo” compreendê-lo do ponto de vista físico. Notadamente, como sendo uma região semiárida - de clima quente e seco repercutindo, historicamente, numa povoação mais tardia em relação às regiões do Agreste e a Zona da Mata. Nossa compreensão de “nordeste”, entretanto, é deste espaço geográfico como próprio para multifacetadas definições. Em decorrência, com visibilidade de

⁶⁶ A exemplo do “Dicionário Aurélio” (FERREIRA, 1975, p. 1.293), corresponde a: 1.Região agreste, distante das povoações ou terras cultivadas. 2. Terreno coberto de mato, longe do litoral. 3. Interior pouco povoado. 4. Bras. Zona pouco povoada do interior do país, em especial do interior semi-árido da parte norte-ocidental, mais seca do que a caatinga, onde a criação de gado prevalece sobre a agricultura, e onde perduram tradições e costumes antigos. [...].

características distintas que lhes propõem uma diversidade de conceitos, interpretações e construções. Do ambiente e cenário das “representações” e metáforas,⁶⁷ fomentando ampla (e diversificada) literatura sobre o tema.

A exemplo de como decorre através da Geografia, entendendo Andrade (1963) que a delimitação territorial da região e o argumento do clima como elemento definidor da paisagem, caracterizam sua divisão de Zona da Mata, Agreste e Sertão. Sendo esta a área mais extensa.

Para o processo de formação da região Nordeste do Brasil, Bernardes (2007) percebe a região como um ente histórico, compreendendo às origens coloniais do Brasil. Numa outra perspectiva de análise, reduz-se a criação da região pelo interesse de suas oligarquias, visando assegurar seus privilégios, domínio e perpetuação no poder. E entre estes dois vieses de interpretação, pelo plano da História, o autor propõe uma outra via de compreensão para a formação regional do Nordeste. Nesta perspectiva, a formação da região somente alcança sentido histórico e cultural com inserção numa cronologia política que é, também, a cronologia política da formação da Nação brasileira.

Já pela referência de Albuquerque Júnior (2009) o Nordeste é uma produção imagético-discursiva, gestada historicamente. Também é decorrente uma construção simbólica. Inclusive disseminada e explorada pela indústria midiática, principalmente por meio da televisão e cinema, cristalizando estereótipos como o da pobreza e miséria da região. Ou o lugar de homens rudes e violentos. Portanto, de múltiplos sentidos e significados além do geográfico.

Deste entendimento, portanto, não se prescinde do elemento humano integrado e em convivência com o referido habitat. Como é o caso dos agricultores que, sujeitos às condições naturais (nas condições do tempo de irregulares chuvas e assíduas estiagens) estão sempre preparados para o cultivo e lavra da terra.

De modo igual, destaca o vaqueiro como figura regional mais típica, remontando e prestigiando o processo de colonização dos sertões nordestinos a partir do século XVI, com a ocorrência da atividade pecuária extensiva, principalmente como estratégias para ampliar o avanço sobre as terras conquistadas da Bahia à Pernambuco, (com Sergipe incluído). E do

⁶⁷ Neste nosso trabalho dispomos de uma linguagem que se carrega de construções que se distinguem pelos sentidos figurados e, justamente, pelo uso de metáforas. Em ocasiões, até com um tom poético. Repercute-nos como recurso para nossa abordagem, pela categoria das “representações” e referências de Roger Chartier.

Ceará ao Maranhão. Como bem observou Magalhães (1935 apud HOLLANDA, 2004, p. 221):

[...] o período entre 1590, depois da conquista do Sergipe, e 1690, quando a corrente povoadora atinge sul do Ceará e do Maranhão, o mais importante da expansão pastoril. [...] Partindo da Bahia, a conquista do Sergipe levou o gado até o Rio São Francisco, onde as fazendas de criação se desenvolveram rapidamente.

De tal maneira, com a disposição de vastas áreas “de pastos” não delimitados por cercas de arame farpado; permitindo a criação do gado “à solta”. Com liberdade para tomar às matas de caatinga,⁶⁸ que assim permitiam a dispersão das reses por densa vegetação, de muitas partes sem nenhuma intervenção do homem.

Portanto, matas virgens, de folhas e ramagens que também alimentavam bovídeos mateiros. Erradios. Desde os espaços das campinas a grotões e serras. Para as trilhas e buscas por parte de vaqueiros. Desbravando e dominando a região dos sertões.

Como no caso específico de Sergipe onde, desde os seiscentos aos posteriores tempos, as atividades da pecuária bovina se estenderam às suas terras sertanejas. Como bem tomou sentido Freire (1881, p.146) em sua clássica obra **História de Sergipe**, destacando a importância econômica e estratégica deste ramo, suprimindo a carência da Bahia, como capitania e como sede do Governo-Geral.

o gado de Sergipe, além, do contingente econômico para formação da riqueza pública, servia também para abastecer a população da Bahia, e o exército que ainda lutava no norte. A criação do gado era a profissão dominante nesses tempos.

A pecuária, portanto, como base de atividade econômica e estratégia de avanço sobre as terras dos sertões sergipanos; foi também o emprego de específica mão-de-obra que não estava ligada às práticas agrícolas. Condição que permitiu a Freire (1881) patentear a clássica expressão: “*Antes do sergipano ser lavrador, foi pastor*”.⁶⁹

⁶⁸ [...] vegetação arbustiva-arbórea comportando folhas miúdas e hastes espinhentas, adaptadas para conter os efeitos de uma evapotranspiração muito intensa. Vegetação quase totalmente caducifolia – cinza-calcinada nos meses secos, exuberantemente verde nos chuvosos – com algumas intrusões de pleno xerofitismo, representado por diversas espécies ou comunidades de cactáceas: mandacarus, coroas-de-frade, facheiros, xique-xiques e outros cardos alastrantes. Uma flora constituída por espécies dotadas de longa história de adaptação ao calor e à secura incapaz de restaurar-se, sob o mesmo padrão de agrupamento, após escarificações mecânicas de seu suporte edáfico (AB’SABER, 1999, p. 5).

⁶⁹ Op. Cit.; 1881, p. 146.

Do referido ponto de vista, a compreensão imediata pode relacionar às obrigações que consistem em levar animais ao pasto e, geralmente, vigiar. Sabemos, entretanto, que a prática vai mais além quando se adjectiva com os termos do trato, do zelo, do cuidado e carinho com os animais. Quando se constroem identidade e sentidos de “representação” sobre a personalidade. Dentre tantas referências, Nascimento (2008, p. 93) em relação a perspectiva do trabalho e manejo, destacou:

Eram os vaqueiros, afinal, que sabiam de tudo na fazenda: localização do gado, condições das instalações e das pastagens, existência de fontes, olhos d'água, madeiras, entre outros aspectos. Eram eles também que dominavam a chave da boa relação com os demais trabalhadores.

E para as representações que se cumprem para a caracterização do elemento humano no contexto deste nosso estudo, os personagens vaqueiros, muito bem nos servimos de metáforas, à maneira como Albuquerque Júnior (2009, p. 44) escreveu:

O conceito como abstração tende a estabelecer uma identidade e um ser que se dizem num só sentido. As metáforas nos permitem captar as mudanças de sentido desse ser e as diferenças em detrimento das identidades. [...] Neste discurso metafórico tudo significa e, no entanto, tudo é surpreendente. Elas forçam a pensar o diferente, destroem as familiaridades dos conceitos consagrados, surpreendem a seriedade do discurso acadêmico.

Assim, pelo recurso das metáforas, apropriadas para tratarmos da personalidade do personagem José Aloísio de Matos, o Doutor de Vito, em sua saga de outrora perseguindo gado errante. Sobre matarias de caatingas ou pelas pastagens mistas de capim e arvoredos espinhentos, arbustivos. E para as descrições de quem, em corrida por estes meios, deu a este vaqueiro as maiores labutas e desafios - o boi-marruá Zepelim.

2.1 – Para gado desacostumado com gente

Dadas as condições da liberdade do gado para se soltarem pelas matas (a caatinga), era comum que muitas das vezes ocorressem a perda de um ou outro animal, ganhando sumiço pelas brenhas destas paisagens. Também observadas por Nascimento (2008, p. 99) que “[...] até finais do século XIX, constituídas como ‘enormes fazendas cujos limites eram despenhadeiros naturais – a partir dos quais o gado não mais podia ir’”.

Entretanto, a perda ou sumiço de algum animal não passava despercebido pelo responsável do cuidado com o gado – o vaqueiro. Pelo contrário, segundo Nascimento (2008, p. 99) “conhecer e dominar os limites conquistados foram as tarefas centrais dos vaqueiros ao longo de séculos e o principal motivo pelo qual se perpetuou seu prestígio nas fazendas”. Que como rotina tinha este prestígio sempre desafiado a teste, constantemente colocado à prova.

E como um ritual de coragem, sempre estava pronto para adentrar sobre matos fechados. E soltar rédeas do seu cavalo treinado e resistente para a incansável busca de fujões ou perdidos bois. Assim, portanto, sem temor ao destino por matos de galhos finos, retorcidos e moitas arbustivas, com espinhos (característicos da vegetação de caatinga) para dar conta de longa jornada na tentativa de recuperar os animais, principalmente os chamados “barbatões”.⁷⁰

Na verdade o ato se configurava numa missão de “peleja” - em seu sentido mais evidente de esforço e bravura, para cumprimento da lida diária relacionada ao pastoreio e inspeção do gado. Como relata o criador, vaqueiro e sertanejo do município sergipano de Porto da Folha, o senhor Miguel Loureiro Feitosa, 82 anos, o Miguel do Pajeú.⁷¹

Sr. Miguel do Pajeú: Naquele tempo não existia [...] era gado do mato mesmo! Agora, hoje [...] então só que inventei pra gado de curral que...que, eu nasci e me criei correndo gado do mato mesmo, de precisão de pegar, num era pro festa, não! Era pro precisão...precisava! Tinha gado que [...]. Eu fui pegar um boi, num foi aqui; mais eu fui pegar um boi; foi dezenove dias sem pisar em casa.

Autor: Na região mesmo daqui, do sertão...?

Sr. Miguel do Pajeú: _ Santa Rosa do Ermírio! Lá todo mundo pode falar no boi da Maia, que todo mundo informa que, que...

Sr. Adelson (pai do autor, que acompanhava a entrevista): - Eu já falei a ele...

Sr. Miguel do Pajeú: Ói, aí... ta vendo! E pra contar dos bois que pegou cum dificuldade, eu tenho vários boi pra dizer. Primeiro Ouro Fino era daqui, esse era daqui! Correu sete ano aqui. O boi da Maia correu lá quatorze ano. Lá no ano de sessenta e seis mais ou menos, né? – Eu tinha a idade de uns 26 anos, mais ou menos... assim!

⁷⁰ De acordo com Luís da Câmara Cascudo (1969, p. 42) eram chamados “barbatões” os bois que nunca tinham ido aos currais, e ofereciam maiores dificuldades para o manejo, para serem cuidados.

⁷¹ A alcunha “Pajeú” está associada ao prenome desse senhor “Miguel”, por referência às terras da Fazenda Pajeú do ramo da sua família. É propriedade localizada na povoação de Lagoa do Rancho / Porto da Folha – SE. Local de histórica fama de reuniões de vaqueiros e, das práticas de vaquejada. Ainda conta com extratos de mata de caatinga (capoeira). E, frequentemente, ainda ocorrem eventos de pega-de-boi no mato, patrocinados pelo senhor Miguel. A entrevista ocorreu em data de 02 de fevereiro de 2017, em sua propriedade rural.

Imagem 04 – Encontro com o vaqueiro Miguel do Pajeú



Fonte: Arquivo pessoal do autor, Lagoa do Rancho
– Porto da Folha/SE, em 02 de fevereiro de 2017

De maneira tal, a fala do senhor Miguel do Pajeú ressoa junto com diversos outros depoimentos. E reflete sobre nossa escrita em relação ao tema da pecuária nordestina nos seus primórdios, protagonizando a ocupação de terras e o desenvolvimento de uma atividade criatória (rústica) de gado bovino. Com distinto manejo, com distintos recursos materiais / instrumentais, saberes e fazeres peculiares dos sertanejos.

Vejamos como mesmo por descrições e narrativas distintas, encontram-se elementos (comuns) do cenário desta modalidade de pecuária (extensiva e própria dos sertões nordestinos). Para tanto, apropriamo-nos do ilustrativo relato de um vaqueiro, constante na obra de CASCUDO (1969, p. 17):

Saí de madrugada, seguindo o rasto do “Teiúdo” que é um boi de escambolhar a gente até o inferno sem dar o beijo. [...] aí me disseram que o Teiúdo tinha ganhado o mato p’ra as bandas do Barretão. [...] Eu juntei as pernas e fui atrás sem contar nem com ponta de pau, nem com espinho; c’a faca na mão cortava o cipó que me tapava a picada que o boi mesmo ia furando. [...] Andemos como dois pissuídos do demo, Deus Nosso Sinhô me perdôe! As vezes o boi se agachava e furava o mato em baixo, perto do chão [...].

Desta tarefa de busca dos animais soltos nas matas, uma atribuição própria das funções diárias dos vaqueiros do ambiente das caatingas, foi definida a específica prática da **apartação** que, segundo Luis da Câmara Cascudo⁷² consistia na

divisão do gado, outrora criado em campos indivisos ou devolutos, e subsequente entrega nas fazendas, depois da **ferra**, castração e assinalamento. Era trabalho comum de dezenas de vaqueiros [...]

⁷² Op. Cit.; 1969, p. 31.

vaquejando os animais soltos e dispersos. Dias de convivência e alegria no esforço grupal, realizado sem considerá-lo penitência, humilhação e castigo.

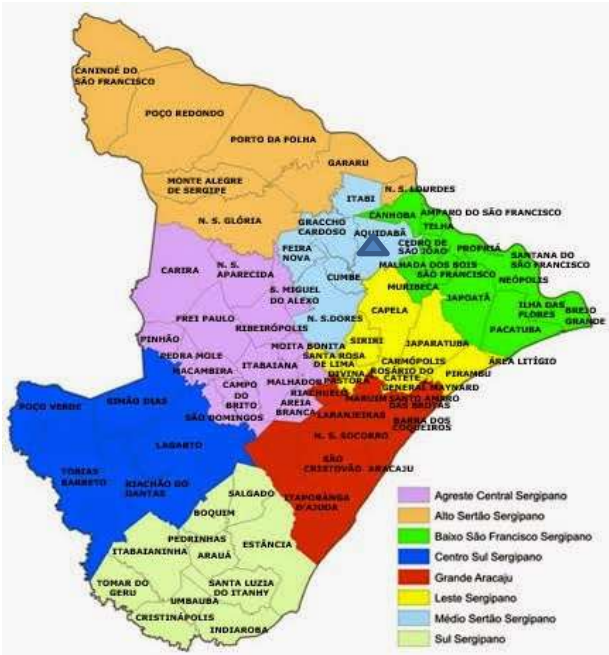
Na verdade, foi em decorrência desta maneira de manejo com o gado nos sertões nordestinos que, espontaneamente, surgiu o primeiro tipo de vaquejada – a “pega-de-boi no mato”, quando contextualizada na perspectiva de competição, de esporte. Ocasão em que vaqueiros das mais diversas áreas e lugares (principalmente sertanejos), passaram a se organizar em grupos, ou no mínimo em duplas, para disputarem em “carreira” um exemplar bovínico pelas matas de caatinga.

Tratando desta modalidade, o professor Alex Gurgel⁷³ (2008) abordou em artigo sobre esta tradição ainda muito marcante na região de Seridó – RN, que a origem deste evento se deu quando, ao final da estação chuvosa, os fazendeiros reuniam os vaqueiros da região para pegar os bois no mato, marcá-los a ferros e conduzi-los para áreas onde os pastos eram mais abundantes. Quando a bravura dos vaqueiros prevalecia, os fazendeiros os recompensavam concedendo o direito de saborear uma boa cachaça enquanto comiam a carne de um boi gordo.

Contexto e cenário, portanto, similares aos que tratados pela narrativa do senhor Miguel Loureiro, no ambiente das seculares fazendas (propriedades rurais) do alto sertão sergipano, área geográfica (mesorregião) que compreende os atuais municípios: Canindé do São Francisco, Poço Redondo, Porto da Folha, Monte Alegre de Sergipe, Nossa Senhora da Glória, Gararu e Nossa Senhora de Lourdes. Conforme ilustramos com a figura abaixo, correspondendo a “mapa do Estado de Sergipe” (com divisão do território em oito mesorregiões).

⁷³ Matéria intitulada “**Resgate de uma Tradição em Seridó**” publicada em informativo eletrônico: <http://terradoxelita.blogspot.com/2008_11_02_archive.html>. Acesso em : 15.08.2010.

Imagem 05 – Mapa do Estado de Sergipe e suas mesorregiões



**Fonte: Imagem extraída da *internet* /
“Google Imagens”, acesso em 23.10.2017**

Numa realidade em que as terras ainda continham densa cobertura de caatinga (segunda metade do século passado). Destacando, especialmente, as terras da “Fazenda Pajeú” de seus antepassados e em outras demais propriedades da região de Porto da Folha. Como soube nos contar:⁷⁴

Autor: Senhor Miguel, então a vaquejada na verdade a gente pode entender que de início não era bem vaquejada! Era a necessidade de buscar o boi, o gado perdido na mata?

Miguel do Pajeú: Era, era de pegar! Chamava-se “vaquejada” porque juntava-se os vaqueiro todo, passava dois dia num pegou, levantava aquela festa... acabou-se! Mais era por uma necessidade de pegar. Aí, era até uma coisa que eu tinha interesse de dizer porque o maiorio do povo de um tempo pra cá não subero o que é “vaquejada”. Chamava-se vaquejada porque todos os meises de Agosto cada fazenda fazia a reunião dos vaqueiro pra pegar o gado daquela fazenda. Todo gado que comprasse era pra trazer pra’quela fazenda praque tinha muita gente que tinha dois anos, três anos de gado sumido e naquele dia pra ver se encontrava, que era tudo mato, sem pasto... Bezerro nasceu, se pegasse ferrava e, pronto, era pra criar no mato. Se viesse uma seca (que nunca existiu, não!... Porque a caatinga que ajudava), mais se viesse uma seca como esta podia morrer no mato que ninguém dava razão nem nada não. Era pra se criar como viado, como viado, caititu (sic).

⁷⁴ Em entrevista concedida ao autor, em visita ao senhor Miguel do Pajeú, em propriedade rural do povoado Lagoa do Rancho, de Porto da Folha - SE, em data de 02 de fevereiro de 2017.

Nestas terras portofolhenses, portanto, muito bem se deram as atividades produtivas da pecuária extensiva, já observada como propícia devido as grandes extensões de áreas que formavam as fazendas da região. Descritas pelos estudos de Silva (1981, p. 2-5),⁷⁵ como sendo as terras por onde se iniciou a ocupação dos sertões de Sergipe. A partir, especificamente, deste território:

A Freguesia de São Pedro de Porto da Folha surgiu em torno de um antigo aldeamento de índios estabelecido no século XVIII, em uma ilha do São Francisco, não longe da Barra do Rio Mocambo. [...] Os esforços de povoamento dos sertões iniciam-se em pleno século XVII, quando são distribuídas imensas sesmarias junto margem direita do São Francisco. O primeiro local realmente ocupado foi a Ilha do Ouro – cuja a denominação, até hoje mantida, é mais tardia, consequência de uma das linhas do contrabando do ouro saído das Minas no setecentos.

E nestas terras ocorrendo a *caatinga* como a maior parte de sua cobertura vegetal, também servindo como fonte complementar de alimentação para o gado. E, naturalmente tornando-se palco de muitas pegas-de-boi no mato. De início como fator de trabalho e, depois como eventos de esporte e divertimento para vaqueiros e apreciadores desta representação.

Numa área tão vasta como a que constituiu o município de Porto da Folha,⁷⁶ é próprio de imaginar a intensa movimentação que se dava por vaqueiros, fazendeiros, torcedores e

⁷⁵ Trata-se da dissertação “Camponeses e Criadores na Formação Social da Miséria – Porto da Folha no Sertão do São Francisco (1820 - 1920)”, para o título de mestre em História, pela Universidade Federal Fluminense. Serve-nos de referência pela delimitação que foi estabelecida pelo autor, priorizando critérios [...] de grande homogeneidade histórica e de similitudes econômicas, sociais e demográficas” (DA SILVA, 1981, p. 9). Trabalho, portanto, rico de fontes e de informações – extraordinária contribuição para o conhecimento histórico do processo de povoamento, formas de ocupação e organização – não somente do município de Porto da Folha; mas dos sertões sergipanos como um todo. Nesta perspectiva, tratando aspectos importantes como a apropriação de terras, por parte de beneficiários da Coroa portuguesa, custando a expulsão de pequenos produtores e o sangue de muitos índios (Vide Op. Cit.; p. 7 e 22). Revelando estas terras do sertão sergipano, como abrigo para negros fugitivos e para a formação dos seus mocambos (Vide Op. Cit.; p. 27). Abordando a formação dos primeiros currais (Vide Op. Cit.; p. 7) e sobre a destacada (quase exclusiva) atividade econômica da pecuária (Vide Op. Cit.; p. 39). Em destaque, esta temática é privilegiada em toda a abordagem do segundo capítulo do trabalho, com o título “Terra e Trabalho”, a partir da página 41.

⁷⁶ Já mencionado em nota anterior, o município teve sua origem no século XVII, havendo sua sede passado por uma série de mudanças: Ilha do Ouro, Porto Principal, Ilha de São Pedro no rio São Francisco, Curral de Pedras (atual Gararu), e Boa Vista. Daí, finalmente, para se fixar na fazenda Curral do Buraco, onde se estabelecera o colonizador Tomás Bermudes. Com a morte deste, a obra de povoamento continuou com Gerônimo Fernandes, seu sucessor. E a povoação, florescente, em 1821 foi desmembrada da freguesia de Santo Antônio do Urubu de Baixo (atual Propriá), já denominada São Pedro do Porto da Folha, com sede na Ilha de São Pedro. E, inclusive, os municípios de Canindé do São Francisco e Poço Redondo também fizeram parte deste município até que ganharem suas emancipações políticas. Considerando o contexto histórico base do nosso estudo, já na segunda metade do século passado contava com os seus atuais 900 km². Mas com suas históricas formações (anteriores) já foi constado com cerca de 4.000 km². Vê: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA –

palpiteiros sobre a tomada ou disputa a algum boi de fama da região. Como além das que constam nas memórias do senhor Miguel do Pajeú; também tais façanhas nos foram contadas pelo vaqueiro e cantador de toadas, Maurício do Pajeú⁷⁷; em entrevista que já reportamos. Sobre os famanazes bois Ouro Fino e Fulô do Campo, destes sertões:

Sr. Maurício: Ouro Fino foi pego ele no Pajeú por causo de não se puder criar mais sorto, né, que veio o requerimento (sic)... [...] Depois desse tinha esse Fulô do Campo. Depois do Ouro Fino, que o Ouro Fino era no Pajaú e esse Fulô do Campo era em Porto da Folha.

Autor: - Esse Fulô do Campo era mais conhecido do que Ouro Fino?

Sr. Maurício: - Ah, esse todo mundo corria atrás! Esse botava a carreira em cima mesmo!

E sobre um chamado boi Leão, das terras sergipanas de Poço Redondo. O mesmo foi citado e lembrado por meio de uma “toada”, criada por um parceiro alagoano cantador de vaquejada. Uma bela construção poética correspondente ao gênero, numa modalidade literária diferenciada onde o referente “boi Leão” adquire personificação e se apresenta como agente onisciente da narrativa, no enredo da composição. Vejamos:

Sou boi Leão e eu digo sem ter engano
Eu fui criado no meu sertão sergipano
Não tenho medo de vaqueiro alagoano
Sendo por eles não passo decepção
...
Sou boi Leão eu me criei-me dentro do mato
Aonde eu passo no caminho é só um sarto
E este nome no mundo corre um boato
Por causa dele é a minha perseguição

Aonde eu moro já tou sem poder andar
Rastejador no meu rasto é rastejar
Nos meus ouvidos é tanto buzo a buzinar
Quebrar madeira home vestido a gibão...

De modo geral, portanto, onde se tinha campos de caatinga (o que era comum constar nas áreas de todas as fazendas); se tinha lida com o gado no mato. E quando depois das chuvas do inverno, os “agostos” e meses adiante ganhavam o verde quase infundável da paisagem; tudo era para alegria no sertão. Como na clássica obra “Os Sertões”, o seu autor

IBGE. **SERGIPE, PORTO DA FOLHA, HISTÓRICO.** 2016. Vê:
<<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=280560>>. Acesso em: 02.02.2017.

⁷⁷ Trata-se do cognome do vaqueiro, compositor e cantador de toadas, o senhor Maurício Nunes dos Santos, já apresentado em páginas deste trabalho.

Euclides da Cunha (2012, p. 213-5) já destacava suas impressões sobre a paisagem semi-árida nordestina, quando alentada pelas passagens das chuvas sobre seu solo e, despertar da flora, revivamento da sua fauna.

E o sertão é um paraíso... Ressurge ao mesmo tempo a fauna resistente das caatingas: disparam pelas baixadas úmidas os caititus esquivos; passam, em varas, [...] os queixadas de canela ruiva; correm pelos tabuleiros altos, em bandos, [...] as emas velocíssimas; e as seriemas de vozes lamentosas, e as sericóias vibrantes, cantam nos balseiros, [...] e as próprias suçuaranas, aterrando os mocós espertos que se aninham aos pares, nas luras dos fragedos, pulam, alegres, nas macegas altas, antes de quedarem nas tocaias traiçoeiras aos veados ariscos ou novinhos desgarrados ...

Tudo compreendendo como sendo um tipo de celebração, de agradecimento pelas chuvas que retornando; restabeleciam vida na terra. Daí, os verdes de macambiras, mandacaru e xique-xiqueque têm reinados perenes na caatinga; tornavam-se perdidos em meio a tantas folhagens de uma natureza sertaneja renovada. Sertão, portanto, na alegria pelo tempo de abundância. Com colheitas exitosas do milho, feijão. E pastagens garantidas, para os bois e vacas; animais de montarias, cabras e ovelhas.

Em decorrência, povoados e cidades tornavam-se mais animados por seus moradores, juntando-se em festas e em celebrações, representadas pelo universo do sagrado ou do profano. Por aí, a realização de procissões e novenários homenageando santos e padroeiros. Estes acreditados como fiéis mediadores junto a Deus para atendimento aos pedidos de boa sorte, de retorno das águas no chão; nos tanques e barreiros. Festas animadas pelas comemorações de aniversários e casamentos; eventos que traziam os encontros de parentes, de compadres e comadres. Divertidos leilões realizados em qualquer lugarejo, desde que fossem para o auxílio de alguém precisado da comunidade, ou mesmo para a reforma de alguma capela ou igreja.

E tinham muitas vaquejadas de “pega-de-boi no mato” como esporte, competição e entretenimento. Realizando-se neste contexto lúdico (de festa), de celebração, de comunhão de vaqueiros (entre si próprios) e junto aos patrões fazendeiros, criadores e gentes das vizinhanças. Assim, dadas as “carreiras” sobre os bois em meio à paisagem de caatinga, de novo esverdeada – a dádiva para os vaqueiros se cumpria com a reunião destes na sede da fazenda. Para festejar!

Assim como a fazendeira Dona Laurinda,⁷⁸ da Fazenda Pajeú, terras portofolhenses no povoado Lagoa do Rancho, costumava promover. Era oportunidade de receber em casa moradores das redondezas vizinhas, criadores e vaqueiros de outras partes do sertão. E até de outros estados nordestinos (da Bahia, Alagoas e Pernambuco). As visitas, o contentamento pela receptividade, a construção da referência e respeito aos anfitriões eram o que determinavam sentimento de satisfação por parte destes. Na prática, os encontros se caracterizavam como condição de vínculos.

E para festejar se fazia jus a uma boa bebedeira, muita carne assada pelas brasas de braúnas e aroeiras. E música de sanfona para a boa dança, na sala de chão batido, da casa dos “pajeús”. Também pelos seus alpendres e, até nos terreiros que desta se estendiam. Repercutindo as memórias do senhor Miguel:⁷⁹

Sr. Miguel do Pajeú: [...] começou por minha mãe, fazendo festa para o povo brincar

Autor: Então sua mãe, foi uma pioneira?

Sr. Miguel do Pajeú: ... é, é! Ela gostava! Era, ela já véia mais era ela quem cunzinhava, tumava conta! Ele sabe (referindo-se ao Sr. Adelson que acompanhava a entrevista)...

Sr. Adelson: E aqui era a casa de Dona Laurinda, né?

Sr. Miguel do Pajeú: É sim, senhor! Fui criado aqui, posso dizer até hoje...

Sr. Adelson: E eu passei uma semana aqui cumendo quaiada[...], mais Osoro safoneiro⁸⁰ [...] eu sou fio dele.

Sr. Miguel do Pajeú: Ah... Osoro, era meu amigo... oooh! Ah, ele tem uma fia que mora em Lagoa do Rancho [...]! Pronto, pois era verdade... ele era o tocador que vinha tocar aqui [...]. O senhor ainda veio aqui mais ele?

Sr. Adelson: Vim, vim... na derradeira festa de Ouro Fino [...]

Sr. Miguel do Pajeú: Então tá justificando o que eu tou dizendo, né verdade? Neste tempo, ele aí sabe contar (referindo-se ao senhor Adelson)... neste tempo aqui pra passar um carro de boi pro outro aí, tinha que fazer pisadinha (sic) assim pra incostar e o outro passar! E carro num ixistia, ninguém sabia o que era carro dizer carro, não! Eles... morava (referindo-se ao Sr. Osório) morava no São Mateus. Aí tio Miguelzinho, era meu tio aí ele era quem trazia esse tocador, era muito amigo dele, aí ele marcava aqui, dois dia... treis de dança aí...

Autor: E a vaqueirama aqui?

⁷⁸ Referência à senhora Laurinda, matriarca da família Pajeú, de referência para nossa pesquisa. Era mãe do entrevistado senhor Miguel Loureiro Feitosa (Miguel do Pajeú)

⁷⁹ Em entrevista do senhor Miguel do Pajeú, em Lagoa do Rancho / Porto da Folha - SE, em data de 02 de fevereiro de 2017.

⁸⁰ Referência ao sanfoneiro José Osório de Oliveira, da região de São Mateus, povoação de Gararu-SE. Coincidentemente, trata-se do progenitor paterno do autor deste estudo.

Sr. Miguel do Pajeú: E vaqueirama aqui! Cumendo de graça... toda festa! Teve, teve uma época mesmo que matemo treis reis! E a última reis, teve até uma vaca que deus quinze arroba e um quilo! E ninguém cobrar um tustão. Só cachaça, cachaça... trazia os buteco era para vender...

Sr. Adelson: ... era armado buteco que nem uma festa! Foi aqui que eu cunheci Josa, o Vaqueiro do Sertão... fui aqui que eu cunheci [...]

Sr. Miguel do Pajeú: [...] o Vaqueiro do Sertão, Josa! É verdade...

Sr. Adelson: Nós passemos [...] cumendo quaiada (sic) bem cedo, e carne mei dia e de noite e a sanfona cumendo no cento e o forró [...]; aí quando a gente tava enfadado [...] tinha uma casinha que a gente ía dormir (era pras banda daqui)... Era muié, moça...

Imagem 06 – Centenária sede - Fazenda Pajeú – Porto da Folha/SE



Fonte: Arquivo pessoal do autor, Lagoa do Rancho – Porto da Folha/SE, em 02 de fevereiro de 2017

Ademais, festa em terras de pegas-de-boi no mato e de vaquejadas é também para as cantorias de “puxadores de aboios” e de “cantadores de toadas”. Estes personagens tinham presenças garantidas nos ajuntamentos de vaqueiros, por toda parte do sertão onde combinavam “correr gado”.

E na fazenda de Dona Laurinda, nas festas em sua casa, também tinham assentos garantidos. Até porque (sem nenhuma dúvida), não existe para vaqueiros e para quem aprecia a vida de gado substituição aos “aboiaadores” e “toadeiros”. Autênticos cantores da vida no campo. E dos campos de vaquejada.

Refletindo isto, a referência do vaqueiro, puxador de aboios e de toadas do sertão sergipano, o senhor Maurício do Pajeú. Que na ocasião em que o visitamos,⁸¹ também em cantos e versos nos revelou suas memórias.

Essa herança ficou que Bonifácio deixou
Miguel Pajeú conservou só pra cumprir seu destino
Recorda o boi Ouro Fino, Senhor e Seu Miguelzinho
Dona Laurinda e Brazinho e Antonho de Laudelino
A toada eu determino faço três pontos e assino
Falando desses meninos que ainda reinam alegria
Miguel um gibão vestia
Zé de Miguelzinho de lado
Gigante tinha um cuidado e na sua frente latia

De um lado da moradia existe um mulunguzeiro
Num paredão de um barreiro onde Miguel se banhou
Do gado que ele pegou hoje só resta o retrato
Chora coração ingrato por tudo que se acabo

Imagem 07 – “Curral-de-paus” - Fazenda Pajeú – Porto da Folha/SE



Fonte: Arquivo pessoal do autor, Lagoa do Rancho – Porto da Folha/SE, em 02 de fevereiro de 2017.

Ainda junto com as toadas do senhor Maurício do Pajeú, também pelas suas memórias nos chegaram muitos nomes de sua época de juventude, década de 1960, que ele conheceu tocando e cantando o sertão e o seu povo. Os artistas músicos e cantores que pelas ondas sonoras dos rádios à pilha, chegavam aos lares dos rincões do interior. E os mais venerados eram os dos gêneros do forró, das modas caipiras... Eram do “gênero da roça”!

E alguns até tomavam paradeiro pelas cidades e povoações do interior do sertão, realizando apresentações e animando os gostos dos festeiros da vida do gado!

⁸¹ Depoimento prestado pelo senhor Maurício do Pajeú. Entrevista realizada em 08 de janeiro de 2016.

Sr. Maurício: - Ah, tem... tem os bons forrozeiros surgiu, muitos tocadores...Na época mesmo eu andava com Gerson Filho, com “Josa Vaqueiro do Sertão”. Foi um dos companheiro. Zé Goiti, um grande sanfoneiro. E lá na... aqueles sanfoneiros mais fraco sempre aparecia de todos os cantos pra fazer a festa com a gente. E Dudu Ribeiro, vinha pra tocar na região. Marinês e João do Pife ainda veio pra lá...

Autor: - Marinês, que ainda tá fazendo sucesso?

Sr. Maurício: - É... Marinês e João do Pife e aê surgiu... Ninguém fazia a festa (de gado) sem num ter um baile a noite, né? Tinha o baile. Os namoro... pro cabra! Muitas diversão boa... bom demais!⁸²

Portanto, nas terras dos “pajeús”, dos “buraqueiros”,⁸³ no sertão sergipano afilhado de São Francisco – de festas se têm muitas histórias. Assim também como de muitos vaqueiros elencados como famosos, devido as buscas e pegas-de-bois alocados e corridos pelas brenhas da caatinga. Barbatões, animais ariscos desacostumados com a cara de gente que lhes tomavam como desafio. Muitos destes presentes nas memórias de remanescentes vaqueiros, que encontramos pelas idas em suas moradas.

Próprio do seu tempo, em década de 1960, o senhor Maurício⁸⁴ já nos tinha falado sobre os bois Ouro Fino, Leão, Flor do Campo e Ponta Mole. Além destes, o senhor Miguel Loureiro⁸⁵ acrescentou o nome do boi “Da Maia”, que foi de suas carreiras pelas terras de Poço Redondo. E, por ele, foi alcançado em Santa Rosa do Ermírio, distrito daquele município. Da região de Gararu, o velho vaqueiro João Pepeta⁸⁶ nos contou sobre os bois “Camisa 9” e o “Cueca”, ressaltando as figuras dos vaqueiros Ismael, Alfredo do Umbuzeiro e Luis de Bigi; seus conterrâneos.

⁸² Entrevista já citada com o senhor Maurício do Pajeú, realizada em data de 08 de janeiro de 2016.

⁸³ Até hoje, quem nasce no município sergipano de Porto da Folha é popularmente conhecido por “buraqueiro”. Em decorrência da cidade ter sido erigida em uma baixada cercada por morros; entendida pelos moradores mais antigos como sendo um “buraco”.

⁸⁴ Trata-se do senhor Maurício Nunes dos Santos, vaqueiro morador em Nossa Senhora da Glória - SE, cantor e compositor de toadas. Entrevistado pelo autor em 08 de janeiro de 2016.

⁸⁵ Referência ao vaqueiro e criador de gado Miguel Loureiro Feitosa, popularmente conhecido como Miguel do Pajeú, em entrevista concedida ao autor, em 02 de fevereiro de 2017.

⁸⁶ Corresponde ao vaqueiro e criador de gado José Joaquim dos Santos, atualmente dono da fazenda Barra Bonita, no município de Graccho Cardoso – SE. Concedeu-nos entrevista em data de 05 de julho de 2014.

2.2 – Nas “pegadas” do boi Zepelim

“... porque gado a gente marca
Tange, ferra, engorda e mata [...]”

Disparada, 1966, Geraldo Vandr e e
Théo de Barros.

E todos falaram do mais arredio, do mais famoso (ou teimoso) boi cuja disputa para pegá-lo, criou sentido como o de luta e significado maior de vitória para os vaqueiros da região. O **boi Zepelim** tornou-se objeto “troféu” a ser conquistado. De história e lenda que atravessam décadas de história e lendas. Até acreditava-se que ele era um boi enfeitiçado e que carregava o espírito de se envultar na mata, fazendo com que os vaqueiros o perdessem de vista. No imaginário popular do sertão sergipano figurava como exemplar dos bois “encantados”, “enfeitiçados” que povoavam as histórias populares no mundo rural (nordestino) daquela época. Foi símbolo de resistência e valentia na caatinga da redondeza de Porto da Folha, que somente foi pego em 1954, já com idade avançada.

Todavia, mais do que estas informações importantes para inteirar lembranças e narrativas, cab amos encontrar memórias (como rastros) do lendário boi Zepelim. Já, decerto, o mais arredio que o sertão sergipano, pelas terras de Porto da Folha, abrigou e tomou-lhe como honra de gado ousado. E de inquietação para vaqueiros.

Ainda nos faltava história mais precisa sobre a origem deste animal; sobre os campos que o acolheu como filho. Sobre as matas que o alimentaram e, até quando foi possível, o livraram de cercas e doma  o por parte do homem. Fizeram-no, de certa forma, livre – dos currais, do tronco, da canga.

Faltavam-nos memórias e histórias de quem, talvez como testemunha ocular ou próximo de quem conviveu com este famanaz boi; pudesse tecer mais comentários sobre o mesmo no contexto da pega-de-boi no mato. Pois, até então, era mais de lenda que tomávamos parte de sua história. Pretendíamos, portanto, mais “realidade” e “história” para prosseguirmos sua lenda.

- E quem poderíamos nos contar?

– Convenhamos que assim pudessem os que ainda persistem como continuadores desta manifestação cultural, a pega-de-boi no mato. Hoje, t mb m constituída como esporte

de vaquejada. Mantendo a sua realização em terras do sertão sergipano; retomando memórias de histórias de gado e de vaqueiros que no passado, construíram e deixaram legado de fama. Evidentemente que por estes continuadores e nestes lugares, as histórias de Zepelim e d'outros gados famanazes já falados (Ouro Fino, Leão, Flor do Campo, Ponta Mole e “da Maia”) são rememoradas.

Entretanto, como se nutrido da audácia e persistência dos referidos tomadores de gado no mato de caatinga, continuávamos como rastejadores de memórias e em busca de personagens com elo mais próximo com a história do nosso marruá.

Com esta determinação chegamos à sede do município de Porto da Folha, e tomamos sentido de uma (nossa) referência. Tratava-se do octogenário Antônio Alves de Farias, depois confirmado pela alcunha Tonho de Chico da Bela Vista.

E foi assim que, sem contratempos, chegamos à sua porta! Para conhecermos mais um vaqueiro, para também nos falar da lida com o gado; num tempo em que as terras do sertão tinham em abundância sua típica caatinga. Para além das capineiras, também fartar o gado.

Apresentamo-nos e fomos bem recebidos: “*Fique à vontade na casa de um “buraqueiro” véio, da roça e do gado*”. Assim proferindo-se e, valorando suas credenciais de lavrador e criador. Porém de maior orgulho, segundo as suas palavras, de vaqueiro. Que de tal maneira, é assim mais conhecido no lugar onde mora. E que apenas pelo seu nome Antônio, normal em sua terra como os de Pedro, João e Miguel - ninguém o distingue. Entretanto, pela alcunha Tonho de Chico da Bela Vista, **o vaqueiro**; difícil é alguém daquela cidade, que seja da “rua de cima” ou da “rua de baixo”,⁸⁷ não saber informar de sua morada.

E estávamos, logo, sob a recepção de sua sala. Naquela visita sem aviso prévio. No entanto, informalmente bem recebidos e como se fôssemos conhecidos de longos tempos. Mas nada de se estranhar, pois, nos nossos interiores nordestinos, inerentes às pessoas são a cordialidade, a hospitalidade. A satisfação de servir o outro; de apadrinhar ao vizinho, ao parente, ao conhecido. A quase todos, tidos como conterrâneos. “Amigo ou referência de ‘fulano’ ou ‘sicrano’ a quem se conhece; a princípio é para a mesma atenção!”.

⁸⁷ Pelo senso comum e concepção do espaço geográfico das cidades do interior; há costumeiramente a leitura e definição de uma projeção em que sempre consta, da perspectiva urbana, uma rua (área) de cima e uma rua (área) de baixo. A partir daí, decorrendo a ampliação do território urbano.

Já sentados, no ambiente das apresentações; também com o olhar despropositado sobre o ambiente da casa. Entretanto, fitado às paredes com quadros de fotografias de pessoas (com os aspectos de serem familiares). Outras, de “santos” católicos! Sob a mesma compreensão, possivelmente, constavam as figuras de “Padim Ciço” e de “Frei Damião”.⁸⁸ Contudo, nos chamou atenção o quadro em que o personagem era o próprio senhor Antônio Alves de Farias, o nosso anfitrião. Em pose, sobre seu cavalo. De um dia de “Festa de vaqueiros”, de “Vaquejada” que tradicionalmente é promovida em sua cidade de Porto da Folha, Sergipe.

Imagem 08 – Tonho de Chico da Bela Vista - dos tempos do boi Zepelim



Fonte: Arquivo pessoal – Porto da Folha/SE, s/d.
(coletata em 02.02.2017)

Visto como gosta de ser visto e chamado - de **vaqueiro**! Com o seu “terno de couro”. E acessórios complementares, indispensáveis para a lida com gado bovino, como cordas (em destaque sobre o peito) e chocalho (que para auxiliar na localização das reses, são pendurados sobre o pescoço destas). Uma imagem, portanto, “representação” de imponência e de ostentação. Bem à maneira como Euclides da Cunha (2012, p. 458-9) descreveu, originalmente, nos primeiros anos do século passado:

O seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no gibão de couro

⁸⁸ “Padim Ciço” (variação linguística) ou “padre Cícero” e “frei Damião” são personagens referenciais do catolicismo popular (religiosidade popular) do Nordeste. Percebidos, diversamente, desde a condição de conselheiros e milagreiros, a de “santos-beatos”. Para a abordagem, o trabalho de Sousa (2011) **Tradição e fé: memórias e histórias de uma religiosidade popular na Paraíba do século XX**, nos serviu de referência.

curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as perneiras, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em joelheiras de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas luvas e guarda-pés de pele de veado - é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo.

Em ato contínuo, ao darmos-lhe sentidos de nossa visita, trazidos então pelas “pegadas” (no sentido literal de rasto, de sinal) que os passos do lendário boi Zepelim decalcaram sobre a história do sertão de pelejas entre homens e gado no mato; constatamos termos chegado até a uma pessoa certa! Disto nos certificando quando o senhor Tonho de Chico da Bela Vista salientou que dos seus longos 83 anos completados; muito sabia da história de vida daquele bovívdeo, de sua trajetória nas idades de bezerro a boi.

E que pelas tantas terras de caatinga por onde este animal empreendera carreiras; o seu pai Francisco Alves Rodrigues, o Chico da Bela Vista, foi empregado de fazenda, foi criador. Foi o vaqueiro primeiro da sua admiração, concedendo-lhe parte do seu nome popular e, formação no (para) mesmo ramo de trabalho.

Meu pai foi vaqueiro numa fazenda por nome de Bela Vista. E quando saiu da fazenda carregou o apelido de Chico da Bela Vista. E eu como filho de Chico da Bela Vista herdei o apelido também de Antônio de Chico da Bela Vista [...]. Existe a fazenda, existe né? Hoje existe, só que é dividida pelo dono [...] mas ainda tem a fazenda Bela Vista.⁸⁹

De efeito, portanto, avaliávamos está num dia bom de sorte e, compensados por nossas buscas. Isto porque, inusitadamente, passamos a saber que teria sido o Chico da Bela Vista o primeiro vaqueiro a ter conhecimento, proximidade e até posse sobre o boi Zepelim. Todavia, quando este ainda não era conhecido e tratado por este nome.

E quando, por sinal, o Antônio Alves era apenas menino e de gado somente ouvia histórias. Embora que mais adiante, não demorando muito, viria a se enquadrar no enredo destas histórias. Como próprio da lida pecuária, pastoreando animais, levando-os aos barreiros para a bebida de água, juntando e separando reses – como vaqueiro. Dito por ele como sendo sua primeira atividade de maior afeição e enaltecimentos. Com iniciação já a partir de seus

⁸⁹ Relato do entrevistado Antônio Alves de Farias, vaqueiro Tonho de Chico da Bela Vista, em entrevista concedida a este autor, quando em visita no seu domicílio, em Porto da Folha – SE. Em data de 02 de fevereiro de 2017.

doze anos. Tempo em que o futuro boi Zepelim já era para vaqueiros treinados no mato, símbolo de desafio e troféu!

E não faltou para este ousado boi tentativas por parte do rapazola do Seu Chico⁹⁰ para pegá-lo. Contudo, pelo que nos contou, não foi capaz de provocar grande inquietação ao arisco animal. Também não nos deixou imaginar que tivesse sido um obstinado perseguidor ao refrido boi. Tal protagonismo foi do seu pai, Francisco Alves – o Chico da Bela Vista.

aonde eu jove mais esse colega [...] Zé Moreira, uma vez nós persiguimo ele na beira do rio, mais ele dominou ao lado que eu e o colega estava e num quis cair na água do rio [...] Era uma bibida livre pra os animais que pastava naquela região. Então eu tentei a ficar mais perto dele, [...] ele passou bem próximo a mim que eu estava na frente do Zé Moreira, e, o Zé Moreira por detrás das minhas costas. E aí entrou na mata, e aí ele corria mais do que os cavalo da gente; aí foi simhora! (TONHO DE CHICO DA BELA VISTA, entrevista em 02 de fevereiro de 2017).

E justamente viajando por memórias do seu tempo de menino, é que em sua mente permanece viva a história do futuro boi Zepelim; desde quando um bezerro. E neste tempo, sem nome próprio; era apenas o simples filho de uma vaca chamada “Pinheira”, propriedade de um criador por nome de Félix⁹¹. Nascido em terras / campos abertos e contíguos das antigas fazendas “Júlia” e “Farias”, do município sergipano de Porto da Folha.

Imagem 09 – Tonho de Chico da Bela Vista - falando do boi Zepelim



Fonte: Arquivo pessoal do autor, Porto da Folha/SE, em 02 de fevereiro de 2017.

⁹⁰ Referências aos personagens Antônio Alves de Farias (Tonho de Chico da Bela Vista) e ao seu genitor, Francisco Alves Rodrigues (Chico da Bela Vista).

⁹¹ Nome pronunciado pelo vaqueiro Tonho de Chico da Bela Vista como “Felez”.

Nascido, portanto, no ambiente da caatinga. E à maneira de tantos outros que destas matas se serviam como berço; naturalmente era propenso a ser criado como um selvagem animal “desacostumado com a cara de gente”.

Agora nascido do terreno da Júlia pra o Farias, que era uma área de terra ligado a uma a outra. Tornava-se uma área grande mais sem cerca... livre! Ligadas uma a outra sem cercas. Aí ele tinha como se diz [...] pra qualquer lado que ele fosse [...]. O dono dele que eu cunheci tinha o nome de Felez (sic) de Agenor. Deve ser o pai de Felez que chamava-se Agenor e ele tinha [...]; cumo eu sou filho de Chico da Bela Vista, também podia ser assim, Agenor ser do pai do Felez [...]. (TONHO DE CHICO DA BELA VISTA, entrevista em 02 de fevereiro de 2017).

Era este um dos motivos para a preocupação de criadores e vaqueiros, mediante a possibilidade de parição de vacas fora dos currais. Em tal situação, logo cedo as novas “crias” tendiam a se tornar arredias e, assim, prosseguirem até futuros barbatões; contrariando à espera de seus donos de tê-las na fazenda como um prestigiado touro ou fêmea de qualidade para dar leite e, mais, para reproduzir.

Dispostas para campearem livre pela caatinga; eram trazidas à desconfiança de seus donos visto que em tal *habitat* estavam afastadas de vigilância e disciplina (domação) e, mais propensas para nutrirem-se de indocilidade. Peculiar natureza animal de rebeldia!

E pelas narrativas do vaqueiro Tonho de Chico (da Bela Vista), passamos a tecer que a saga do filhote da vaca “Pinheira” como a de um futuro boi perseguido, tomou enredo logo cedo. Desde quando ainda um bezerro de mama. Bem claro, isto, quando o mamote tornou-se alvo de buscas por parte do vaqueiro Chico da Bela Vista. Não pela preocupação de tratá-lo, verificar algum ferimento ou para qualquer tipo de cuidado de sua saúde.

[...] o Felez chegou na banca do meu pai, era o freguês de comprar o quilo de carne na banca de meu pai e o meu pai tratou (isso é da minha memória, que eu tenho lembrança disso); [...] aí meu pai disse assim: - Felez, essa semana eu fiz uma coisa sem a sua orde! – Aí Felez disse: Chico, o que você fizer assim pra mim, cum confiança em mim, eu assino embaixo! Me lembro que eu Felez disse isso! Aí o Felez disse: o que foi que você fez pra mim sem a minha ordem? – Aí meu pai disse: olha, eu andava nos matos do alto da Júlia; [...] e encontrei a sua vaca “Pinheira” [...] e eu digo eu vou exprumentar...! [...] se eu pego esse bizerro pra eu fazer um sinal de orelha nele! Aí corri atrás dele e peguei. Ele hoje encontra-se com um battox⁹² (sic)

⁹² Como descrito e explicado pelo senhor Antônio Alves (Tonho de Chico da Bela Vista), o procedimento consistia em produzir um pequeno furo no centro da orelha do animal, assim facilitado após algumas dobras da mesma para posterior corte por meio de canivete (pequena faca).

numa orelha [...]. (TONHO DE CHICO DA BELA VISTA, entrevista em 02 de fevereiro de 2017).

Notadamente, ir logo cedo ao mato para saber do paradeiro de um animal, principalmente de um bicho novo de vida; compreendia atividade peculiar de um vaqueiro. De certa forma era uma das principais atividades deste tipo de trabalhador do campo; das que mais caracterizavam a sua obrigação de tomar conta das reses à solta. Impedir que as mesmas se perdessem pelo mato, tornando-se “sem dono”.

Portanto, a prática descrita pelo veterano vaqueiro Tonho de Chico da Bela Vista de perfurar a orelha de animais, principalmente os recém-nascidos se efetuava como técnica de manejo, visando o controle e definição de pertença do referido gado.

Todavia, pode constar em nossa reflexão como uma tradução “antecipada”, de parte de uma composição musical⁹³ que em estrofe viria assim dizer: “... **porque gado a gente marca / Tange, ferra, engorda e mata [...]**” pois, também compreendia indicativo de posse da coisa; por parte de um referido proprietário. Portanto, nesta primeira ocasião de contato de um vaqueiro com o bovino, o objetivo essencial era o de “marcá-lo” como “bicho” que tinha dono!

E decerto, como foi narrado, a sua marcação foi providencialmente efetuada! Contudo, o mamote ainda permaneceria sem a sujeição do laço ou apresamento; sem conhecer porteira de curral. E desta feita, sem (re)conhecer homem como seu dono.

E os campos entre as fazendas “Júlia” e a “dos Farias” eram os da sua fartura e de sua formação. E estavam postos para o seu desbravamento. Num sentido literal para explorar os seus lugares e até partes desconhecidas de suas terras, como baixadas e grotões. Também estes campos abertos que não lhe moldavam ao amansamento e domesticação. Ao contrário, serviriam para aguçar o seu instinto de braveza. E com sagacidade, arredio. Que de tamanha ousadia, vez ou outra estava sujeito a invadir roças de propriedades alheias ao do seu dono. Suposto, pois não se sentia dominado. Assim, animais nestas condições de dispersão propiciavam possível desacordo ou contenda entre proprietários vizinhos.

⁹³ Trata-se da música **Disparada**, de 1966, canção escrita por Geraldo Vandré e Théo de Barros e interpretada por Jair Rodrigues, artista brasileiro. Uma das principais composições da época dos festivais de música popular brasileira, foi a vencedora do Festival de Música Popular Brasileira em 1966. Sobre o artista e suas criações musicais, referenciamos a obra: NUZZI, Vitor. **Geraldo Vandré: uma canção interrompida**. Rio Grande do Sul: Kuarup, 2015.

Relebramos de um fato já narrado (constando do primeiro capítulo deste trabalho) da pendenga entre a fazendeira Dona Sinhazinha, de terras no município de Aquidabã-SE, e o fazendeiro Vítor Teodoro. Que em função de gado desaparecido de terreno daquela; criou-se animosidades entre estes vizinhos dada desconfiança de que o animal estaria em propriedade do fazendeiro! Situação que ele não admitia e nem, evidentemente, assumia obrigação de caçá-lo e dar-lhe retorno à fazenda da implicante.

Pela possibilidade de ocorrências do tipo e para evitar constrangimentos iminentes, sempre se constituía como melhor alternativa passar o animal para frente. Arrumar venda ou até prover doação do mesmo! Em todo caso, sempre o mais comum e conveniente era “arrumar um jeito” para livrar-se de incômodos, dispondo-o para quem o pudesse dominar, pastoreá-lo de perto e dele fazer melhor proveito.

Portanto, foi esta a trama que se pautou para aquele garrote vadio! Agora já em idade de novillo e como boa promessa de um boi forte, de resistência forjada pela convivência / sobrevivência com a natureza de pouca intervenção do homem. Mas, contraditoriamente, era este mesmo que sem dispor de manejo e zelo ao filho de “Pinheira” (como sendo seu dono); procurou dele se desfazer através de negócio.

E o trato comercial foi procedido com o senhor Francisco Alves Rodrigues, o Chico da Bela Vista. Este que além de vaqueiro de profissão; era em dia de feira, em Porto da Folha, também marchante. Quer dizer, comprava gado para vendê-lo abatido.

[...] eu estava também na banca mais meu pai. Aí o Felez dono da vaca “Pinheira” chegou na banca e disse assim: - Chico, eu tou precisando de vender o fio de “Pinheira” (que nesse tempo ele não tinha esse nome de Zepelim). Aí, papai diz: - oi Felez, e eu lhe compro agora! Que essa semana andando no mato, nessa região onde a “Pinheira” pastava e vi...Aí já se tratava de um novio, já estava já apartado de mama. Aí, papai disse: e eu vi ele de pertinho! Que o meu pai sempre encontrava ele no mato [...]. Justaram ali mesmo, agora o preço é que eu não tenho lembrança! (TONHO DE CHICO DA BELA VISTA, entrevista em 02 de fevereiro de 2017).

Por decorrência desta mencionada transação de compra e venda, a intenção latente era “dar cabo” à vida daquele animal. Decorreria, portanto, o destino fatal daquela rês em plena “flor da idade”; sem o tempo merecido de fazer seus próprios caminhos pelas matarias, por

onde ainda gente e animais não teriam passado. E nem, tampouco, com o merecido tempo e idade para o aproveitamento de sua fortidão, do seu vigor macho.

Assim, definida a sua desventura e decretado fim, o que lhe viria adiante e muito próximo era o destino do laço e do apresamento. Talvez isto como resultantes de uma última carreira sua; caso fosse alcançado por um vaqueiro com cavalo teimoso, destemido para derrubar fama de gado arisco e melindroso! Mas, isto não lhe era provável; pois tinha destreza suficiente para “dar cambão”⁹⁴ em pretensiosos aventureiros que subestimavam o sentido de liberdade que lhe pairava, e o fazia mais forte e audaz. Botar-lhe laço e presa, somente mediante muita astúcia!

E esta indesejada (astúcia), no entanto, foi consumada mediante um plano melindroso executado pelo senhor Chico da Bela Vista, utilizando-se de uma vaca no cio para atraí-lo e o conduzir para ser desbancado. Como assim nos foi narrado:

Papai, antes de programar como pegar ele, andava também no mato lá na região, aí encontra uma vaca [...] pasteira lá na região. Mais que estava aos vícios [...] e tava mais de um garrote interessado a pegar a vaca (cruzar a vaca). E aonde o novio que já era de papai, era um dos que estava interessado em cruzar a vaca. Aí papai diz: Ói que oportunidade boa [...] vou ver se eu engano essa vaca com os garrote que estão interessado. Aí assim papai fez: Tangeu lá em procura do curral e aconteceu que entrou o garrote (que ainda não se usava o nome de Zepelim, não)! Então, entraro no curral. Isso sendo um dia de sábado [...]. Aí papai diz: - então a rês de eu matar segunda-feira, (como ainda hoje é, a data nunca mudou e nem muda fácil)⁹⁵, aí papai fez um cambão⁹⁶ (num sei se você entendeu o que é um cambão, né); preparou um cambão e [...]. Papai já andava cum uma careta debaixo da sela, que bota na visão da rês, tomava a visão dela... Sei que encareteu-lhe, enchucalhou-lhe e encamboou e botou pra fora do curral da Júlia, tangendo à procura de Porto da Folha pro curral da matança. (TONHO DE CHICO DA BELA VISTA, entrevista em 02 de fevereiro de 2017).

Parte da trama se procedeu, então, exitosa! O noviço de faro atizado pelo cheiro de fêmea em cio não se poupou de vontades, mesmo sob ameaças de perigo. Insubordinar-se e

⁹⁴ No ambiente rural da prática pecuária de forma extensiva, que demandava buscas e corridas a gado em áreas de matos e pastagens e, assim também como nas modalidades de vaquejadas (de “pega-de-boi no mato” e de “mourão”), fala-se o termo quando o boi corre mais que o cavalo. Entretanto, há outros significados para o referido vocábulo “cambão”, podendo ser um pau que se pendura ao pescoço do animal, para que não se afaste do seu guia e nem penetre em áreas de vegetação alheias como as roças e pastagens.

⁹⁵ Referência ao dia de realização de feira livre em Porto da Folha-SE, que ocorre semanalmente às segundas-feiras.

⁹⁶ No sentido da narrativa do senhor vaqueiro Tonho de Chico da Bela Vista, aqui o termo “cambão” é referido como sendo um tipo de pau para ser pendurado ao pescoço do animal, visando impedi-lo de afastamento do seu guia ou que penetrasse em áreas alheias, como roças e outras pastagens.

dar conta de suas vontades, eram aspectos próprios de sua liberdade no(de) mato. Talvez por isto, acidentalmente, foi aos poucos ganhando as pechas de vadio e teimoso. Somente, parece, porque no seu destino não se tinha traçado o caminho da submissão. Entretanto, acidentalmente, as cercas de um curral lhe contrariava como oposição à dimensão livre da caatinga. De mato pra todo lado que se olhasse e que, se quisesse ir.

E agora, seus próximos passos deveriam ser dados com destino às portas do matadouro. Resignadamente! Para o fim de sua epopéia!

E papai ainda dominou ele pr'aqui, pra'culá... até que ele chegou num local, uma lagoinha, [...] por nome de Lagoa do Flamengo. No meio daquela lagoinha tinha uma quixabeira antiga que fazia aquele tronco, aquela sombra. Dali prá cá em procura de Porto da Folha, Zepelim⁹⁷ num ia conhecer mais terreno, que ele só conhecia dali pra trás... Aí Zepelim chegou debaixo dos gaios da quixabeira, entrou e virou-se pra brigar, brigar de ponta...! Papai tirou um pedaço de pau (assim que papai foi quem me contou); aí deu nele de cacete! (TONHO DE CHICO DA BELA VISTA, entrevista em 02 de fevereiro de 2017).

O boi sem nome, como sendo mesmo um boi sem dono; manifestava sua identidade: a da rebeldia e resistência. Oposto ao querer do homem, nem tangido era obediente ao caminho empurrado para a fatalidade. Como assim depreendemos da seguinte fala:

[...] mais no sintido era papai batendo e eu... acrescento esse sintido: - e Zepelim (ele num tinha esse nome ainda), mais o nuviote cumo que dizem: - quer deixar ele voltar pra lá pra Júlia, ele dar um passo pra lá; por terreno da Júlia! Agora pra frente, não! Chegou a entardecer, aí meu pai amarrou-lo! Meu pai morava na fazenda Umbuzeiro Doce, que fica vizinho à Bela Vista que eu falo e, meu pai veio pra casa dormir (TONHO DE CHICO DA BELA VISTA, entrevista em 02 de fevereiro de 2017).

Contra à sua vontade, portanto, nem na marra e nem “no pau”!

no outro dia (já sendo o dia de domingo) aí voltou lá aonde tinha deixado o nuviote amarrado! [...] meu pai quando tirou a corda da cabeça dele, o pensamento de meu pai era tanger ele pro curral da matança. Mais ele, o nuviote, não aceitou meu pai dominar ele pr'ele vim prá ca. Ele só quiria pra lá! Que terminou meu pai se disingando que não ía poder dominar ele pra trazer ele prá cá. Aí, já estava umas certas horas do dia de domingo, meu pai diz: - eu vou procurarr um carro de boi pra vim aqui panhar ele, pra botar em cima de um carro de boi pra levar; num vai dar mais tempo... acaba o dia. [...] aí, meu pai resorveu a sortar o nuviote, tirar a careta. Num tirou o

⁹⁷ No contexto histórico desta narrativa, apesar da menção Zepelim para o animal em referência, este ainda não era batizado por este nome.

chucalho, deixou ele cum o chucalho. Tirou o cambão e a careta aí sortou e foi no Araticum pegou um dos boi, que meu pai já tinha comprado e trouxe pra feira, para matar... (TONHO DE CHICO DA BELA VISTA, entrevista em 02 de fevereiro de 2017).

E de novo, aquele novilho tinha o mato para suas andanças e para o seu vigor. Também, como palco de resistência. Mas também que o deixava no acaso da sorte, na dubiedade da “boa” ou “má” (sorte). Entendendo que com a boa sorte de livre e solto; se chocava com o infortúnio de ser visto como vadio e indócil. De maneira tal, tornado pelo desejo desmedido de vaqueiros, uma caça!

Nessa feira, [...] eu estava quando chegou o vaqueiro de uma fazenda Araticum. [...] Chamava-se Adalto de Cândio (sic). Aí o Adalto chegou na banca de meu pai já vindo na informação, na notícia que meu pai tinha dado cum o noviete, [...] Aí, o Adalto chegou e disse: - Chico, eu soube que você teve cum o nuviote fio da vaca que foi de Felez. E ele de careta, chucao e cambão e, ele lhe dominou...Aí meu pai disse que foi verdade. Aí Adalto disse assim: Chico é porque ele num é pra morrer novo, quer dizer, o nuviote num era pra morrer novo [...] Agora estou aqui Chico pra saber de você (isso eu ouvindo, eu muito jove mais me lembro bem dessa historia), estou aqui pra você dizer qual é o valor do nuviote [...] cum o seu lucro! Pra juntar aqui os vaquero da região pra nós lhe pagar o valor dele dando o seu lucro, e nós conservar ele mais um tempo pela frente. Pra nós ficar brincando cum ele aqui em nossa região. [...] e assim eles cumbinaro, pagaro ao meu pai. (TONHO DE CHICO DA BELA VISTA, entrevista em 02 de fevereiro de 2017).

Por este segundo tratado de compra e venda daquela rês, até então denotamos contratempos aos versos que hoje se apresentam como adágio: “... *porque gado a gente marca / tange, ferra, engorda e mata [...]*”⁹⁸ visto que, o sentido de sua aquisição lhe poupava do abate. Pelo menos isto, pois, muitas agruras já marcavam a sua vida e contrariedades ainda estavam para lhe virem.

E vieram mesmo celeremente, logo após a transação que o fez posse do grupo de vaqueiros da região quando o mesmo foi pego e castrado. Era a senha para tê-lo, especialmente, como desafio na lúdica atividade da pega-de-boi no mato, com a concepção de “esporte”. Não como demanda, propriamente, do trabalho da pecuária. Agora tinha mesmo se tornado um boi “desvalido”, em comparação a outros de sua espécie que era preservado para

⁹⁸ Referência já citada dos versos da composição musical “Disparada”, 1966, de Geraldo Vandré e Théó de Barros. Interpretada pelo cantor Jair Rodrigues.

reprodutor ou, no mínimo, para uma parelha de “boi-de-carro(ça)”. Enfim, para ter uma vida mais longa!

Mas, então, agora boi – de futuro premeditado somente para “levar carreira” já tardava no tempo de ter um nome! Assim, por ser um animal de pele branca deveria ser chamado de “Alvinho”? Ou “Alvejado”, por ser alvo de tantas intensões? Ou então, quem sabe “Teimoso”, “Valente”, “Melindroso” ou “Perigo”?

- Não, nenhum destes nomes ou apelidos unicamente lhe cabia. E até poderia tê-los todos! Entretanto, por consenso pensaram em nome de um famoso cangaceiro do bando de Lampião, que nos idos dos anos trinta teria sido morto pelas terras do município de Porto da Folha. O nome do cagaceiro era Zepelim.

E agora, no decorrer dos anos cinquenta (do século passado), Zepelim era o nome do ousado, teimoso, rebelde... como desejassem qualificá-lo, do mateiro bovino, filho da vaca “Pinheira”.

É, é! Depois de castrado, já pegaro a se tratar o nome de boi! O nome Zepelim foi colocado esse nome combinado cum... eu num sei dizer quantos vaqueiros da região se se somou-se de sócio pra ser dono do boi, mais num foi grande quantidade, não! Mais também num foi um só. Tenho certeza disso! Foi combinado a botar o nome de Zepelim porque eles diziam que no tempo dos cangaceiros, [...] vamo botar o nome do nuviote de “Zepelim”, prueque disse que no grupo de cangaceiro de Lampião, tinha um cangaceiro que tinha esse nome! Era mais famoso e tinha esse nome de “Zepelim”. Então bota o nome do nuviote de Zepelim prueque ele foi famoso! Ele... ele (referência ao novilho) dominou depois de castigado, dominou um vaqueiro famoso também, que foi “Chico da Bela Vista”. Então o nuviote fica cum nome de Zepelim. Quer dizer quando passou a ser boi depois de castrado. (TONHO DE CHICO DA BELA VISTA, entrevista em 02 de fevereiro de 2017).

E para o cumprimento, ou mais corrida do seu destino, continuava solto pelas matarias. Por si, compreendia a liberdade que a vida lhe permitia. A sua forma de liberdade. No pensamento daqueles tidos como seus donos; somente sob a concessão de um período de trégua, cevando-se para enfrentar às carreiras que lhe viriam a ocorrer! Portanto, em condições de certa quarentena, sem alvo de plano de campanha para corrê-lo; por parte do grupo dos vaqueiros “seus donos”.

Entretanto, vez ou outra sofrendo a solitária corrida de um vaqueiro da região que o avistava pastejando em alguma chapada da mata; ou saciando a sede à beirada de alguma lagoa ou “olho d’água”. Mas corrê-lo sozinho era perder tempo, era apenas se dispor a “levar

cambão”. E se tivesse ambição de construir fama e destaque na comunidade vaqueirama por desbancar aquele touro; teria apenas frustração pois, Zepelim era boi talhado para no que consistisse fama, defender apenas a sua.

Neste enredo, contou-nos, o senhor Tonho de Chico da Bela Vista, de ocasião fortuíta em que certo vaqueiro Missia de Cândio⁹⁹ (sic), palrador, solicitara permissão ao grupo para correr sozinho o aventurado. Para dar-lhe um “dia de carreira”! Dizia-se de coragem suficiente e de cavalo, “bom topado”, para darem tranco suficiente no ousado. Para o pretendido êxito, extraordinariamente requeria apenas a companhia de um sujeito rastejador para auxiliá-lo, dando contas das pegadas do andarilho. Pois de lugar incerto, era o que mais dele se tinha certeza! E a companhia do rastejador lhe foi consentida.

Pelo fato que nos foi contado, ficamos bem entendidos de que realmente o vaqueiro Messias comportou-se bastante dedicado no desafio a que se tangeu! E junto ao parceiro rastejador deram com o paradeiro do boi na caatinga! Deram sentidos com os seus rastros. Souberam atraí-lo pelo badalar de um chocalho! E dele tiveram muito perto, quando o mesmo teimou passagem pela área da lagoa que tinha o nome de Flamengo. Justamente onde outrora fora bem perseguido pelo vaqueiro Francisco Alves Rodrigues, o Chico da Bela Vista, o seu segundo dono. Era fonte de água que atraía gado de pastejo livre, pertencentes a um ou outro fazendeiro das propriedades da região. Podendo ser da “Júlia”, “dos Faria”, da “fazenda Araticum” ou de outras divisões de fazendas à beira do rio São Francisco – aonde as andanças do boi Zepelim eram comuns.

Mas como um boi sabido e ligeiro soube dar carreira longa aos seus perseguidores, adiantando em terrenos que por seu conhecimento e vadiagem tornaram-se seu reino. E neles (ou deles) fazia caminhos. Segundo o vaqueiro Tonho de Chico, tomou chão dos matos até à serra Lagoa da Serra (sic) e retomou trajetos em sentido das divisas entre a fazenda Araticum pelas suas soltas¹⁰⁰ (de muitas tarefas) e terras da “Júlia” e dos “Farias”. Cansando, fazendo com que os seus perseguidores o perdessem de vistas. E já à tardezinha, depois de uma peleja de um dia todo, se desenganaram da empreitada.

⁹⁹ Nome de um vaqueiro da região de Porto da Folha de nome popular Messias de Cândido, descrito pelo senhor Antônio Alves de Farias (Tonho de Chico da Bela Vista) como irmão do referido Adalto, um dos membros do grupo adquirente do boi Zepelim.

¹⁰⁰ Corresponde a área de pastagem em que o gado é colocado para recuperar as forças. Vê em: AULETE, Caldas. **Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete.** Versão Online. Acessado em 19 de fevereiro de 2017.

Pela perseguição sofrida que bem tangeu Zepelim para incerto paradeiro, forçando-o alcançar as soltas da fazenda Araticum, isto lhe viria tornar mais longo benefício de graças e de refrigério. A Araticum passaria a ser um ambiente do seu refúgio. Isto porque o dono daquela fazenda, um médico de nome Etelvino¹⁰¹, interpretou que a fuga daquele boi até a sua propriedade se efetuou como se fosse um instintivo pedido de socorro a ele! E pelo menos para um tempo de descanso deste boi; enquanto estivesse em sua propriedade, ninguém iria incomodá-lo com buscas e perseguições. Como assim nos relatou o vaqueiro “Tonho de Chico”:

[...] isso de um final de semana pra início da próxima semana, estando o dono da fazenda Araticum que era um senhor por nome de de Etelvino, um doutor de medicina, [...] no alpendre da casa dele [...] aí viu de cá de onde ele estava passou uma rês branca à procura do Rio São Francisco. [...] mais de cá ele ignorou que aquela rês num fosse uma rês do gado da fazenda. Aí foi mais adiante um pouquinho na casa do vaqueiro dessa fazenda Araticum [...] e disse ao vaqueiro que fosse lá no rio que passou uma rês que ele ignorou que aquela rês não fosse do gado dele da fazenda. Uma rês branca, muito seca e foi à procura do rio. Com certeza ela foi à procura de água e, a esse tempo você vá lá agora que você vai e encontrar essa rês [...]. O vaqueiro foi ao mandado do patrão lá na beira do rio. E o vaqueiro conhecia Zepelim. Aí viu que era o boi Zepelim que estava bebendo. Aí voltou, chegou ao patrão e disse: doutor, a rês que o senhor viu e ignorou que não é da fazenda, justamente não é da fazenda, não... Aí disse: É o boi das brincadeira dos vaqueiro daqui da região. O doutor já tinha conhecimento que os vaquero tinham esse boi, né, e brincava com ele. Aí quando o vaqueiro disse isso pra o doutor, aí... (assim que me informaro) [...] quando o vaqueiro deu essa informação que era o boi da brincadeira dos vaquero daqui da região, ele disse: “hum”!... “o boi da brincadeira”? – Ah; então diz aos vaqueros, então, que num mexe cum ele na minha propriedade não; viu? - Ele vem prá cá se valer de mim! Pois bom! Só vai mexer cum ele aqui dentro da minha fazenda quando eu determinar o tempo! (TONHO DE CHICO DA BELA VISTA, entrevista em 02 de fevereiro de 2017).

O boi Zepelim, portanto, acidentalmente tinha dado com homem alheio à vontade de outros que sem sossego, somente visavam o afugentar. Assim, enquanto o querer daquele protetor, nas suas terras (da fazenda Araticum) boi Zepelim passou a ter refúgio e toca. Nem que lhe fosse por um breve tempo!

¹⁰¹ Segundo o senhor Antônio Alves de Farias (Tonho de Chico da Bela Vista), o referido doutor Etelvino era médico, da cidade de Propriá-SE, e proprietário da Fazenda Araticum, em terras de Porto da Folha – SE.

2.3 – Boi Zepelim, e uma fama de custo alto

Boi Zepelim,
antes somente filho da vaca Pinheira,
mateiro, sempre
das caatingas de Porto da Folha
do meu sertão sergipano
sem dono...
... de muitos donos!
desagradados por ele; pelo boi!
pois os desafiavam,
dava “cambão”, dava trabalho,
era bravo e valente!

Zepelim,
José Adeilson dos Santos, Historiador, 2017.

Na solta da fazenda Araticum, onde as áreas de tarefas ganhavam extensão de léguas, o famanaz boi Zepelim além de guarida às perseguições, melhor se socorreu das agruras de fome e sede no período de estiagem! Foi no tempo de seca, propriamente verão para os sertanejos, quando tinha chegado naquelas terras. E se a caatinga com o solo seco, não tinha muito o que oferecer de comida pelo chão, apenas seletiva folhagem seca poderia servir-lhe. Contudo, pelas terras que eram tantas, “aqui ou acolá” encontraria algo que lhe servisse para babujar.

Mas, o inverno era de logo chegar!

Entre os meses de abril a junho... julho; as chuvas eram certas de voltar às terras do sertão e molhar o chão. Rebentar sementes, fazer raízes fluírem o rejuvenescimento de plantas e esverdear toda caatinga. E capineiras. E vida farta para todos os homens e animais! Para Zepelim e para tantos outros; fossem como tangidos à própria sorte pelos matos (a exemplo dele) ou, como entre as cercas dos currais.

E quando, efetivamente, transcorrido o que se esperava de colheitas e da fartura no ambiente do sertão, era o tempo de alegrias. Das festas em todos os lugares e povoações. Das comemorações juninas aos novenários para celebrarem padroeiros e padroeiras; os muitos “Nossos Senhores e Nossas Senhoras”.

Nas fazendas de gado, o tempo era de movimentação maior com o aumento de manejo às vacas paridas, aos bezerros novos, à extração do leite. E concorrido, pois, os “agostos”

também era de festas com este gado. Destacando-se as pegas-de-boi no mato e as vaquejadas. Tão esperadas pelos vaqueiros, pelos criadores, pela comunidade vaqueirama.

Foi, então, que aí se deu a liberação por parte do proprietário da fazenda Araticum para a retomada ao boi Zepelim, permitindo aos interessados à sua caçada.

Segundo o senhor Tonho de Chico da Bela Vista, esta decisão decorreu provavelmente em dias de um mês agosto. O ano era de mil novecentos e cinquenta e quatro. Para contar a idade de quatorze anos do boi Zepelim. Com este tempo, já era um boi velho! Mas sempre reavivando a vontade e o interesse de muitos, para pegá-lo. Finalidade que, ao longo do tempo, se tinha constituído uma ansiedade coletiva dos vaqueiros de toda região do sertão de Sergipe e, de além-fronteiras.

E, quando, depois do seu tempo de guarida; grande era a expectativa dos vaqueiros para lhes pregarem carreiras; em trilhas da caatinga que somente se abriam pelo arrojo de cavalos e bois, em disparadas “mato a dentro”. Trilhas forçosamente construídas. Se não pelo desvio destes animais aos troncos e galhos impostos à frente; quebrando-os pelo impacto e força dos seus “lombos” e “peitos”. Escudos da própria coragem.

E neste cenário, o homem de ofício vaqueiro que sabia práticas do pastorear; do manejo com “crias” e “rebanhos”; se correndo “boi-no-mato” não podia se inibir ante à coragem do seu cavalo topando o desafio de gado que corre à sua frente. De tal modo, não podia se subestimar à coragem e bravura de marruá que lhe desafiava fama. Pela fama que tinha! Assim posto, vaqueiro de pega-de-boi no mato se eleva de mais coragem em relação a outro tipo de vaqueiro. A sua inata coragem se molda de “representações” da perspicácia e intrepidez de um cavalo que lhe é parceiro, forte companheiro. De um exemplar bovínico com marra de não querer ser dominado. Domado. Sujeitado.

Assim, pelos diversos atributos de sua fama, o boi Zepelim era aguardado. Por alguns, como se fosse para cumprimento de revanches, visto anteriores corridas mal sucedidas. Para outros vaqueiros novatos sem desafios ao barbatão; oportunidade de testá-lo como afoito, à maneira que em toda parte sua história se contava. Por muitas bocas. Já tornado lenda.

Entretanto, pela sua idade de notória velhice; o famoso marruá já trazia cansaço e menos fôlego. Certamente!

Mas na verdade, isto não importava! Pois se fosse para colocar em balança a fortidão de um novilho ou, a força de um boi criado em malhada farta para comparar com a fama que Zepelim carregava; o que preponderava era o cartaz deste.

De todo modo, portanto, muitos eram os que aguardavam a nova vez de correr aquele teimoso boi, acostumado a cansar vaqueiros e as suas montadas. E como se fosse visagem, a enganar rastejadores, contrariar olhares e desviar pegadas.

- Seria o boi Zepelim um bicho amparado por rezas e orações? - Ou protegido por um tipo de “benzedura”, por um tipo de “feitiço”? – Um bicho cheio de “mandigas”?

- Quem mesmo saberia dizer?

Tentamos investigação junto a um dos nossos interlocutores,¹⁰² tendo o resultado possível como, propriamente, o imaginário popular poderia nos conceder como resposta:

Autor: E surgia uma lenda de que nesse tempo [...] as pessoas em muitos lugares do sertão, acreditavam que existissem mandigas sobre alguns bois, tipo um feitiço como protetor? - O povo criava...

Sr. João Pepeta: ... falava, dizia... o povo falava que esse boi foi um Moisé Cajazeira, um Moisé Cajazeira... [...] um Moisé não, foi (pausa)... quem curou ele foi um Rodigo Cajé! Um Rodigo Cajé diz que foi quem curou esse boi, que curria o boato! Mais nada disso...

Autor: Mas esse Rodrigo era um curador da região?

Sr. João Pepeta: É! O povo dizia que foi ele, que ele se gabava, diche: ele pode ser pegado, cego ou aleijado, do xique-xique... mais vaquero num pega ele... num pega ele! Que correu vários vaqueros bom [...] muitos vaquero de nome correrio cum ele.

Autor: E esse Rodrigo...

Sr. João Pepeta: Conheci ele ainda...

Autor: era um velho rezador?

Sr. João Pepeta: Não sei... Eu conheci ele assim!

Autor: E aí quando se dava uma carreira que não pegava, ía se construindo uma fama, uma crença que...?

Sr. João Pepeta: ... era! De Alagoas veio muita, muito vaquero de muita região!

Autor: Aí, tudo bem! E quando se pegou, quando o boi foi pegado, aí...

Ou pelo que decreveu Bernardes (1995, p. 33-55), essencialmente, um bicho selvagem:

¹⁰² Trata-se do senhor João Joaquim dos Santos, 88, vaqueiro de alcunha João Pepeta. É natural de Graccho Cardoso-SE. A entrevista ocorreu em 10 de junho de 2016.

E o animal que virou bicho, caiu definitivamente na selvageria; e, nesses casos, é a fera mais perigosa dos gerais. Não traz, naturalmente, a marca da fazenda, sinal algum que o identifique como propriedade de quem quer que seja. É bicho como qualquer animal selvagem e quem o abate é dono.

Fosse o que fosse, todos pensavam em comum, que aquele boi não poderia continuar desbancando vaqueiros destemidos e forjados pela luta com gado. Tinha que ser pegado! Para a glória de quem assim o fizesse!

E para que em paragens dos sertões de Sergipe, e além- fronteiras¹⁰³ por onde a fama do Zepelim corria de boca-a-boca; tornasse motivo de “gabolice” a façanha de um vaqueiro de coragem e sorte que viesse a alcançá-lo.

Zepelim foi um boi místico
Assim a história diz
Em bezerro foi castrado
Já se criou infeliz
Pouco tempo amamentou-se
Assim o destino quis

Se criou só na caatinga
Sem ter ninguém pra cuidar
Passou frio e passou sede
Fome não é bom falar
Comia até folha seca
Para da morte escapar

Era arisco como um gato
E sabia farejar
Seu ouvido era tão fino
Acho que tinha um sonar
Sentia, via e ouvia
Quem viesse lhe pegar

Usava os seus três sentidos
Como arma de defesa
Só cunfiava em Jesus
O amor da natureza
E no capim que comia
Se chovesse com grandeza

Começou a ser caçado
Sem saber qual a razão
De cima de um corcovado

¹⁰³ A referência ao boi Zepelim e a construção de sua fama como misterioso e desafiador (aos vaqueiros de pega-de-boi no mato) se propagaram entre “comunidades vaqueiramas” de Sergipe, Alagoas e Bahia.

Ficava em observação
Se aparecesse um vaqueiro
Corria sem direção

Toada “**Zepelim**”, cantada por “Pecado”¹⁰⁴

Dada, portanto, a liberação para apanhá-lo, não houve muita tardança para o grupo que o tinham como propriedade, articulasse contatos com vaqueiros e equipes de toda a redondeza.

[...] agora quando o doutor liberou, que agora vocês podem ir; é [...] justamente os vaquero se aproximaram um ao outro, convidaram os seus amigos de outros lugares que moravam fora, cumo veio de Alagoas, veio aqui de Sergipe, veio do município de Glória, de Gararu, de Lourdes, de... foi chegando mais perto; assim donde seu pai mora (referindo-se ao meu pai, vaqueiro Adelson que acompanhava a entrevista) – de Tamanduá, Graco Cardoso, né. Pois bom, Lourdes já fica assim mais perto de Itabi... esse povo de **Aquidabã**, veio gente convidado pelos dono do boi Zepelim pra esse dia, marcar o dia pra pegar! Aí se reuniu esse povo [...]. (TONHO DE CHICO DA BELA VISTA, entrevista em 02 de fevereiro de 2017).

Vontades de todos os cantos por parte de inúmeros vaqueiros, então, se ascenderam. Como também podemos imaginar que, literalmente, as vontades se acenderam como fogo, pois, para qualquer um que apanhasse aquele marruá, notadamente tornar-se-ia um herói. Ambição, portanto, compartilhada pelo universo dos vaqueiros sertanejos, atendia aos valores e significados do ambiente social da época em que estes sujeitos estavam envolvidos.

2.3.1 – Da notícia ao convite: um “Doutor de Vito” entra em cena

O ano era o de mil novecentos e cinquenta e quatro. E depois de uma pequena temporada nos estados do Sudeste (São Paulo e Paraná) em casas de parentes, o rapazola José Aloísio estava de volta à sua cidade, Aquidabã, do agreste de Sergipe. Mas, nem todo o território, uma vez que divisa terras com a mesorregião do sertão semiárido.

Tinha voltado para a casa e para as terras de seu pai, do senhor Teodoro. Onde, especialmente tinha raízes de sua formação de vida, de carácter e para o trabalho. Para a lida no campo. Na fazenda, cuidando de gado, montando cavalo, **sendo o vaqueiro**. O vaqueiro de

¹⁰⁴ Canto de “toada” de um vaqueiro de Porto da Folha – SE de apelido “Pecado”. Coletado de gravação alternativa, com repertório de composições do estilo “música de vaquejadas”.

aprendizado logo cedo a partir dos seus dezesseis anos, auxiliando os adultos frente os trabalhos mais pesados. Porém, dando conta do que coincidia com as suas forças e poderia ser de sua responsabilidade. Sendo o vaqueiro Doutor de Vito, já de aprendizado para buscar gado no mato; conhecer algumas manhas de bovino marrento, avesso a laço e a curral, recordando a pega ao boi fujão, de Dona Sinhazinha. O vaqueiro que tinha viajado somente para visitar alguns familiares e, não com sentido de ficar sob outros “sóis” e se afastar do seu torrão. Somente se lhe ocorresse grande atração para iludir-lhe. Entretanto o apreço por cá, pelo seu berço de pastoreio com gado à solta (nas soltas) logo lhe fez a saudade “lhe tomar de cheio”, assim como nos contou! Saudade principalmente de montar no seu cavalo “Brilhante”. Ou no “Meladinho”; que deixou sob os cuidados de um seu cunhado. Estes sim, cavalos nordestinos sem regalias a exemplo dos “*cavalos de colcheia*” como ele expôs. Estes sim, os seus cavalos, sabiam até do seu jeito de querer que eles desenvolvessem certas carreiras! Como denotamos por sua fala¹⁰⁵,

Sr. Aloísio: [...] quando eu cheguei papai já foi dizendo [...] e eu tinha um cavalinho que um cunhado meu ficou zelando o cavalinho. Tudo concorreu para eu ser vitorioso. Vinte e dois dias em que eu passei, entre ida e volta dessa viagem, ele deu vinte e três carreiras e vinte e duas lavagens no cavalinho...

Autor: Treinando...?

Sr. Aloísio: - ... treinando! Por isso que a coisa acontece. Aí, eu... quando chegou aí, quando eu cheguei do terreno ele disse: - você, no cavalinho? - Eu digo, num monto? - Ele disse: monta nada; você andava lá de avião e de onubu (ônibus) - porque eu fui de avião e voltei de onubu, né? - Aí disse: é, de fato eu tô fora de forma, né [...]. Aí, mais eu vou tentar. Vou botar a sela. Aí botei a cela [...], o cavalo tava a coisa mais bonita do mundo. Um cavalinho amarelo, atacado!

Autor: Como se chamava ele?

Sr. Aloísio: Meladinho! Aí, era todo apatacado, as perninhas, as canas preta... que a gente chama as canas pretas! Um brinco... tava um brinco! Aí quando eu botei a sela, aí meu irmão o cavalo baixou a cabeça comigo [...] baixou a cabeça comigo; tinha um curral de pau-a-pique aí eu dei um butada nele, ele caiu de coca (sic)...! - Aí, ele disse: “pere”, o senhor lá andava montado? - Eu disse não, de avião e onibu. - Ele disse, não senhor! Vinte e dois dias que você não munta num animal...! - Eu digo, e o que é que tem? O que a gente sabe não desaprende não! - Ele diz, não, conte a sua história. - Eu tava lá com um cavalo de correr! - Há, tem razão, “cavalo de colcheia” é cavalo difíce de andar montado! - Aí eu digo tudo bem, verificou! Eu continuei fazendo o mesmo trabalho com ele. Todo dia uma carreira. [...] Todo dia uma carreira e uma lavagem; uma carreira e uma lavagem.

¹⁰⁵ Aqui retomamos diálogo constante da entrevista realizada com o senhor José Aloísio de Matos, o vaqueiro Doutor de Vito, na cidade de Aquidabã/SE, em data de 22 de junho de 2016.

Quase que premeditadamente, coincidiu a chegada de Doutor de Vito com o tempo de preparação para a caçada ao boi Zepelim, de Porto da Folha. O ano era o mesmo, de mil novecentos e cinquenta e quatro; e logo mesmo se daria o chamamento (ou convite) para os vaqueiros e equipes. Levando-se em consideração que a empreitada àquele famanaz boi não era de ineditismo para o Doutor de Vito, pois o mesmo já vinha acompanhando campanhas (em anos anteriores de 1952 e 1953) de vaqueiros de Aquidabã em corridas a Zepelim. Principalmente porque quem liderava as empreitadas capitaneando equipe, era o seu pai, o senhor Vitor Teodoro. Assim nos contou, reportando-se à epopéia do ano de mil novecentos e cinquenta e dois¹⁰⁶:

Sr. Aloísio: [...] E quando foi em cinquenta e dois nós saímos daqui. Papai reuniu uma equipe, né, e aí nós saímos naquele tempo. E aí naquele tempo que era um tempo bom, os animais eram tangidos. E a gente montado em outro animal. Os vaqueiros que saiu disputar, né? Os que tinham (não é parrando não) [...] eram os que tinham condições, né? Então a gente saímos daqui em cinquenta e dois, chegamos lá não vimos o boi... voltamos!

Autor: Sairam daqui para Porto da Folha, cortando matos, por veredas?

Sr. Aloísio: Pelo meio, pelo meio aqui por Itabi, por esses lugar todo, né? Então, aí, saímos daqui na segunda-feira, chegamos lá na terça. Na quarta-feira amanhecemos lá no pasto do boi, na quarta-feira passamos o dia todo. [...] E não vi o boi... Voltamos! Voltamos na quinta-feira, né? Voltamos, na quinta, vazio.

E também, em relação à empreitada do ano de mil novecentos e cinquenta e três:

Aí, quando foi em cinquenta e três [...] aí papai; eu, eu, não pude ir! Aí papai foi com Nivaldo Pereira junto com uma equipe. Arranjou um rastejador que é coisa mais importante do mundo. É um vaqueiro rastejador. É um cachorro e um rastejador! (DOUTOR DE VITO, entrevista em 22 de junho de 2016).

Desta fala do senhor Aloísio, o vaqueiro Doutor de Vito, nos chamou atenção para citação da presença de um rastejador nesta campanha liderada pelo seu pai, frente à equipe de vaqueiros de Aquidabã na busca ao Zepelim. Naquele contexto cultural, o rastejador era uma figura excêntrica, pessoa considerada de atributos e saber (tipo místico, sensorial) fantástico que, se fazia imprescindível numa busca determinada, de vontade extraordinária para dar conta de um animal de paradeiro incerto pelas matas.¹⁰⁷ E como destacado, a figura de um

¹⁰⁶ Entrevista citada, realizada com o senhor José Aloísio, em 22 de junho de 2016.

¹⁰⁷ É importante citarmos, decorrentes nossas pesquisas em base eletrônica, artigo digitalizado de edição jornal “Correio do Ceará”, Fortaleza, 25 fev. 1967, 1. cad. : 9, com a chamada “**Reside nos Inhamuns o melhor rastejador do Nordeste**” tratando desta especialidade, por parte de restritas pessoas dotadas desta capacidade

rastejador esteve sempre fazendo parte de todos os investimentos (desafios) mais sérios, dedicados ao boi Zepelim. Contando-nos mais ainda:

É a arma do vaqueiro, né? Aí, conseguiram e foram... o rastejador fez uma fogueira! Papai inteligente levou sebo (que ele era marchante). Levou sebo... Deus que deu essa experiência a ele! Passou à noite queimando sebo¹⁰⁸ e, quando foi de manhãzinha o rapaz, quando eles chegaram lá no ponto [...] o rapaz dormiu no mato; eles chegaram cá no interior, né? Aí quando chegaram lá, ele disse: - ói, o boi táí no meio do gado. Aí papai [...] aprontou mais o Nivaldo Pereira, né? - Aí eu não sei se teve algum colega, eles botaram o cachorro aí o boi foi embora. Adiante o cavalo do Nivaldo Pereira caiu e, papai disse que correu... e diz ele que não pegou o boi porque tava casado de novo (risos). [...] Essa crença... essa crença, dizia: - eu não peguei, eu não peguei porque tava casado de novo, se não eu tinha pego. Ele tinha um cavalo bom mesmo! (DOUTOR DE VITO, entrevista em 22 de junho de 2016).

E foi daí, desta ocasião de mais um infortúnio, de mais contrariedade ao senhor Vitor Teodoro em relação aos seus empreendimentos de busca ao Zepelim; que já fizera o seu filho “Doutor” tomar partido para assumir o desafio de pegá-lo. Poderia ser visto como uma fantasia, algo para não ser levado a sério. Mas o que conta a história, é mesmo que o “Doutor de Vitor” levou muito a sério aquela causa:

Meu pai, sim! E ele era até disposto, mesmo! Aí, aí ele chegou dizendo, né? Aí, eu, depois quem vai pegar sou eu! - Ele disse, que nada meu fio, o boi lá não é... não é brinquedo não! - Aí digo: que vai pegar sou eu. - Ele disse que nada, nem faça cálculo, o boi é difíce! - Eu digo, ele não pisa no chão? - Aí, ele disse: é, pisa no chão! - Digo, se pisar no chão, pode ser pego, né? E eu fiquei né, com aquele (inaudível) dizendo eu vou, eu vou! (DOUTOR DE VITO, entrevista em 22 de junho de 2016).

Portanto, uma promessa para si próprio: pegar o boi Zepelim! Uma idéia fixa quase ao nível de obsessão. Embora, pacientemente guardada até que chegasse a hora certa. Mas a verdade era que o desejo acompanhava-lhe nos seus principais planos! Como nos revelou que sempre ao dar rédeas a um cavalo, sempre estivera com o pensamento voltado para o “barbatão”. Até mesmo quando estivera pelas bandas do Sudeste que, tendo a oportunidade de

extraordinária para decifrar sinais, dá sentidos de animais a partir de seus rastos. Menciona até observações de Euclides da Cunha, contante em seu clássico “Os Sertões”. Também diversas outras obras tratam de personagens que no nordeste rural são dotados deste atributo.

¹⁰⁸ Segundo descrição do próprio vaqueiro Aloísio Nunes, o “Doutor de Vito”, a intuição de seu pai em queimar sebo (gordura de origem animal) durante à noite visava atrair, pelo cheiro, o gado disperso no mato. O que assim aconteceu, inclusive atraindo o boi Zepelim. No entanto, a investida de carreira sobre o mesmo não foi suficiente para alcançá-lo.

testar uma montaria, asseverava o seu retorno para “dar cabo” de um boi ligeiro que há nove anos inquietava vaqueirama do sertão. E a próxima caçada já estava perto de acontecer!

2.3.2 – Com o “Doutor de Vito”, o final da saga do boi Zepelim

De decisão e plano acertado, o grande encontro de vaqueiros para a caçada ao “marruá” mais famoso do sertão deveria ocorrer no mês de setembro. Depois de bem passadas as chuvas de inverno e solo da caatinga ainda com frescor. Possivelmente, o mês mais bonito nas matas desta vegetação, quando fauna e flora rejuvenescem e transformam a paisagem. Vêm flores e floradas das craibeiras (craibeira, ipê amarelo, caraúba) e dos marmeleiros. Tempo de borboletas, de cheiro bom pela flora toda renascida.

Neste cenário, portanto, haveria de chegar grande número de vaqueiros, constituídos em equipes e com todos os preparativos que lhes fossem facilitadores para melhor desempenho, no intento mais cobiçado. Na verdade, pelo que levantamos em pesquisa a empreitada se daria única e exclusivamente em função do boi Zepelim. No evento em pauta, constituía-se uma “pega-de-boi no mato. Não, evidentemente, uma vaquejada ao modo dos dias de hoje em que vários animais são contidos em um curral, em parte estratégica do mato e, tangidos (estimuladamente) correm sob perseguição. A soltura para esta perseguição segue uma ordem definida por sorteio de referido animal que tomará carreira.

Os vaqueiros de Aquidabã como sempre, convidados. A equipe do fazendeiro Vitor Teodoro estava de prontidão. Com o seu filho “Doutor”, ansioso. Determinado.

Até hoje ele se reporta àquele dia como um filme de cinema ou, final de novela da televisão. Entre tantas passagens guardadas em suas memória, muito prestigia a figura do rastejador que foi agregado à equipe montada pelo seu pai. Disse que chamava-se Messias. Era da região do sertão. E para o senhor Doutor de Vito, foi uma peça fundamental para a campanha que naquele dia de setembro, foi executada.

Aí em 54 nós fomos. Aí quando chegamos lá, ele... aí conseguimos rastejador. [...] aí quando nós chegamos no mato, nós saímos logo, logo de manhã [...] quando o dia clareou! Com o rastejador [...], uma coisa que eu nunca pensei que um ser humano agisse daquela maneira! É uma arte finíssima; uma arte finíssima o rastejador! Aí, ele diz: ói o rasto do boi aqui! Aí ele diz ói eu vou sair no rasto do boi pra ver se a gente descobre o boi. Aí, eu digo, certo. Aí ele saiu montado num burrinho, dando aqueles

trotezinhos... e a turma vai ficando atrás. (DOUTOR DE VITO, entrevista em 22 de junho de 2016).

Para o transcurso da caçada, segundo o vaqueiro Tonho de Chico da Bela Vista, houve uma articulada estratégia de distribuição dos grupos de vaqueiros por diversos pontos da mata como numa formação de círculo, compreendendo um virtual tipo de cerco ao boi. Consideraram (nomearam) os diversos grupos situados em partes distribuídas do mato, como “piquetes”. Formados por quantitativos relativos de cinco ou até dez membros em cada unidade / ponto. Por sabedoria dos vaqueiros, para o boi ser perseguido ele teria que ser tangido de algum lugar. Após, evidentemente, ser localizado.

Enquanto isto, no tempo em que os “piquetes” eram organizados, Doutor de Vito e os demais vaqueiros da equipe (de seu pai) tomavam sentido melhor do ambiente. Principalmente sob à curiosidade do contratado rastejador. Este, sempre mais próximo do “Doutor” e lhe apontando sinais (às vezes duvidosos) das pegadas diferenciadas do animal. Mas quando decorreu sentido mais evidente sobre a passagem do bovívdeo por determinado lugar dentro da caatinga, alega muito a contribuição decorrente a orientação dele.

Para aquele rastejador, já considerado pelo rapaz do senhor Vitor como de saber extraordinário, chegou a indagar sobre requisitos sobrenaturais que ouvira falar sobre o boi caçado:

... aí eu disse “Seu Missias” (aí ele parou, ele na frente de papai), Seu Missias, disse que esse boi é cheio de mandiga, cheio de uma ruma de coisa, eu vou lhe fazer um pedido: aperte o cinto, o rosário, o que o senhor quiser, quando acabar me mostre esse boi...! Pegar, não pego não, viu...! Agora tenho uma expressão, que seu pai sabe o que é (reportando-se ao meu pai Adelson que acompanhava a entrevista): “*cagar bosta velha, ele caga*”. [...] – Aí não viajamos nem aqui pro 2.000 (referência a um supermercado da cidade de Aquidabã, ao longo de cerca de 500 metros da residência do senhor Aloisio, onde prestava a entrevista)... ói o “rasto do boi”! Ele diz o boi tá aqui! (DOUTOR DE VITO, entrevista em 22 de junho de 2016).

Para êxito da estratégia pensada pelos patrocinadores da “pega-do-boi”, vaqueiros mais experientes e com certa noção de suposto ambiente de preferência do Zepelim, tomaram sentido de uma direção. De acordo com Tonho de Chico (da Bela Vista), deram conta do boi perto de uma fazenda por nome de Lagoa dos Porcos. Na verdade, área contígua às terras da fazenda Araticum. Vieram e comunicaram sobre a estadia do animal em decorrido lugar que para tanto, tinha que ser tangido como separado dos demais animais com que ele se achava agrupado.

Isso quem está contando sou eu, agora pela história que meu pai me contou que ele participou de tudo; que meu pai sempre foi um grande amigo e um grande chefe dos planos pra pegar esse boi. Quem correu cum o boi de lá donde ele estava no meio do gado viu... mais o boi na carreira que vinha, saiu em cima de uma turma, da primeira turma que estava nas proximidades de dez vaquero! (TONHO DE CHICO DA BELA VISTA, entrevista em 02 de fevereiro de 2017).

Neste contexto, as palavras do octogenário vaqueiro Tonho de Chico da Bela Vista são introdutórias para a narrativa do próprio senhor José Aloísio de Matos, o vaqueiro Doutor de Vito, herói desta epopéia da “pega” ao boi Zepelim

Vai os dez atrás do boi. O boi deu distância... Aqueles dez vaqueiros também eles perderam de vista! Saiu em cima de outra turma de dez e, eles... cavalos no boi. E foi passando de uma turma (que eu num me lembro, num tenho certeza quantos piquetes fizeram); aonde por último, um dos últimos, o boi sai em cima da turma que estava um dos vaqueiros de Aquidabã por nome de Doutor... de Vito, que era o pai dele chamava-se Vito. Cunheci, o pai dele! Pois bom, e esse Doutor saiu mais perto do boi, né, aí o boi já vinha também numa distância longa, né, moído, já vinha bem abatido cum certeza disso, né? ... já vinha estancado né, aí se virou, quando se virou aí a turma de Doutor de Vito foi chegando, se aproximaro aí caiu a raça todo em cima do boi aí foi dominado, o Zepelim! É essa historia que eu sei a contar (TONHO DE CHICO DA BELA VISTA, entrevista em 02 de fevereiro de 2017).

Cujo enredo se alinha com a narrativa do vaqueiro Doutor de Vito, constante da importante entrevista que nos concedeu¹⁰⁹:

Autor: A posição do senhor estava privilegiada?

Sr. Aloísio: Estava...! Aí papai saiu, saiu, saiu... quando chegou adiante ele se encobriu (eu ía afastado um pouco) – Ele se encobriu, aí quando ele voltou ele saiu assim pela cabeceira da lagoa; aí eu fui cheguei lá [...] – E quando eu vinha saindo de lá aí eu vi o mundo se acabando em minha procura, oh! – Aqui de cima, né? – Eu dentro da lagoa... papai tinha ido pra lá. Aí eu vi... aí eu botei a “bala na gúia”: - (é o boi) – Até hoje, nunca me disseram a distância que ele fez a volta, nem nada! Ele, ou conheceu a lagoa ou me sentiu, porque um boi como ele era, ele sentia como um viado, n’era?... ele sentiu vaqueiro! [...] então, ele aí ao invés de sair na lagoa correu pra dentro do mato. Era ele pru dento do mato e, eu na lagoa. [...] Aí quando chegou ante de sair na lagoa aí eu... quis travessar a estrada, quando eu voltei vinha um lagoano (sic) atrás... na tria do boi, né?- Eu quis travessar a estrada aí o cara invés de travessar correu estrada afora [...]. Eu aí entrei aqui ói... quando eu cheguei adiante, um cachorro veio aqui na minha frente. Quando acabou voltou... na ...; a coisa mandada por Deus, aí eu atrás do cachorro. O cachorro na macambira dava um salto de duas varas... o cavalo

¹⁰⁹ Reportamos a já citada entrevista realizada com o senhor José Aloísio de Matos, o vaqueiro “Doutor de Vito, na cidade de Aquidabã/SE, em 22 de junho de 2016.

querendo cobrir; eu só segurava! ... pá, pá...pá pá pá, aí eu digo e [...] tinha lugar de [...] dez, vinte varas eu avistar até um viado se corresse e nada d'eu alcançar o boi. Digo, meu Deus... não alcanço o boi não!

Autor: E, mas percebia que ele estava correndo na sua frente?

Sr. Aloísio: Tava... tava que o cachorro tava! Digo... ou, ou um bicho, ou um viado, uma raposa ou ... o boi, né? [...] – Aí quando chegou no final de duas léguas, aí uma varedona bem viva, aí o cachorrão travessou! Chegou lá dentro de umas quixabeiras, foi lá ver o caso e voltou... perdeu o boi! Aí, depois foi que vim saber que era o boi, né? - Aí digo agora: eu não sei aonde pe... que eu tô! Eu vou ficar aqui! Eu não sei... ou descendo ou subindo eu tenho um roteiro, eu não sei onde eu tô! Tô perdido! Aí, eu voltei cheguei cá, tirei... bati a sela do cavalo e fiquei... digo ó meu Deus agora não sei se subo... se desço!? Aí quando eu tava naquela aflição aí Deus disse “rapaz ajeite o cavalo”, sabe? – Aí eu fui, apertei o cavalo, quando eu muntei, quando eu muntei o cavalo aí eu vi a zuada que vinha assim de cima né (?) aí, eu escondi o cavalo aqui, dentro do mato e fiquei! Digo, se foi o boi passar aqui (sic) eu tomo uma carreira. Aí, quando eu butei os oios era quatro vaqueiro: o rastejador [...], o lagoano e dois irmão... mais! Aí, riscaram cima de mim. [...] Mas Deus num dá em ninguém de cacete, aí eles saíram e eu botei o cavalo. Numa volta eu alcancei! Na outra volta alcancei... na terceira volta (eu não sei a distância né) aí que eu olho, o cavalo com as pernas pra cima! E o cara agarrado com o outro aqui! O boi ele entrou assim, ele foi assim – Eu não sei a distância [...] quando ele voltou né eu também não sei a distância que ele voltou, na travessa da vareta bateu no cara e derrubou

Autor: O boi?

Sr. Aloísio: ... o boi! Derrubou o cara com o cavalo e tudo! E o cara abrindo a boca e fechando eu digo: onde ele entrou? - Entrou aí! - Aí eu entrei... ficou dois e, dois correu atrás do boi, né? Aí eu travessei o riacho, quando eu subi ele lá no paredão, tinha... botei os oios, alcancei os vaqueiros! Quêde o boi? – O boi tava... o boi tava como daqui naquele carro a cem metros

Autor: E era grande, o boi?

Sr. Aloísio: Era grande, era... mais magro. Graúdo, mais magro. Aí eu digo vou... aí, ele ficaram! Aí, eu lembrei de um cunhado meu que tinha aqui! Esse que ajeitou o cavalo pra mim, né? Se ele tivesse aqui eu mandava ele butar o cavalo, ele butava, eu vuava e pegava (sic). Já tinha feito várias vezes, né? Aí, eu fui... uma tentativa o boi não saiu. Na outra vez aí eu butei por cima, aí eu falei vou butar por cima, seja o que der... ele aí deu com as costas, e aí desceu... não sei se correu cem varas, duzentas... meia légua, não sei! Aí desceu e eu botei... botei, butei e eu vendo o boi, vendo o boi, adiante eu vi ele querendo ir embora, aí eu levantei o par de espora e botei no suvaco do cavallinho aí vi o cavallinho produzir. Aí chegou pa perto; quando chegou que [...] a distância [...] era perto, já tava na hora d'eu passar a mão no rabo aí eu gritei: “vai morrer boi véio”! Quando eu digo “vai morrer boi véio” ele vai olhar pra trás, bateu numa catingueira pôu – caiu debaixo do meu cavalo, aí eu aproveitei! Cheguei lá, aí... peguei. Pode crê vocês se tivessem lá o ôio morto da pancada. [...] Aí quando foi com uns vinte minutos, trinta... eu num sei ele [...] e o boi morto! Digo, aí, morreu... da pancada morreu! Aí eu digo: morreu o boi! Quando foi com uns vinte minutos ou trinta não sei quanto, ele começou a gemer êimm êimm êimm!! [...] Aí ele gemeu, gemeu, gemeu... quando acabar se aquietou! Eu digo, só

solto se eu morrer! Se eu não morrer, eu num solto! Aí quando foi cum... eu não sei com quanto tempo eu vi dizendo: “passou aqui, passou aqui... vinha na bagaceira ói! Era o conterrâneo e o lagoano! Passaro, fora, lá na frente aí... num viro o estrago aí voltaram... quando chegaram cá (aí nessa altura quando ele se virou, tinha butado uma corda aqui no braço né que era pra ir tirar uma vara pra laçar [...] Aí, eu tava com uma corda aqui e comecei a resmungar [...] pra ele tirar a corda que quem tinha pegado era eu... botar a minha! Aí ele tirou a minha, tirou a dele tirou a do rapaz... butou! E começou a gritar, começou a gritar... aí quando completou de vaqueiro! Mas nada da nossa turma! Quem chegou a nossa turma por ultimo, aí quando eu vi que tava pego mesmo... seguro; aí eu soltei! Aí daqui há pouco a nossa turma chegou. Quando chegou aí, quando chegou já foi perguntando: - Quem pegou, quem pegou? - Aí disse: foi Doutor? – Quem foi? – Foi Doutor, Doutor de Seu Vito, foi quem pegou. [...] E a turma (inaudível). E chegando vaqueiro, e chegando vaqueiro. Depois nesse Divaldo Pereira disse: Vítor, vamo fazer o seguinte: Ói, eu tenho uma idéia: se nós pudesse dar uma opinião esse boi não saía mais daqui, não pisava mais no chão. Nós ía fazer uma estrada, trazia um carro de boi e esse boi saía daqui era num carro de boi. Ele não pisava mais no chão. Que ele não merece ser mais judiado! Aí, quando foi umas quatro e pouco...; umas cinco horas... que ele foi pego pelo umas três horas, nós saímos para o rancho... já de noite né(?); aí vamo, [...] chegamo lá no rancho... já de noite, já de noite nós chegamo no rancho já tava completo, ói, de gente, pra me conhecer-me! Aí quando chegemo lá, né(?), passamo a noite intei...! Tinha um sanfoneiro! Um sanfoneiro lá virado numa coisa, um sanfoneiro bom de cachaça! Papai levava uma ancorota de cachaça... e o cara era bom de cachaça, tava azedo quando eu soube que eu tinha pego o boi aí foi que ele azedou. E aí nós tomemos [...] e até umas horas da noite; quando foi umas horas da noite o povo aí foi embora... e nós ficamo.

E como dito em outro momento, num outro lugar, por outra voz dessa história, fatos se encontraram em narrativas:

[...] Aí pegaro o boi, e também daí o boi deu assim “entrevado”, que se andou, foi pouco! Aí teve que arrumar, voltaro, foi a Fazenda Araticum falar um carro de boi ao empregado (que o doutornum vivia afitivo na fazenda, ele morava em Propriá)... e o doutor liberou o carro de boi, aí entraro cum o Zepelim em cima de um carro de boi aqui na cidade de Porto da Folha, mas quando chegou em certos meio da cidade resolveram tirar ele do carro pro povo ver ele melhor. Aí tiraro do carro de boi, mas que ele andou pouco... Eles quiriam trazer pelo menos até aqui essa praça, mais ele num chegou até a praça não! Aí eu estava presente (TONHO DE CHICO DA BELA VISTA, entrevista em 02 de fevereiro de 2017).

E na poesia de canções de toada:

Não conheci Zepelim
Deus me deu um apoio
Pra eu ver o retrato dele
E a história como foi

Chegando em Porto da Folha
Em cima de um carro de boi

....

Junto ao vaqueiro Senhô
De Maria do Rusaro
Que tanto orou por ele
Muitas gentes me falaro
Que quem rasteava o boi
Só viajava o contraro

.....

Adalto e Quinca Vaqueiro
Tonho de Chico e Zé Moreira
Jurvenal e Caboquinho
Junto a Nelzinho Cajazeira
Foro equipe de vaqueiros
Que assistiram a carreira

Na cidade buraqueira
Fizero uma grande farra
Contrataro o sanfoneiro
Chamarao Agenor da Barra
Doutor de Vito, o vaqueiro
Ainda hoje ele parra

...

Maurício fez a toada
Falando de um boi ligeiro
E essa notiça se espalha
Por todo chão brasileiro
Porto da Folha tornou-se
A capital do vaqueiro

Ôôôôôôô... Ôôôôôôô...
Boi Zepelin... saudadeeee... êêêêêê...

“**A Pega de Zepelim**”, toada de autoria de Maurício
do Pajéu, 2016.

As memórias na história trazem, portanto, a história deste lendário boi. Exemplar como objeto de construção de valores e significados para sujeitos e grupos. Está na compreensão do que para muitos indivíduos, soa como “representação” cultural. E construídos por estes próprios indivíduos.

Retomando a saga do Zepelim, sua história tem considerável significância. Fosse apenas por contrariar a máxima contida na composição de Geraldo Vandré e Théo de Barros (Disparada, 1966) “... *porque gado a gente marca / tange, ferra, engorda e mata [...]*” muito já representaria. Zepelim não se entregou ao abate! Morreu por decorrências de uma vida em

calvário. Não se rendeu! Foi perseguido porque sua liberdade incomodava, desafiava! Reduzia a força, reduzia a superioridade de homens. Fez, assim, a sua fama. E pagou caro por ela.

CAPÍTULO III

POR “ZEPELIM”, CAVALOS E VAQUEJADA: UM SERTÃO DE FAMAS

Entrei no mato encontrei o rastro dele,
Sair andando mas na frente avistei ele,
Dei quatro gritos e botei o cavalo nele,
Corri com ele em cima de um chapadão.

MANO WALTER (José Walter Tenório Lopes). **Boi Cigano**. Composição musical do gênero “Toada”, de vaquejadas. S/d.

Das memórias e narrativas desatadas pela oralidade de antigos vaqueiros do sertão sergipano, recordando a trajetória de vida do boi Zepelim, sempre as primeiras invocações dão conta do auge de sua história, consumado pelo sofrimento de sua última perseguição. O último capítulo de sua saga, que assim decorreu nos anos de mil novecentos e cinquenta e quatro, em matas de caatinga do município sergipano de Porto da Folha. Neste território, o famanaz boi “Zepelim” foi alcançado pelo vaqueiro aquidabaense “Doutor de Vito”.

O fato, portanto, marcante e extraordinário para a família vaqueirama. Isto porque, como já dito, era aquele um exemplar dos bois mais arredios e disputados das caatingas do sertão sergipano. E o seu alcance, da condição de desafio se transformou simbolicamente em troféu, por demais cobiçado pelos vaqueiros de todo o sertão sergipano. Também por parte de vaqueiros da Bahia, de Alagoas e de Pernambuco. Por onde a fama deste arredio boi, se propagou ao longo de mais de uma década.

Por conseguinte, pelo rastejo às memórias que alcançam a história deste bovívdeo, dá-se o encontro com a trajetória de vida do senhor Aloísio Nunes de Matos, o Doutor de Vito, na sua condição de vaqueiro. Que foi o protagonista da sua mais articulada caçada e “pega”. E tratando-se do desafio e da perseguição a este animal, a memória revela o personagem como o seu grande acoassador.

Boi Cigano

Fui uma festa no sertão pernambucano
Peguei o boi mais valente do sertão
Entrei na festa escutei logo boato
Tome cuidado quando for entrar no mato
Que o boi cigano é ligeiro igual um gato
Pra pegar ele tem que ter opinião

O fazendeiro me abraçou e foi falando
Esse boato corre a mais de quinze anos
Tenho um diploma para quem pegar cigano
E deixar ele amarrado no mourão

.....

O boi corria lá em cima da chapada,
Saiu descendo à procura da baixada
Deixando pedra e caatigueira arrancada
Fui pegar ele lá dentro de um grutilhão

O touro velho não aguentou a carreira
Amarrei ele num tronco de aroeira
Ficou o cheiro da casca da caatigueira,
No meu chapéu, na perneira e no gibão

Esse diploma eu guardei como lembrança
É uma prova que no tempo de infância
Eu fui vaqueiro e tive muita confiança
Corri no mato e o honrei minha profissão

Eu fui vaqueiro e tive muita confiança
Corri no mato e honrei minha profissão

MANO WALTER (José Walter Tenório Lopes). **Boi Cigano**. Composição musical do gênero “toada”, de vaquejadas. S/d.

Fosse de interesse do autor alterar a originalidade desta composição, provendo as substituições do adjetivo “pernambucano” por “sergipano” e, do substantivo “Cigano” por “Zepelim”, seria incontestável a adequação da referenda. Isto porque da construção, denota-se refletir toda a causa e epopéia do vaqueiro Doutor de Vito em sua heroica peleja ao “[...] *boi mais valente do sertão*”! Como requisito fundamental, “*pra pegar ele tem que ter opinião*”! Notoriamente, isto equivale ao que nosso personagem ressalta como sendo necessário ao vaqueiro, dispor de **teimosia**! E ademais, encontramos no decorrer dos versos as adjetivações e atributos merecidos ao Zepelim, sendo emblemático: “*que o boi é [...] ligeiro igual um gato*”. Era mesmo esta qualidade, própria da identidade daquele barbatão! Que para ser

superado, somente por uma “agilidade”¹¹⁰ em nível de excelência, assim advinda da associação “homem e cavalo”. Ambos, excelentes, deviam ser! Assim como foram o Doutor de Vito e o seu cavalo Meladinho, na corrida em que se decorreu a pega do Zepelim. E, em consequência, o triunfo deste vaqueiro.

Acontecimento, portanto, que se decursa sexagenário e ostenta “idade diamante” (com alusão às “bodas”), privilegiadamente presente, em muitas memórias. E nas lembranças próprias de seu protagonista,¹¹¹ tem valor de jóia fina. No mínimo, como de diamante lapidado.

Autor: Oh, seu Aloísio, essa então foi a corrida mais... a sua corrida mais heroica?

Sr. Aloísio: ... mais heróica, foi a maior! E depois, isso ficou sendo contada (sic) na região! [...] Na região! Fora as que eu tenho... tenho aí! Tá anotado. Dezenove vitórias eu tenho!

E verdade seja dita que, por falas e testemunhos de vaqueiros do tempo do senhor Aloísio, o Doutor de Vito, a façanha deste se ostenta vivificada no universo de muitas privilegiadas memórias. Como assim nos foram contadas pelo ancião Antônio de Chico da Bela Vista¹¹² d’onde em suas reminiscências, a saga final ao boi Zepelim coincide com a sua trajetória de vida. Desde os seus tempos de “mamote” a fogoso “marruá”. E suas memórias, compreendemos se entrecruzarem com as narrativas do próprio vaqueiro Doutor de Vito, de cujas lembranças que seus octogenários anos carregam, desenovela a aventura ao boi Zepelim. Esta que lhe é configurada como verdadeira epopéia. E, a sua ação, própria de um herói.

Não, necessariamente à maneira dos heróis (cidadãos exemplares e estadistas) de Plutarco (apud DOSSE, 2009, p. 127) por cujos modelos “inaugurando assim o gênero da **vida exemplar com tons moralizantes**” (grifos nossos) – a perspectiva da biografia *magistra vitae*. E de certeza, bem distante dos heróis dos tipos concebidos por Thomas Carlyle, já em pleno século XIX, porém sob uma concepção transcendental para a caracterização do ser herói. Conforme comentado por Dosse (2009, p. 164):

¹¹⁰ A noção de “agilidade” constitui-se uma categoria de análise compreendida por Renan Martins Pereira (2016) como própria da relação humano-animal e, necessária (ou fundamental) para diferenciar o nível de habilidade do vaqueiro de pega-de-boi no mato.

¹¹¹ Trata-se do vaqueiro Doutor de Vito, revelando memórias em relação ao boi Zepelim. Consta da entrevista realizada em 22 de junho de 2016.

¹¹² Personagem já referenciado, vaqueiro ancião de Porto da Folha – SE, tendo prestado entrevista em data de 02 de fevereiro de 2017.

O indivíduo guinado ao *status* de herói é visto como uma encarnação de Deus no mundo cá de baixo – e, portanto, seu percurso biográfico coincide com os caminhos da verdade. A esse respeito, Carlyle exalta os heróis no sentido antigo do termo, como seres semi-humanos, semidivinos, instando o leitor a um verdadeiro culto ao herói para contrabalançar o recuo individual.

O sujeito “Doutor de Vito”, não prescindiu da extravagância ou excesso do imaginário o ritualizando como “quase divino”, para ter a sua construção de “herói”. Nem, tampouco, por esforço desmedido para o alcance de “notoriedade”.¹¹³

Sua percepção de “herói” lhe decorreu por ação, puramente humana e como própria dos homens comuns. Resultado de sua vontade, abnegação, e perspicácia. E também, aliança com a sorte. Passado a ser visto como “herói”, dada a importância e necessidade das “representações” para o cotidiano da cultura, dos sujeitos e dos grupos. Um herói, portanto, produto de invenção metafórica e contextual, guinado por fatores culturais. Como pensado por Dosse (2009, p. 151-2),

cada época cria seus heróis e lhes atribui, quer seja de uma época distante, próxima ou atual, seus próprios valores. O herói cristaliza em si uma simbolização coletiva [...], pelo modo de enfrentar e vencer a adversidade ao preço de um sofrimento. Essa atitude se concretiza finalmente no sacrifício que o herói aceita em defesa de sua causa.

Oportunamente, complementando seu pensamento pela citação de Czarnowski (1919, apud DOSSE, 2009, p. 152) “O herói é um homem que conquistou ritualmente, pelos méritos de sua vida ou de sua morte, o poder efetivo próprio a um grupo ou a uma coisa de que é representante e cujo valor social básico personifica”.

Pela fala de outros contemporâneos, a exemplo do velho vaqueiro “João Pepeta”,¹¹⁴ a dita proeza não poderia dispor de outro sentido ou raciocínio que não fosse este da elevação ao heroísmo. Este era parte do “destino traçado” de qualquer um que por “sorte”, destemor, ousadia ou obstinação; alcançasse aquele disputado “boi-troféu” do sertão sergipano. Por decorrência destes fatores, possivelmente com maior intensidade junto à vontade do vaqueiro “Doutor”, o resultado desejado lhe foi provido.

¹¹³ À maneira que Dosse (2009, p. 169) observou: [...] o século XIX, após a ruptura da Revolução Francesa, esforça-se para repertoriar as vidas daqueles que alcançaram certa notoriedade em sua esfera de competência. Assistimos então à proliferação de relatos biográficos que tentam articular **individualidade e exemplaridade** (grifos nossos).

¹¹⁴ Alcinha do vaqueiro João Joaquim dos Santos, 87, de Graccho Cardoso – SE. Entrevistado pelo autor, em data 05 de julho de 2014.

Autor: E esse Doutor, é (eu conheci)... mais eu queria que o senhor falasse: - era realmente um vaqueiro bom?

Sr. João Pepeta: Era um hominho pequeno, mais era um vaqueirão! E, em relação ao boi Zepelim, pode dar o troféu a ele!

Autor: Sabe de outros que nesta ocasião deram carreira ao boi?

Sr. João Pepeta: É, diz... o Juvenal de Nazaré! Foi a galera...! Mais o próprio que dispôs a mão, primeiro nele, foi esse Doutor de Vito!

O velho vaqueiro Miguel Loureiro, o Miguel do Pajeú,¹¹⁵ nascido e criado nas terras caatingueiras do sertão sergipano de Porto da Folha, também nos contou:

Autor: Tive uma entrevista com um vaqueiro que fez parte da corrida ao boi Zepelim, que o senhor deve ter ouvido falar, o “Doutor de Vito”...

Sr. Miguel do Pajeú: ... Doutor de Vito, muito meu amigo! É, é... foi ele até quem pegou o boi; [...] foi o homem que pegou o boi, quer dizer... porque já saiu encima dos outros; que os outros que ajudaro a pegar, mas que a carreira toda quem tirou foi ele, eu gosto de dizer a verdade...!

Autor: porque [...] tem uma comunhão, uma combinação de que o boi é pego pela equipe, mesmo que o vaqueiro... pegue no rabo, mas, a equipe...

Sr. Miguel do Pajeú: ... é, é! Mas que a carreira toda quem tirou... que difíce era tirar a carreira... então ele! Se ele não tivesse na festa eu acredito que o boi não tinha sido pegado desta vez!

Este como próprio do campo e da atividade pecuária, continua em seu torrão! Terras suas, de descendência de seus pais. Histórico palco de lutas que no passado se deram pela busca de gado perdido e fugidio, nos embrenhados das matarias de caatiga. E depois, dos programados encontros de vaqueiros para as pelejas de pega-de-boi no mato, na concepção de vaquejada. Ainda hoje acontecendo, em sua propriedade, onde se reserva porção da nativa vegetação. E por seu chamado e convite, vaqueiros de gerações distintas anualmente se reúnem para “carreiras” em gado ligeiro. As suas terras, conhecidas como “terras do Pajeú” no sertão sergipano de Porto da Folha, são (e continuam) berço de pegas e vaquejada de boi-no-mato. Nelas, cujos limites territoriais são adjacentes às fazendas “da Júlia” e “Araticum”, onde muito o boi Zepelim campeou, também teve as pegadas do vaqueiro Doutor de Vito. Que em sua atividade e apreço à vida de gado, não foi aventureiro de (em) um canto só. Sertão sergipano foi de todos os caminhos de seus cavalos, de sua audácia e paixão de vaqueiro.

¹¹⁵ Trata-se do senhor Miguel Loureiro Feitosa, ancião vaqueiro do referido município, mediante entrevista prestada em data de 02 de fevereiro de 2017.

A memória de Seu Antônio de Chico da Bela Vista¹¹⁶ corroborou. Dela, tangendo lembranças sobre a trajetória do marruá, foi categórico para a homenagem ao Doutor de Vito como o vaqueiro de sucesso, pelo alcance daquele mais visado boi fugidio. Mesmo que a sua perseguição, em meio à densa caatinga, tenha sido empreendida por um coletivo de vaqueiros; é certo daquele que primeiro passou a mão sobre o barbatão - o vaqueiro Doutor de Vito. À maneira que Cunha (2012, p. 481-2) já tinha observado.

Solidários todos, auxiliam-se incondicionalmente em todas as conjunturas. Se foge a algum boi levantadiço, toma da "guiada", põe pernas ao campeão. e ei-lo escanchado no rastro, jogado pelas veredas tiradas a facão. Se não pode levar avante a empresa, "pede campo", frase característica daquela cavalaria rústica, aos companheiros mais vizinhos, e lá seguem todos, aos dez, aos vinte, rápidos, ruidosos, amigos - "campeando", voando pelos tombadores e esquadrinhando as caatingas até que o bruto, "desautorizado" dê a venta no termo da corrida, ou tombe, de rijo, mancornado às mãos possantes que se lhe aferram aos chifres.

Notadamente, por fatores extraordinários que em tal situação, o privilegiaram em distinção. Como já ressaltamos, talvez mais o fator “sorte”, aliado à obstinação e firmeza, à vontade e confiança em vencer. Foi o seu dia! Como o entrevistado, senhor Antônio de Chico da Bela Vista, tratou de nos contar:¹¹⁷

Autor: E a essa altura [...], seu Antônio, o “Doutor de Vito” foi celebrado como tendo sido ele, mesmo, quem tinha alcançado o boi? Ou tiveram divergências, disputas?

Sr. Antônio de Chico da Bela Vista: A maior história é que foi “Doutor de Vito”, que pegou o boi Zepelim.

Autor: E na ocasião, os companheiros, a vaqueirama passou a reconhecer isso? - A aceitar?

Sr. Antônio de Chico da Bela Vista: Olhe, eu nunca ouvir falar que nenhum protestasse a Doutor de Vito, sabe? – Mais a história que eu tenho conhecimento, esse dia que esse boi Zepelim foi pego, é essa que eu tou terminando de contar ela. Quer dizer, ficou o nome de Doutor de Vito, o vitorioso! Mais que ao meu entender, o Zepelim, ele... ao meu entender; que eu também já vestir gibão; e perneira; ele foi pego... ao meu entender ele foi pego por todo um conjunto! E chegou ao ponto a sair este piquete, aonde estava o Doutor de Vitor ... e Doutor de Vito deu a perseguição o quanto pôde, eu muito acredito; o quanto ele pôde fazer ele fez... agora aí já estava “Doutor de Vito” e ...! Mais que na verdade, na história que se fala hoje, a

¹¹⁶ Vaqueiro portofolhense, Antônio Alves de Farias, 83, fonte oral para este trabalho. Em entrevista concedida ao autor, em 02 de fevereiro de 2017.

¹¹⁷ Em ocasião da entrevista concedida, em Porto da Folha, em 02 de fevereiro de 2017.

história que se fala é que quem ganhou essa vitória de pegar o boi Zepelim foi Doutor de Vito!

Até, então, fato incontestável para o protagonismo deste vaqueiro na peleja que o consagrou. Chegando, portanto, na frente de tantos outros! De tantos outros, de desejo construído como forma de paixão para superar aquele boi de fama. E como efeito decorrente e previsível, transmutar esta fama do boi para a grandeza do seu currículo de vaqueiro “pegador” de boi no mato. Oportunidade ímpar, portanto, no ambiente da comunidade vaqueirama onde talvez não mais viesse a ter em sua história, um outro famanaz bovídeo no tope (no naipe) do Zepelim. Este que por genética e (in)sorte; por natureza / *habitat* e ante o capricho do humano – foi tornado inigualável corredor no mato. De fôlego quase infindável. Afoito e driblador. Isto o que pelas (nas) costumeiras falas dos homens do campo, diz-se “dar cambão” em vaqueiros sobre os seus parrados cavalos. Certo é que pela sua força e punjança, por sua natureza de liberdade que aflorou rebeldia às cercas, ao laço e à peia – se tornou mal visto e fujão. E certo, também, que tornou-se uma espécie de troféu para quem não se lhe afeiçoava mavioso, o vaqueiro de corrida a bois no mato. Notadamente, para muitos de tentativas outrora frustradas! Outros mais, de gana, para desbancar aquele velho barbatão.

Ansiedade, portanto, de todo um universo da comunidade vaqueirama! E por agudado desejo de qualquer um dos seus homens de lida com gado, alcançar ao premiável Zepelim, a extensiva vontade transfigurava o homem vaqueiro num insigular “bicho homem”! Assim comparado pelo empenho de sua coragem e destreza serem arranjados para correr e pegar, no mato, aquele boi. Desejo, assim, como de um animal caçador! Como os de ferocidade em perseguição às suas presas. Também era este, um tipo de figura no imaginário dos sertanejos da época! Que vaqueiro para alcançar barbatão daquele tipo, famoso e misterioso, tinha que ter mais do que vontade e coragem. Tinha que ir mais além do querer! Tinha que ser, quase como que um bicho, daqueles inscritos como dos mais astutos! Assim, desta maneira! Como dos que tem força, destreza e sagacidade. Ou como enigmático, de natureza a ser desvendada, como à maneira da contrução poética de Francisco Carvalho.¹¹⁸

¹¹⁸ Francisco Carvalho (1927-2013) foi um escritor e poeta brasileiro, cearense. Membro da Academia Cearense de Letras. Autor de diversas obras poéticas. Recebeu condecorações como o Prêmio Nestlé de Literatura em 1982 e, Prêmio da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em 1997. Cinco dos seus poemas foram interpretados e musicados pelo cantor e compositor da “Música Popular Brasileira” Raimundo Fagner, no seu disco compacto “Donos do Brasil”. De acordo com a crítica o artista é “fanático por vaquejadas, [...] percebeu a riqueza da tauromaquia nos poemas selecionados pelo autor em sua obra “Memórias do Espantalho” (2004). Vê: **FAGNER** revela o grande poeta Francisco Carvalho. Jornal “O Estadão”. São Paulo, 29 de outubro de 2004. Caderno Cultura. Disponível em: < <http://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,fagner-revela-o-grande-poeta-francisco-carvalho,20041029p5946>>. Acesso em: 24.04.2017.

O Bicho Homem¹¹⁹

Que bicho é o homem, de onde ele veio para onde vai?
Onde é que entra, de onde é que sai?
Que raio lhe acende a chama da fúria
O que é que sobra da cesta básica de sua penúria
Que bicho é o homem, do que se enfeita que mão o ampara
No chão de enigmas em que se deita
Que bicho é o homem
Que mama no seio da reminiscência
E que embala a morte em seu devaneio
Que bicho é esse que carrega o fardo de uma dor medonha
Que sucumbe o fardo mas ainda sonha?
Que bicho vagueia na treva hedionda
Que pantera esguia será mais veloz do que a própria sombra?

O homem que tece as malhas da lei, que bicho é o homem
Que transforma em pêssego as fezes do rei?
Que bicho é o homem que ama e desama, que afaga e magoa
E que às vezes lembra um anjo em pessoa?
O homem que vai para a eternidade num saco de lixo
Que bicho é o homem de salário fixo?
Que bicho é o homem que trapaceia, que às vezes pensa
Que é mais brilhante do que a papa ceia?
Que bicho é esse que escreve as vogais das cinzas do pai?
De onde ele veio e para onde vai?
Que bicho é o homem que se interroga léguas de volúpia
Sonhos e utopias tudo se evapora
Que bicho é o homem de argila e colosso que lavra e semeia?
Mas só colhe insônias em lavoura alheia?
Os rastros do homem no vento ou na água são rastros de fera
Mas que bicho é esse que se dilacera?
O homem suplica, os deuses concedem, que bicho é o homem
Que sempre regressa às praias do Éden?
Que bicho é o homem que escreve poemas na aurora agônica
E depois acende a fogueira atômica?
Que bicho te oferta um ramo de rimas
E à sombra dos mortos semeia gemidos por sete Hiroximas?
Que bicho te espreita aos olhos dos becos
Onde os cães insones mastigam as sombras dos antigos donos?
Que bicho é o homem que rasteja e voa, que se ergue e cai?
De onde ele veio e para onde vai?
Que bicho é o homem, de onde ele veio e para onde vai?
Onde é que entra de onde é que sai?

¹¹⁹ O poema “O Bicho Homem” compreende a obra: CARVALHO, Francisco. **Memórias do Espantalho – Poemas Escolhidos**. Imprensa Universitária da UFC, Fortaleza, 2004. É um dos cinco poemas do autor que foram musicados pelo cantor e compositor brasileiro, Raimundo Fagner. Consta do seu trabalho “Donos do Brasil”, pela gravadora “Indie Records”, 2004.

Marcando as passagens da saga do boi Zepelim, como já tratamos, a sua perseguição final foi coroada pela presença do vaqueiro Doutor de Vito. Presença que se revelou carregada, de algo além do comum ao que já destacado de suas falas – “coragem e teimosia”. Tinha algo a mais. Como à maneira ilustrativa dos versos de Francisco Carvalho, do seu “*chão de enigmas em que se deita*”,¹²⁰ trouxera para a peleja um âmago incontido de vontades excêntricas para a vitória.

– Aí, eu digo: vamos pegar o boi!? – Ele diz: quem vai lá...? – Eu digo: vou, eu digo vou! – Não vá, não! - Digo, vou! – Aquele boi lhe mata! O boi com umas ponta “desse tamanho” uma fera, né...? [...] Aí eu botei a mão na ponta, botei a mão na perna, voltei aqui [...] quando acabar fui trazendo ele pra cá, fui trazendo ele pra cá... eu com vinte e dois anos, uma gana... “de outro mundo.” Fui trazendo, fui trazendo... aí butei eu digo pronto ele não butando a perna no chão ele não se levanta, né? (DOUTOR DE VITO, entrevista em 22 de junho de 2014).

E para a vontade e sonho de ser visto como herói, pronto para se sobrepor ao “fardo de uma dor medonha / Que sucumbe o fardo mas ainda sonha? / [...] Os rastros do homem no vento ou na água são rastros de fera”.¹²¹ De maneira tal, extravasando o limite de forças. Reanimando extraordinário vigor.

Doutor de Vito: Outra coisa que ninguém, que nem papai viu, que eu não deixei papai ver: [...] aí o queixo caiu! Eu digo: oh meu pai do céu! Eu me afastei da turma né (?) eu me afastei aí... o queixo pendurado

Autor: (assustado)... O queixo do senhor?

Doutor de Vito: Sim! Da força que eu fiz, deslocou! Repare, que força que eu fiz! Aí, deslocou, aí eu fiquei... meu Deus! Era, turma lá, de cima! Chegando vaqueiro, chegando vaqueiro! Butasse a mão, tinha pégo né? [...] Aí por último chegou a nossa turma. Mais antes, Deus é poderoso, a [...] butei o queixo aqui, me deitei aqui de papo pra baixo e comecei a “vastar” assim “lupe” (sic)...colocou! Não é Deus que faz essas coisas? – é Deus! O Deus poderoso! Aí, quando colocou eu digo, agora aí... digo agora vou gritar! Aí gritei, a voz saiu...¹²²

Dos encegueirados pretendentes em pegar o Zepelim, o vaqueiro “Doutor” de Vítor Teodoro, das terras aquidabaenses; chegou primeiro. Alcançou o boi! Provavelmente ou, talvez, porque em carreira o animal se chocou com uma frondosa árvore. E fatalmente

¹²⁰ CARVALHO, 2004, Op. Cit

¹²¹ Idem, Op. Cit.

¹²² Parte da entrevista realizada com o senhor José Aloísio de Matos, o vaqueiro Doutor de Vito, em Aquidabã, em 22 de junho de 2016.

tombou! Caiu, em seu próprio território! Na própria mata do seu acolhimento, da sua guarida e das suas brechas! Dia marcado, coisa de destino! Ou pelo efeito, como hipnótico, do grito de “Doutor”: “*vai morrer boi véio*”, que induziu ao barbatão olhar pra trás e em decorrência, se lançar sobre uma árvore “catingueira”?

Possivelmente, deu-se mesmo a contribuição de seu grito para o êxito de alcance ao barbatão. O grito como força extraordinária para quem tomava a sina de herói, transformando em recurso distinto até o suspirar, o olhar de perspicácia, o tempo fracionado em milésimos para fazer o inusitado, o incomparável e determinante.

Decerto, mesmo, é que a vez se fez! E de tal ocasião, como sendo deste vaqueiro! Pelo misto de sua ousadia e enigmáticos atributos – os que constróem os heróis. Pelo inexorável desejo de consagração, objeto de sua causa! Partindo do rastejo ao vôo! Outra vez, como próprio do poema:

Que bicho é o homem que rasteja e voa, que se ergue e cai?
De onde ele veio e para onde vai?
Que bicho é o homem, de onde ele veio e para onde vai?
Onde é que entra de onde é que sai?¹²³

Os bons vaqueiros que na caatinga, pelos seus cavalos, dão carreiras em bois arredios começam dessa maneira. Aprendem sozinhos. De um inusitado “querer” que se torna “paixão”! Juntando a vontade de pegar / dominar boi no mato a um conjunto de suas habilidades, adquiridas no seu cotidiano de manejo com gado. Tornam-se talhados de (por) uma prática comum a vaqueiros do Nordeste. Mas, sobrepõem-se por suas individualidades, por subjetividades constituídas da apetência com o trabalho de pastoreio e de manejo com gado, das respostas físicas do seu corpo, das habilidades adquiridas em meio a um espaço geográfico distinto, o semiárido nordestino. Há particularidades que, por si, tornam cada vaqueiro “um tipo único”.

Então eu fui criado dessa maneira! Graças a Deus toda vida fui obediente ao meu pai, depois que eu fui crescendo a minha infância foi toda aqui no terreno. Trabalhamo, junto com o irmão, junto com os empregado, né(?). E graças a Deus a pessoa mais feliz do mundo, eu sinto em mim próprio [...]! ... e cum isso foi que, fui teno estima com o gado. Trabalhei cum muito

¹²³ Do poema “Bicho Homem”, in: CARVALHO, 2004, Op. Cit.

gado! Aquele gado pra mim era a alegria de minha vida e cum aquilo eu fui desenvolvendo, desenvolvendo...¹²⁴

O homem Aloísio, bem feito vaqueiro Doutor de Vito pela natureza do seu trabalho e constância da luta com animais de marra, criados à solta; entrou na saga de Zepelim aliando seu treino a um “querer e paixão”.

No entanto, a exemplo de boa parte da plêiade de vaqueiros do sertão sergipano (daqueles tempos), um grande desejo era alcançar aquele boi como se fosse a conquista de um grande prêmio. Para recompensar e firmar, pelo menos no seu ambiente rural, os predicados culturalmente instituídos para estes homens – de **sertanejos fortes**. De homens corajosos, persistentes, lutadores. Atributos, então, assimilados (ou enquadrados) numa culturalidade nordestina e, sertaneja, tipificando uma masculinidade regional.

Portanto, para sujeitos do sertão nordestino arraigados à natureza de solo e vegetação seca (na maior parte do ano), foram elaboradas narrativas e descrições para constituição de um tipo de indivíduo “regional”. Dotando-o de especificidades e características peculiares, compreendidas por Grangeiro (2015) como de “nordestinidade”.¹²⁵ Assim posto, indivíduos resignados, pelas reais condições e imposições da luta pela sobrevivência. Percebidos pelo foco de vários olhares, sujeitos de categorizações provenientes de áreas diversas do conhecimento e do saber. Para ilustrar, assim como encontramos o homem dos sertões nordestinos sob as diversas leituras (e construções), a exemplo da História, da Sociologia, da Antropologia, da Arte e da Literatura. Para tentar conhecê-los, distingui-los e compreendê-los pelos seus “saberes” e “fazeres”. De tal maneira como procede a “História Cultural”¹²⁶ e a produção historiográfica em (de) sua perspectiva, tomando estes indivíduos como referências mediante suas “práticas” e “representações”. Assim posto, não distantes ou com isenções de generalizações ou de preconceitos incorrendo na construção estereotipada quanto à imagem

¹²⁴ Transcrição da fala do senhor José Aloísio de Matos, o vaqueiro Doutor de Vito, em entrevista concedida ao autor em 18 de janeiro de 2017.

¹²⁵ Incorporando de alguma forma os seus costumes, hábitos, seu dialeto, sua cultura, práticas religiosas, alimentação ou seja “o jeito de ser nordestino”. Vê: GRANGEIRO, 2015.

¹²⁶ De acordo com Barros (2003) a nova História Cultural interessar-se-á pelos *sujeitos* produtores e receptores de cultura — o que abarca tanto a função social dos 'intelectuais' de todos os tipos [...] até o público receptor, o leitor comum, ou as massas capturadas modernamente pela chamada 'indústria cultural' [...]. Para além dos sujeitos e agências que produzem a cultura, estudam-se os meios através dos quais esta se produz e se transmite: as *práticas* e os *processos*. Por fim, a 'matéria-prima' cultural propriamente dita (os *padrões* que estão por trás dos objetos culturais produzidos): as 'visões de mundo', os sistemas de valores, os sistemas normativos que constroem os indivíduos, os 'modos de vida' relacionados aos vários grupos sociais, as concepções relativas a estes vários grupos sociais, as idéias disseminadas através de correntes e movimentos de diversos tipos. [...] e de sentir tomados coletivamente. Vide: BARROS, 2003, p. 148.

do homem dos sertões nordestinos. Tornando-os até exóticos! Assim como Albuquerque Júnior (2003, p. 164) analisa que “a elaboração da figura do nordestino vai se dar pelo cruzamento de conceitos, temas e enunciados” para a construção de imagens e discursos bem apropriados como objetos da seara literária. De um tipo ou outro de gênero. Ou de escrita. A exemplo do romance, pelo qual já emergiram movimentos como o definido “regionalismo nordestino”¹²⁷ ideado por Gilberto Freyre, da década de vinte (século passado). Por este, o homem sertanejo é diversamente figurado. Pode ser como o descrito por Raquel de Queiroz (2011, p. 118) ressaltando “[...] o homem forte do sertão, de beleza sadia e agreste, tostado do sol, respirando energia e saúde”. Ou como do tipo personagem “Fabiano”, de Graciliano Ramos,¹²⁸ pelo destaque da rudeza, da ignorância, visto até por si como desumanizado! Entretanto, efetivamente resignado e inotido perante o sofrimento. E pelo recurso da fuga, da migração... um esperançoso! Crente no milagre, no advir da onipotência! Por estes apanágios, portanto, dá-se a emergência de um ser que se sobrepõe, talvez, somente possível em função de magnífica força e resistência. À maneira que, classicamente, Cunha (2012, p. 440) por sua obra **Os Sertões** simbolizou a expressão: “*O sertanejo é, antes de tudo, um forte*”.

Embora curta, objetiva e de linguagem direta; compreendemos que esta construção frasal excede o estilo da escrita jornalística, própria do autor. Pelo seu ofício! Nela consta um sentido de vida pulsante. Parece ganhar materialidade! Uma forma de um retrato! Não somente para figurar sujeitos e feições! Contudo, para espelhar comportamentos e sentimentos! Para reportar uma essência além do olhar! Porque nas páginas seguintes do

¹²⁷ No contexto do modernismo, movimento dos anos vinte idealizado pelo sociólogo Gilberto Freyre e militância intelectual de outros literatos, com o objetivo de tratar o significado do movimento conformando uma pretensa cultura regional nordestina. Orientação que se fundamentou a partir do Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo na cidade de Recife em 1926, do qual Freyre participou com a leitura de seu “Manifesto Regionalista”. Ressaltamos últimas linhas proferidas em seu discurso: “Donde a necessidade deste Congresso de Regionalismo definir-se a favor de valores assim negligenciados e não apenas em prol das igrejas maltratadas e dos jacarandás e vinháticos, das pratas e ouros de família e de igreja vendidos aos estrangeiros, por brasileiros em quem a consciência regional e o sentido tradicional do Brasil vem desaparecendo sob uma onda de mau cosmopolitismo e de falso modernismo. É todo o conjunto da cultura regional que precisa ser defendido e desenvolvido (FREYRE, 1996, p. 47-75). Um manifesto que o compreendemos como toda uma matéria de (para) uma “História Cultural” do Nordeste, visto a riqueza de objetos e temas em sugestões (e defendidos) para serem tratados pela pesquisa e pela produção intelectual. Dada esta compreensão e notoriedade sobre a perspectiva do “Movimento Regionalista (nordestino)”, Durval Muniz credits ao seu ideador Gilberto Freyre e aos escritores vinculados às propostas do movimento, como José Lins do Rêgo e José Américo de Almeida, a invenção literária do Nordeste. Em referida perspectiva, a inserção de outros escritores da produção romancista dos anos de 1930, como Graciliano Ramos, José Américo de Almeida, Raquel de Queirós, Jorge Amado, Érico Veríssimo e Marques Rebelo.

¹²⁸ RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Editora José Olympio, 1938.

capítulo de sua obra,¹²⁹ pelas descrições que o autor fez do tipo humano do sertão nordestino que ele conheceu; além de inspiração também encontrou os enredos que deram voga ao (seu) enunciado tornado ícone de nossa literatura brasileira

[...] Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combatida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; [...] reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias (CUNHA, 2012, p. 443-5).

Entetanto, as impressões de Cunha (2012) em relação ao nordestino sertanejo, de parte do território brasileiro, não se constituem nosso objeto de análise. Até porque tomando as referências do historiador Albuquerque Júnior (2003, p. 152-3), a invenção deste sujeito regional¹³⁰ – o nordestino, a partir de referenciais científicos, culturais e literários não se dá objetivamente. Alude e consta de ambiguidades.

A figura do nordestino oscila, pois, entre um homem definido pela influência de um determinado tipo de composição racial, um determinado biótipo, um tipo que se discute se é eugênico ou não, entre um homem que é definido pela influência de um meio ou natureza particular, um homem telúrico, ou entre um homem que é definido pela influência de uma história civilizacional e cultural particular. Estes pontos de vista não necessariamente se excluem e, o mais comum, é encontrarmos, num mesmo discurso, enunciados naturalistas e culturalistas, convivendo lado a lado.

¹²⁹ Trata-se do capítulo três, da obra **Os Sertões**, com o título “**O Sertanejo. Tipos díspares: o jagunço e o gaúcho. Os vaqueiros. Servidão inconsciente; vida primitiva. A vaquejada e a arribada. Tradições. A seca. Insulamento no Nordeste. Religião mestiça: seus fatores históricos. Caráter variável da religiosidade do sertanejo. A Pedra Bonita e Monte Santo. As missões atuais**”. Vê em: CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo:2012, Editora Montecristo. Disponível em : < <https://docs.com/user489431/3407/os-serto-es-euclides-da-cunha?fromAR=1>>. Acesso em: 09.08.2017. Livro On-line.

¹³⁰ De acordo com Vojniak (2003, p. 666), corresponde a um tipo regional que emerge de um discurso eugenista que procurava naturalizar os comportamentos e valores do nordestino; de um discurso antropogeográfico que procurava explicar as características físicas, os traços subjetivos e os códigos culturais do nordestino como produto da natureza particular da região; de um discurso literário que desenhava o nordestino como aquele que partilhava da superioridade dos fortes, temido, capaz de tudo, valente, corajoso em uma região que até a mulher é "macho sim senhor". Vide: VOJNIAK, Fernando. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 664, jan. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000200026/9212>>. Acesso em: 09.08.2017.

3.1 Sem preconceito, “cabra-macho... Sim, senhor!”

Decorrido o agenciamento dos diversos tipos de imagens e construções para o nordestino, tem sido simbólica e recorrente a figura forjada do tipo “cabra-macho”. Este, associado à virilidade e força física, à rudeza, à ignorância e valentia. Que segundo Albuquerque Júnior (2013, p. 217) constitui “representação” de masculinidade nordestina. “Inventada”, mas útil! Uma construção histórica e cultural para encorpar uma identidade regional.

[...] ele era capaz sempre de uma reação viril. Ele, embora parecesse, às vezes, apático, indolente, frouxo, entibiado, à menor mudança de situação se estadeava num homem valente, numa descarga de energia, retesando todas as suas fibras, se tornava o macho rude e duro, rústico, que não aceitava desonras, nem covardias, que não levava afrontas pra casa. [...] O nordestino era, pois, esse ser surpreendente, cuja aparência não revelava a sua essência varonil.

Esta figura do “cabra macho” nordestino, forma mais frequente para ilustrar e distinguir o homem sertanejo, já destacamos como referência imagética para diversos olhares. Para diversas concepções. Bem destacamos, o tipo regional construído e vivificado pela literatura regionalista dos anos vinte, adiante (do século passado). Com descrições e narrativas sobre a performance do homem destemido; do homem forte e aguerrido para suportar sol e verões, inclementes, sobre a natureza do sertão que lhe acode. Para dar respostas a tipos de poder que diputam o seu poder-querer-viver como gente e cidadão!

Dos livros e das vozes, portanto, construindo (ou instituindo) o nordestino / sertanejo sob à “representação” imagética da “macheza” pela coragem, pela ousadia ou obstinação; tais caracteres também tomaram o sentido da imagem em movimento. Da produção fílmica do cinema e televisão brasileira. Como Grangeiro (2011, p. 4-5) analisou:

O cinema brasileiro por diversas vezes tem recorrido à temática nordestina em suas produções, onde são representados os aspectos típicos da região como a seca, a religiosidade, a política coronelística, a cultura e a masculinidade concebida pela figura do **cabra-macho** (grifos nossos). E nesses filmes o sujeito masculino é representado de forma peculiar, valente, destemido e viril, onde sua masculinidade é constantemente assimilada à força. [...] O cinema sugere releituras de cotidianidade e nelas foram elegendo-se categorias e condutas que afirmam a identidade de ser “macho-nordestino.

Notoriamente, esta é a figura / imagem mais popularizada como referência do homem do sertão nordestino. E dela, também, nos servimos para compreensão da categoria “representação”, aporte teórico deste nosso estudo. Principalmente em razão de que para a construção desta figura, muito se ilustra da personagem do “vaqueiro”. E do “vaqueiro” à maneira de quem tratamos neste nosso trabalho – o vaqueiro “Doutor de Vito”. Com história de vida marcada pelo tempo de seu labor com gado, fazenda, mato e pastejo. O tipo descrito da peleja com o clima, com a vegetação da caatinga, do solo árido, do gado matoeiro. Resistente a tantas intempéries. Clemente e forte. Como descrito por Cunha (2012, p. 463-4)

Atravessa a vida entre ciladas, surpresas repentinas de uma natureza incompreensível, e não perde um minuto de tréguas. É o batalhador perenemente combalido e exausto, perenemente audacioso e forte; preparando-se sempre para um encontro que não vence e em que se não deixa vencer; passando da máxima quietude à máxima agitação; da rede preguiçosa e cômoda para o lombinho duro, que o arrebatava como um raio pelos arrastadores estreitos, em busca das malhadas.

Decorrendo nossa leitura e entendimento, o “vaqueiro” como exemplar de “cabra macho” figurando “um tipo” de masculinidade do nordestino, não se enquadra por completo como uma construção estereotipada. Este “cabra macho” não é completamente uma invenção, uma construção generalizada de um tipo regional, sem que lhe recorram atributos que não o façam merecer tal adjetivação. O atributo lhe pode ser conferido em função do contexto cultural de “práticas” e “representações” em que o vaqueiro (sertanejo) está inserido. Até, possivelmente, pelo valor e cumprimento da sua “palavra dada”, da confiança que o seu nome e a sua personalidade transmitem para a sociedade e para os grupos de convivência. Assim, não propriamente pela força física e mental disposta para o trabalho e para a sobrevivência.

De antemão, portanto, este “cabra macho” vaqueiro pode ser dispensado de preconceitos como o da valentia ou da bruteza. Ou de atitudes machistas. Nem, tampouco, pela exortação de sua masculinidade ao ponto de uma “invenção do falo”¹³¹ que o diferencie de outros homens. Avaliamos, até, sem pretensão ou vinculação ideológica. É um “macho” (cabra macho) pela tenacidade e obstinação que lhe são inerentes. Que não costuma hesitar, vacilar perante à luta! Porque isto é próprio dos tradicionais vaqueiros dos tempos de gado nas (pelos) matarias

¹³¹ AIRES, 2008, p. 96.

[...] com os marruás recalcitrantes. O touro largado ou o garrote vadio em geral refoge à revista. Afunda na caatinga. Segue-o o vaqueiro. Cose-se-lhe no rastro. Vai com ele às últimas bibocas. Não o larga; até que surja o ensejo para um ato decisivo: alcançar repentinamente o fugitivo, de arranco; cair logo para o lado da sela, suspenso num estribo e uma das mãos presa às crinas do cavalo; agarrar com a outra a cauda do boi em disparada e com um rapelão fortíssimo, de banda, derribá-lo pesadamente em terra... Põe-lhe depois a pela ou a máscara de couro, levando-o jugulado ou vendado para o rodeador. (CUNHA, 2012, p. 486-7).

Segundo Aires (2008), os vínculos dos vaqueiros com o universo da masculinidade se apresentam por meio de diversas expressões. Percebidas desde “as constantes corridas dos vaqueiros com o cavalo, de um lado para o outro”, até pelas quedas de cima destes ao chão de terra ou de mato. Com repentinas retomadas às montarias. Valem também as manobras que expressam domínio sobre os mesmos, despertando-os perante à fogosidade de corcel.

Imagem 10 – Vaqueiros em evento de pega-de-boi no mato



Fonte: Acervo particular do autor - Fazenda Beleza – Graccho Cardoso – SE, em 25.03.2011.

Nas corridas de pega-de-boi no mato, portanto, o vaqueiro “cabra macho” pode se refletir por diversos atributos. Muito propriamente decorre pela aceitação dos desafios, de não se negar a gado bravo, marueiro. Em decorrência, tocar seu cavalo sobre veredas incertas, sendo necessário para o arrojo deste, a coragem de seu montador. Dá-lhe rédeas, coçar-lhe as esporas, aguçar sua velocidade e força. E para não tombar frente ao mato sem trilhas, dobrar-se ao seu corpo, quase deitando-se, quase amoldado como se ambos unicamente se constituíssem. Para a fortuna cobiçada. Para alcançar boi afamado. Por tamanho empreendimento, por incessante motivação – propriedade de quem, no sertão nordestino, é “decidido”, é de coragem! É um macho!

Imagem 11 – Vaqueiro em evento de pega-de-boi no mato



Fonte: Acervo particular do autor - Fazenda Beleza – Graccho Cardoso – SE, em 25.03.2011.

E desta forma, o atributo se desvia de estereótipos negativos! Ganha mesmo é o sentido da intrepidez de sujeitos com naturezas fortes; dos que honram a “palavra dada” e zelam a tenacidade. Pode-se, portanto, ser alusiva tanto para homens quanto para mulheres! E, muito além de negativos preconceitos, adotar a afirmação “*muié macho! Sim sinhô!...*”¹³² conforme a “representação” defendida pelo artista Luiz Gonzaga. Para o artista, expressão cunhada em letra de música de sua autoria, com o sentido de homenagear mulheres corajosas e protagonistas. “*Que luta e trabalha*”. De canduras e, valentia! E não, ao contrário, como pejorativo à figura das mulheres.¹³³

Assim, portanto, para uma discussão que envolva questões de gênero, nesta perspectiva a “representação” do “cabra macho” não entendemos que seja a do “machão”! Esta, sim, que nutre a subestimação do sexo feminino, da mulher sujeita ao homem. Aqui, defendemos mesmo é o sentido do termo como sinônimo de “valentia”. Como propriedade de resistência e perseverança dos sujeitos, de homens e mulheres. Daqueles que não se abatem diante dos percalços.

E pelas palavras do senhor Aloísio, o vaqueiro Doutor de Vito, são “cabras-macho” aqueles com o atributo da coragem! Que até mesmo sob às ofensas de alguma dor, obstinam-se! Que podendo resistirem, não recorrem às tantas lágrimas e nem a tanto choro. E isto se aprende desde cedo, já quando desventuras podem ser conhecidas. Para ilustração, retomamos

¹³² De verso da composição musical “Paraíba” (1946), de Humberto Teixeira (Humberto Cavalcanti Teixeira) e de Luiz Gonzaga (Luiz Gonzaga do Nascimento). Do gênero forró, do estilo “baião”, foi cantada pela primeira vez em 1950, em Campina Grande – PB. E gravada oficialmente em 1952.

¹³³ Compreendendo a leitura feita por Alômia Abrantes (2008) para entender a expressão “*muié macho! Sim sinhô!...*”, não como depreciativa à figura da mulher nordestina. Mas como referência para aquela que é de luta, que enfrenta batalhas. Vê: ABRANTES, 2008, p. 115-224.

sua fala¹³⁴ sobre lembranças da fatídica ocasião em que sua “traquinagem” foi punida por accidental corte de facão sobre um de seus artelhos. Entretanto, já em tenra idade pudera ser recalcitrante! Chorou pouco, em oposto a grande dor.

Sr. Aloísio: [...] Me botaram numa cadeira ali (apontando para um canto da sala)! – Eu não me esqueço nunca: botei uma xícara de sangue! Por esse dedo. Aí, botaro, amarraro... naquele tempo; né(?)... Aí; aí...agora fui dar trabalho a mamãe! [...] Mais aí apareceu um médico... e aí o dedo ficou inchadão assim! – Aí o médico disse... Pegou a me alisar! – Aí largou o canivete aqui (mostrando o dedo)...

Autor: Teve que mutilar?

Sr. Aloísio: Não tinha como... aí, cortou! Não sei se eu vir o resto né (?)... e aí pronto! Daí pra frente mamãe foi ajeitando e aí concluindo... sarou! [...] – Então, ele aí (reportando-se ao médico) pegou a lisar-me e disse: - Você vai ser um doutor! Vai ser um doutor. Você é um homi de corage! Você vai ser um doutor! – E eu peguei o título de “doutor” por causa desse dedo (risos)!

Também aqueles que exaltam “teimosia”! Atributo muito próprio dos vaqueiros. Que costumeiramente não fogem aos desafios para buscas de bois fugidios, sem nada à vista como de retorno material. Assim, “teimosia” compreendida como sinônimo de esperança - qualidade inerente dos homens e mulheres nordestinos, da terra coroada por natureza árida, de sol quente e água escassa. Contudo, de homens e mulheres que não fugindo às lutas, tecem desejos e sonhos. E para o vaqueiro Doutor de Vito, grande razão para o seu protagonismo de vencedor frente à peleja com gado bravio, de fuga ou desapartado.

... Quando o vaqueiro pega um bicho, né... pela **teimosia**! Que o vaqueiro é teimoso, porque vaqueiro age pela teimosia, né (?), ele ganha um litro de pinga, ganha uma cabeçada, ganha um roló! Olhe que investimento louco? – Então eu fui desses, né, que investi muito e não tirei um conto. Mais com isso, eu não esmoreci não! Gostava da história. E cabra-macho é quem não disiste! (DOUTOR DE VITO, entrevista em 22 de junho de 2016)

3.2 Aboios e toadas: para exaltar fama de gado e de vaqueiros

Como já pudemos aqui discorrer; alcançar o boi teimoso, o marueiro ou touro mais arisco e concorrido entre a leva de vaqueiros; sempre se constituiu cobiça para quem logo se afeiçoou com o tipo de desafio de pega-de-boi no mato. Logo e, secularmente, tornado esporte e festa nos palcos de caatingas dos sertões nordestinos. Para a celebração do indivíduo no seio

¹³⁴ Em parte da entrevista concedida, em Aquidabã, em 22 de junho de 2016.

de sua comunidade ou grupo. Um efeito de primeira ordem! Entretanto, de efeito singular visto que o extraordinário e exitoso tendem a se despersonalizar, a se tangerem do “**ser**”¹³⁵ homem” para o “**ser** vaqueiro”.¹³⁶

Notadamente, a façanha do Doutor de Vito em relação ao Zepelim o tornou vitorioso tanto como sujeito (na dimensão de sua personalidade), tanto como “vaqueiro” na referência de sua atividade laborativa. E nesta condição, o significado simbólico da vitória deste personagem, naturalmente, se estendeu aos seus pares; aos próprios desta sua categoria.

Depois, então, de longa jornada por terrenos e caminhos incertos, em meio ao mato e debaixo de calor do sertão moldado em seu gibão - sua armadura de couro; o vaqueiro tipo guerreiro retorna para o seio do seu grupo. Normalmente, num pequeno povoado. Em sua vizinhança. Num canto onde os encontros se dão para a prosa e contos de “causos”. E para as narrativas de façanha maior, quando carreira em boi marrento, “zombeteiro” de vaqueiro foi dada! Contudo, imagine se o (um) dia foi mais para o vaqueiro do que para o boi famanaz? – Aí, é mesmo para a fanfarrice, comemorações e alegrias. Quando os aboios e toadas se soltam em vozes uníssonas, que estalam cadencialmente sobre os ouvidos, sobre a paixão de homens e de mulheres que honram a “vida de gado”. Com o característico alongamento da voz até o grau de eco, para o som “fechado” de vogal, faz-se menção ao gado ou ao nome de alguma rês. A voz ganha uma dimensão melódica. Um “mote” inspira a continuidade do improvisado, que enreda o cotidiano de homem e gado; de sua força e luta. Sobre aboios¹³⁷ se diz assim! Ou, se faz assim!

Antigamente quando a gente, eu comecei a aboiar, cada um aboiador fazia o verso e aboiava. Hoje não, tem o aboio “só é conversa, né” (inaudível)? – Aboio é uma coisa que ninguém aprende. É da natureza! É um dote! Eu desde pequeno que eu tinha vontade! Eu... tinha aqui um véio, famoso no aboio. Chamava Nilo Aboiador, e eu tinha vontade de conhecê-lo. Eu novo, aí um dia a gente se encontrou, começemo a aboiar e... mais num foi cum ele que eu aprendi!... E, aboiava de um jeito e o meu estilo é outro: Êêêêêê...

¹³⁵ Uma compreensão relacionada às condições de particularidade, capacidades inerentes e de identidade dos sujeitos.

¹³⁶ O ser-vaqueiro “sertanejo”, compreendido como um tipo diferenciado de homem do campo. Isto em função de práticas e saberes peculiares com que (e como) lida com o gado bovino. Dizemos que por suas práticas, muito mais dotados do saber popular do que zootécnico-veterinário.

¹³⁷ Sobre o tema “aboio”, além das leituras / indicação bibliográficas e informações a partir de fontes orais deste nosso trabalho, a exemplo da entrevista junto ao senhor Maurício Nunes dos Santos, o vaqueiro e cantador “Maurício do Pajeú” (em 08 de janeiro de 2016); muito informativo e ilustrativo é o material fílmico: **ABOIO**. Direção Marília Rocha, Produção Marília Rocha e Helvécio Marins Jr. Brasil: Produtora Lume, 2005. Em 73 minutos. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=RjqsKZrgTks> >. Acesso em: 22.08.2017.

ôôôôôôôô... Êêêêêêêêêêêê êêêêêê... gado manso; êêêêêê... saudade êêêêêê...
Êêêêêêêêêêêê, êêboin...¹³⁸

Mesmo com vontade de representar, assim, pela escrita; é quase indescritível! Notadamente, fica muito distante da beleza que se expressa por um vaqueiro, um cantador soltando a sua voz em “aboio”. À maneira destes, é maravilhoso! Pois, se parecendo lamento, pedido ou súplica; também pode confundir como sendo um recurso de (para) encanto; para domesticação dos animais pela expressão da voz de quem lhe pasteja, de quem lhe pastoreia.

Também assim ocorre, pela “toada”. Embora, esta se denote a ser de mais elaboração, de inspiração mais trabalhada. Que pode ser composta longe do calor, do cheiro, do berro do gado. Fora do ambiente em que o rastro de gado possa não constar.

E sobre aboios e toadas lembramos aqui, de novo, do toadeiro Maurício do Pajeú, cantador do sertão e de quase todos os encontros de vaqueiros, em ajuntamentos para pega-de-boi no mato. O toadeiro de preferência do velho vaqueiro Doutor de Vítor, conforme nos revelou:¹³⁹

Autor: Sobre toadas e aboios, o que o senhor fala?

Sr. Aloísio: Eu admiro... Eu admiro! E ainda tem pra completar: sei tirar verso, sei tido (sic), mais tenho acanhamento

Autor: E é, rapaz, não pode...!

Sr. Aloísio: É, repare (risos).

Autor: Lembra, o senhor lembra de algum toadeiro, algum aboiador do seu tempo, que marcou a sua memória, que marca a sua memória?

Sr. Aloísio: O melhor toadeiro até hoje, pra mim é Maurice.

Autor: É Maurício?

Sr. Aloísio: Todo... todo; tem equipe que nós já se encontramos em Porto da Folha, cum dupla de aboiador, tudo... Mais eu dou linha de frente a Maurício!

Autor: Maravilha, ele vai gostar disso! Vou informar a ale.

O preferido toadeiro, não se constitui por acaso! É por cantar o tempo, a natureza, o (seu) lugar sertanejo. De gente simples; da roça e do campo. Que gosta de terra e de bichos. E sobre vaqueiros, cantam suas histórias de vida, sobre peijas e desafios. Sobre paixões e

¹³⁸ Depoimento de personagem do documentário “Aboio” (2005), de Marília Rocha, acima referenciado. Ao decorrer de 35 minutos de reprodução.

¹³⁹ Em parte da entrevista concedida, em Aquidabã-SE, em 22 de junho de 2016.

apegos que se fazem cúmplices de suas trajetórias. Como os merecidos versos e rimas feitos, e entoados, em homenagem a parceiros cavalos de labuta diária, de apartação e para as corridas em mato (nas pegas-de-boi). Aí são exaltados os arrojados e ágéis “cavalos sertanejos”, dos “[...] imprevistos das furibundas carreiras pelos matos em fora, salta galhos baixos, mergulha sob os altos, alonga-se, encurta-se, pula de lado, faz prodígios”.¹⁴⁰ Como exemplo destes, o próprio Maurício do Pajeú¹⁴¹ rasgou fitas e elogios para os cavalos que foram de suas posses: o Guloso, o Paturi, o Pirulito e o Azulão.

Autor: - Além dos bois famosos, também existem as figuras dos cavalos, né? Quer dizer, nós temos o boi, nós temos os vaqueiros já citados pelo senhor. E a lembrança, o destaque para algum cavalo que tenha ajudado o vaqueiro campeão?

Sr. Maurício: - Há vários, vários cavalo! Não é todo cavalo que dá pra pega de boi não! Tem cavalo que é bunito mas num sabe acompanhar um boi! E o cavalo mais famoso eu conheci um por nome de Guloso, né, Paturi. Eu tinha um apelidado por Pirulito (risos) e... outro por nome de Azulão. Peguei muito boi nesse cavalo Azulão, quando eu ía atrás ele pulava os arames, né, o boi e o mesmo não respeitava não! Do jeito que vinha pulava lado a lado...

O preferido cantador de toadas e de aboios, é aquele que sempre versa sobre vaqueiros, como verdadeiros heróis do sertão. E sobre gado com histórias de peleja e fama. Como exemplo destes, cabe aqui a sua composição sobre a saga de um outro famoso boi do sertão sergipano, que em década dos anos cinquenta (do século passado) deu trabalho a vaqueiros e cavalos bons. Referência ao histórico “boi Leão” que, pela construção poética de Maurício do Pajeú, o boi propriamente faz o seu lamento:

Poço Redondo diz que foi meu nascimento
Estou vivendo mais eu sei que não aguento
A minha sorte... a minha me deu lamento
Que de mamãe eu nunca mais tive a benção

Zé Cazimbingue esse home me machuca
Por causa dele minha mãe ficou maluca
As minhas queixas é dele e de Zé de Duca
Que me persegue eu num sei por que razão

¹⁴⁰ BARROSO, 2015.

¹⁴¹ Referência à entrevista concedida pelo senhor Maurício Martins dos Santos, o Maurício do Pajeú, em data de 08 de janeiro de 2016, na cidade de Nossa Senhora da Glória – SE.

Ói o Muderno e Gaturano é corredor
E o canaro é cavalo de valor
Vem eles três se juntaro e me pegou
E me castraro e tiraro meu fortidão

Esses três home são três vaqueiro infeliz
Mim judiaram num sei o que foi que eu fiz
Eu num passo mais no Umbuzeiro da raiz
Só é com medo de outra judiação

Eu num passo mais no Umbuzeiro da raiz
Só é com medo de outra judiação

E como pelo **Os Sertões**, Euclides da Cunha (2012, p. 487-8) não se deixou despercebido ao registro sobre o efeito desta modalidade de canto – as toadas. Como discorreu.

Ali o recebem ruidosamente os companheiros. Conta-lhes a façanha. Contam-lhe outras idênticas, e trocam-se as impressões heróicas numa adjetivação “*ad hoc*”, que vai num crescendo do “destalado” ríspido ao “temero” pronunciado num trêmulo enrouquecido e longo.

Sendo os toadeiros, sempre, aplaudidos e reconhecidos. De assentos e bem-vindos em meio às “rodas de conversa”, no alpendre de alguma casa de fazenda ou na varanda de alguma bodega do interior. De forma poética, cantando com pronúncia quase melódica, o canto de todos que gostam da vida de gado, dos sertões, das caatingas. E quando exaltando um vaqueiro vencedor, dá-se o elogio para toda a família vaqueirama. Pois quando um dos seus (vaqueiros) é vitorioso, por este todos se fazem reconhecidos pelo ato próspero, de hercúlea empreitada, capitaneada por um dos seus iguais. Este torna-se “nome” para compor versos e rimas de aboios e de toadas. Pela extraordinariedade de um evento, passando a ser visto como vaqueiro respeitado. “Dos bons” (vaqueiros). E pelos bons! Como assim, o vaqueiro Doutor de Vito. Autenticado como um herói.

Pegar o boi mais famoso da região, que desafiava o homem “em suas barbas”, passava a ser questão de honra, coragem e “firmeza”. Por isso, a atitude do vaqueiro [...] deveria fazer jus ao apreço de sua gente pela valentia, pela honra, pela palavra empenhada. O homem, que se sentia desafiado em sua capacidade profissional e conseqüentemente em sua integridade, o homem que não tolerava dúvidas quanto a seus atributos pessoais, ousava então entrar no sertão sozinho. Declarava sua auto-suficiência perseguindo o boi, a fama, enfim o boi-Fama. (DA MATA, 2003, p. 35-36).

O processo, portanto, em que o coletivo dos vaqueiros se fez reconhecido na pessoa do parceiro Doutor de Vito, compreende a interação relacional do ambiente e da vivência compartilhadas por estes atores. Portanto, é própria de uma construção específica de comunidade. Repercutindo, também, o sentido fraterno que comumente se alardeia entre estes agentes, que se reconhecem próprios de uma família. Família “vaqueirama”!

Esta familiaridade, historicamente se emblema como referência dos ajuntamentos dos vaqueiros para as pegas-de-boi no mato e, para as vaquejadas (desta mesma modalidade). O efeito desta maneira se revela! No campo de mato em que pelegas e competições se organizam; quando dá-se a chegada de vaqueiros que se anunciam como parte de uma equipe. Como referência de um grupo, de uma localidade. Mesmo que o encargo em perseguição aos animais se proceda de forma individual, ou vezes, em dupla. À maneira como bem analisou Giulie Vieira da Mata (2003),¹⁴² em estudo que retomou o imaginário do “boi misterioso” no contexto dos romances do “ciclo do gado”, assim descrevendo

Formada por homens guiados tanto pelo desejo de participação quanto pelo de autodeterminação, a comunidade de vaqueiros dramatiza nos romances táticas desenvolvidas coletivamente que permitem a recuperação para o grupo daquele que se “individualiza” durante a corrida desenfreada atrás do boi que todos acreditam encantado. Durante aquele momento excepcional de busca de reconhecimento, o vaqueiro, sujeito moralmente atado a suas relações pessoais, isola-se dos companheiros, se “despersoaliza”, rompe momentaneamente a rotina de solidariedade que predomina entre os membros do grupo de trabalho. Experiências “individualizantes” que acabam por relativizar o determinismo das relações pessoais como única maneira de sobressair-se no espaço social, como única forma de reconhecimento da dignidade daqueles homens.

Foi como decorrente pelo feito em relação ao Zepelim, quando o desfecho de sua fama foi marcado pela carreira lhe empreendida em terras de Porto da Folha – sertão de Sergipe. Na verdade e, de bom gosto, uma caçada! Como similar busca de uma presa, por parte de animal faminto e voraz. Mas fora por homens! Não que estes tivessem se mutados por “instintos” de selvageria. Mas pela busca concebível da fama, do apreço em meio a sua sociedade e entre seus pares. Pelo interesse e vontades intensas de consagração em ser um “bom vaqueiro”. E em decorrência, para as memórias, para a história que depois viria a ser contada!

¹⁴² Op. Cit.; 2003, p. 35-6.

Como aqui se revela a história do personagem José Aloísio de Matos, do vaqueiro de corrida de pega-de-boi no mato, o Doutor de Vito. Que em anos a fio, por força de sua vontade e paixão; e mais, pela convivência das forças de seus cavalos como o “Brilhante” e “Meladinho” deu carreiras em bois mateiros, rebeldes ao laço e à peia.

E façanhas tais correm caminhos do tempo! Como assim, a mais famosa trazida nas lembranças de velhos vaqueiros: a sua “botada” ao famanaz boi Zepelim. Esta, há mais de sessenta anos! Do (e no) tempo em que o nosso sertão de Sergipe quase todo se cobria de caatinga, que tornava-se extensa malhada para gado se criar. E quando soberbo, tornava-se arredio! Destino, portanto, do Zepelim! Que desconheceu dono, além do que não fosse a sua liberdade! E de audacioso, mateiro, enigmático barbatão tornou-se, indubitavelmente, o “boi-fama. No sertão sergipano dos anos de mil e novecentos e cinquenta, foi o “fama” de misterioso, de “benzido” e assim protegido por rezas e simpatias! Como pelo imaginário e estórias daquele tempo que, de boca-a-boca, corriam ditando que pelas orações de uma certa “Maria do Rosário”, era protegido:

Junto ao vaqueiro Senhô
De Maria do Rusaro
Que tanto orou por ele
Muitas gentes me falaro
Que quem rasteava o boi
Só viajava o contraro

(Maurício do Pajeú, em toada “Boi Zepelim”, de sua autoria. Em ano de 2016).

Ou assim o era, por parte de algum outro “homem sabido” de rezas. Que alguém dissesse. Que o imaginário construía! De certo, entretanto, que intrigava pensamentos e gerava dúvidas sobre o que diferenciava aquele marruá. Até hoje, incerta imaginação.¹⁴³

Autor: É, surgia uma lenda de que nesse tempo as pessoas em algum... muitos lugares do sertão, surgia as lendas que existiam alguns bois mandingueiros, enfeitiçados! O povo criava...

Sr. João Pepeta: ... falava, dizia... o povo falava que esse boi foi um Moisés Cajazeira, um Moisés Cajazeira... [...] um Moisés não, foi (pausa)... quem

¹⁴³ O que denotamos pela entrevista que nos foi prestada por uma de nossas fontes orais, o senhor João Joaquim dos Santos, 88, vaqueiro João Pepeta. É natural de Graccho Cardoso-SE. A entrevista ocorreu em 05 de julho de 2014.

curou ele foi um Rodigo Cajé! Um Rodigo Cajé diz que foi quem curou esse boi, que curria o boato! Mais nada disso...

Autor: Mas esse Rodrigo era um curador da região?

Sr. João Pepeta: É! O povo dizia que foi ele, que ele se gabava, diche: ele pode ser u aleijado, do xique-xique... mais vaquero num pega ele... num pega ele! Que correu vários vaqueros bom [...] muitos vaquero de nome correrio cum ele.

Autor: E esse Rodrigo...

Sr. João Pepeta: Conheci ele ainda...

Portanto, o “fama” de muitas crenças (e credices) e que, pelos boatos e histórias de vaqueiros, criadores e de todo um imaginário popular – um cheio de mandiga, para ninguém nunca alcançá-lo.

3.3 Contra o “Zepelim” de famas, mais do que teima e coragem de vaqueiro

E assim posto, o boi “Zepelim”, era um objeto de fama... para a fama! Para a fama de quem quer que fosse, pois, certeza de alguém ser capaz de cobrir-lhe distância ninguém ousava ter! Já que há tempos, desde sua possante arrancada mato a dentro; a “banca” de muitos se reduzia perante o seu arrojo!

Neste processo, a natureza se apresenta como matéria simbólica servindo a razões sociais. Através do boi encantado ou do vaqueiro-herói, é possível ver como a uma inconsciência da necessidade de solidariedade sobrepõe-se o desejo de afirmação da individualidade dos sujeitos. Daí que boi encantado e vaqueiro não se opõem um ao outro naquele combate no sertão. Cada um dos personagens é, na verdade, metáfora da dualidade em si. Ambos comportam em si as duas facetas de uma mesma *persona* e dramatizam *a luta que ali é de vaqueiro contra vaqueiro*, este contra uma parte de si mesmo. (DA MATA, 2003, p. 5).

Assim, sempre imprevisível era que (ou quando), vaqueiro viesse a alcançar aquele marruá teimoso. Famoso! Para o feito, suspeitava-se ser necessário mais do que coragem! Mais sorte e bençãos! Proteção e guia de orações mais fortes para intervenções de Deus! Apelo e confiança em “santos” de confiança e de súplicas para “todas às causas”! Até,

possivelmente, ao recurso mágico como ao que se pretende em função de um “patuá”, um “amoletto”. Um talismã. Assim como o vaqueiro Maurício do Pajeú nos reportou:¹⁴⁴

Autor: - Sr. Maurício, mesmo que o vaqueiro sendo bom; ele convive com alguma crença, tem relação com uma força superior?

Sr. Maurício: - Todo vaqueiro do gibão ele tem um contato com Deus. Ou uma oração de alguém que ensinou, ou de avô... ele tem uma segurança que vc não ver...

Autor: - Como algum patuá?

Sr. Maurício: Ele não sai atrás de um boi antes dele se preparar-se, né? Primeiro ele se prepara, pede a Deus porque “tudo com Deus na frente”! Todo mundo que peleja com gado ele tem Deus como divino mestre e ele sabe que sem Deus ele não vencerá aqueles animal.

Justamente, assim; “*tudo com Deus à frente*” para carregar, o vaqueiro, do sentimento de proteção. E de confiança para o êxito. Pelo atributo da fé no “Divino”, que se faz imanente aos vaqueiros no cotidiano de suas práticas. No atributo de seu ofício ou nas práticas de entretenimento, como as “pegas” e “vaquejada de boi no mato”. E para esta definição estão marcadas várias passagens das narrativas do vaqueiro Doutor de Vito (2016),¹⁴⁵ tendo apelado e reconhecendo o atributo de graças recebidas pela sua devoção ao sagrado.

Quando se referindo à perseguição que empreendeu ao “Zepelim”:

a coisa **mandada por Deus** [...] aí eu atrás do cachorro. O cachorro na macambira dava um salto de duas varas... o cavalo querendo cobrir; eu sei segurava! ... pá, pá... pá pá pá, aí eu digo e [...] tinha lugar de [...] dez, vinte varas eu avistar até um viado se corresse e nada d’eu alcançar o boi. Digo, **meu Deus...** não alcanço o boi não! Aí, quando eu tava naquela aflição aí, Deus disse: “rapaz ajeite o cavalo”, sabe? – Aí eu fui, apertei o cavalo, quando eu muntei [...].

E, já quando com a sua presa dominada “... aí butei, eu digo pronto ele não butando a perna no chão ele não se levante né (?) só levanta se botar a perna no chão! Foi uma ideia que **Deus me deu, né (?)**”.¹⁴⁶

¹⁴⁴ Em parte da entrevista concedida pelo senhor Maurício Martins dos Santos, o “Maurício do Pajeú”, em data de 08 de janeiro de 2016, na cidade de Nossa Senhora da Glória – SE.

¹⁴⁵ Em parte da entrevista concedida pelo vaqueiro “Doutor de Vito”, em Aquidabã, em 22 de junho de 2016.

¹⁴⁶ Parte da fala do vaqueiro “Doutor de Vito”, em entrevista concedida na cidade de Aquidabã, em 22 de junho de 2016.

Assim, além de aspectos que podem ser preconcebidos para estes eventos, como o do “*espetáculo de cabra macho*”¹⁴⁷ e como do esporte perigoso e violento (a homens e animais); também envolve um misto compreendendo lazer, cultura e religiosidade. Notoriamente, “representações” múltiplas.

E que de acordo com Da Mata (2003), são por estes múltiplos sentidos e perspectivas que a figura de um vaqueiro-herói é construída. E sua fama, extraordinariamente expressa no ambiente de sua convivência. Pela busca a barbatões, no ofício próprio do seu trabalho. Ou pelo desafio esportivo (ou festivo) das disputas de vaquejadas de pega-de-boi no mato.

De tais maneiras, portanto, celebrado como herói - sujeito de coragem, de preparo! Que sobre seu cavalo não teme estourar mato a dentro, protegidos “em parte” (homem e animal) de galhos e espinhos pelos acessórios de couro. Para o vaqueiro, o gibão. Para o cavalo, “careta” e “guarda-peito”.

E como comparado pelo grande folclorista Câmara Cascudo (1969), à maneira dos cavaleiros medievais com sua “armadura de couro”. Uma vestimenta, fantasticamente produzida de maneira artesanal, com matéria-prima original e, de qualidade - que na comunidade vaqueirama, adquiriu o significado de “terno de couro”.¹⁴⁸

Assim, quando certo da batalha vencida sobre o boi Zepelim; quando lhe vieram os primeiros suspiros, recompondo a “descomunal” força empregada para dominar o marruá caído ao chão, o Doutor de Vito se reergueu. Tomou a frente dos seus pares. Montou em seu co-herói cavalo “Meladinho”. Firmou-se com a postura de herói. E pelo jibão que se moldava ao seu franzino corpo, se refletiu como um gigante. Para si próprio! Não, somente! Também para os seus pares e, para a comunidade vaqueirama. Como, emocionadamente nos relatou:¹⁴⁹

Autor: Oh, seu Aloísio essa então foi a corrida mais...

Sr. Aloísio: ... violenta que... que...

Autor: ... mais violenta, mais heróica?

Sr. Aloísio: mais heróica, foi a maior!

Autor: E, depois, isso ficou sendo contada na região?

Sr. Aloísio: ... na região! E eu tenho, tenho aí! Tá anotado. Dezenove vitórias eu tenho!

Autor: De outros bois?

¹⁴⁷ Com o estereótipo de gênero, na perspectiva de “machismo”.

¹⁴⁸ CASCUDO, Op. Cit.

¹⁴⁹ Pela entrevista já citada, concedida em sua cidade de Aquidabã, em 22 de junho de 2016.

Sr. Aloísio: ... de outros gados, de outros gados. E eu já pensei várias vezes de lançar um livro; mais fico me amarrando, me amarrando, me amarrando...

Autor: Mas ainda é tempo, né?

Sr. Aloísio: Ainda é tempo!

Autor: Quem sabe eu não começo motivar depois do nosso trabalho

Sr. Aloísio: Então eu sempre penso em fazer a minha história porque taí anotada. Sem mentira, contando isso, isso, isso... quem tava comigo, alguns amigos... tudo!

Sr. Adelson: Aí, faz um livro pro senhor, facizinho (referindo-se a mim)... (risos).

Assim posto, os passos seguintes seriam para tomar o caminho de casa. Tomar caminhos de muitas léguas e retornar para o labor de vaqueiro, em terras do sertão-agreste da Aquidabã. Retornaria, o vaqueiro do senhor Teodoro, com missão cumprida! Com sua “teimosia” tornada vitória! Com a sua tenacidade e obstinação, referências de um “ser forte” sertanejo! Não o único! Um exemplo.

Aí, quando foi umas quatro e pouco..., umas cinco horas... que ele foi pego pelo umas três horas, nós saímos para o rancho... já de noite né (?); aí vamo, ... chegamo lá no rancho... já de noite, já de noite nós chegamo no rancho já tava completo, ói, de gente, pra me conhecer-me! Aí quando chegemo lá, né (?), passamo a noite inteí...! Tinha um sanfoneiro! Um sanfoneiro lá virado numa coisa, um sanfoneiro bom de cachaça! Papai levava uma ancorota de cachaça... e o cara era bom de cachaça, tava azedo quando eu soube que eu tinha pego o boi aí foi que ele azedou. E aí nós tomemos [...] e até umas horas da noite; quando foi umas horas da noite o povo aí foi embora... e nós ficamo. (DOUTOR DE VITO, entrevista em 22 de junho de 2016).

Em festa, portanto, celebrava-se o herói pela espetacular empreitada pega-de-boi no mato, da mais cobiçada pelos vaqueiros no sertão de Sergipe daqueles anos de mil novecentos e cinquenta. Em caçada a Zepelim, e para a derrubada de sua fama. Esta que agora se personificava, na figura humana de um certo vaqueiro Doutor de Vítor.

Na cidade buraqueira
Fizero uma grande farra
Contrataro o sanfoneiro
Chamarao Agenor da Barra
Doutor de Vito, o vaqueiro
Ainda hoje ele parra...

(Maurício do Pajeú, em toada “Boi Zepelim”, de sua autoria. Em ano de 2016).

E lá no mato onde a desventura do barbatão ocorrera; as horas do sol poente lhe traziam a realidade de seu infortúnio. A frieza da tarde, também abrandava o calor da liberdade que sempre estimou.

Autor: E o boi tava amarrado?

Sr. Aloísio: O boi [...] ficou lá! Mais de lá carregaram pro Araticum. Butaro num carro, carregaro pro Araticum. No sábado né (?) ... na, na sexta-feira né(?). Aí carregaro pro Araticum... lá, eles que dissero né (?), carregaro pro Araticum...! Nós viemos, quando chegemos [...] na sexta-feira papai veio embora que ele matava gado aqui, né (?). Aí veio mais uns colegas e eu fiquei mais uns amigo lá! Aí, quando chegemo lá na casa do rancho, aí os animais nosso tinha saído do pasto, né (?). Aí papai disse: - Ói, você vai ficar mais o rapaz que os animais que vocês vieram montados, foram embora! Aí, eu disse: tá certo! Aí, nós ficamo e quando foi no sábado, aí nos fomos pra Porto da Folha... O cara que eu tava na casa disse: - “não, você não vai embora não! Até amanhã você tá aí”. (DOUTOR DE VITO, entrevista em 22 de junho de 2016).

Para ressalvas, realmente era muito importante que no ambiente onde imediatamente repercutia a queda do boi Zepelim; também figurasse a presença de quem protagonista pelo feito – o vaqueiro Doutor de Vito. Logo em breve, notável! Com o atributo de fama que, viria alcançar nos rincões e cidades dos sertões de Sergipe, de Alagoas, da Bahia e até de Pernambuco. Viria, logo, estender-se até qualquer lugar onde “dedos de prosa” puxados por vaqueiros e apreciadores da pega-de-boi no mato, possivelmente exaltariam este vaqueiro. No calor da vitória, portanto, em terras onde Zepelim fez pastejo e muitos rastros; agora era para celebrar vaqueiro campeão. Como assim, este sujeito passava a ser visto.

Autor: O senhor tava, na ocasião, um homem cansado?

Sr. Aloísio: Não, não... eu não tinha cansaço não! Não tinha não! Eu me deitei lá, me deram uma rede, repare... viu; me deram uma rede e começaram a balançar e eu tinha tomado uns vinho (que eu não bebia, né (?); e nesse dia eu bebi. E quando eu cheguei em casa me botaro na rede... A rede fazia assim (gesto de que estava rodando) e eu calado! Aí, eram só dizendo: - “rapaz esse home tá cansado, esse home tá arrebetado de pancada! E eu digo: ... eu tou é bebo (risos)! Aí quando foi umas dez horas foi que eu tornei [...]; me levantei; tava acordado, aí me levantei! Vem tomar café! Fui tomar café, aí ficamo até quase meia noite a **casa cheia de gente pra me conhecer!** Aí, quando foi uma meia noite o povo foi embora... e quando foi no domingo viemos embora. E a história continua! (DOUTOR DE VITO, entrevista em 22 de junho de 2016).

Entretanto foi cobrado e convencido a não voltar para casa, antes das referências e cumprimentos de seus pares (e anfitriões) “buraqueiros”! Notoriamente, os primeiros, que guardariam junto às memórias e histórias; o triunfo desta sua peleja.

Compreendeu, portanto, a importância de naquela terra ficar o tempo de mais um dia. Para fazer merecer sua glória, como honra para os seus iguais – os da família vaqueirama. E para isto Porto da Folha, a cidade, o esperava! Juntamente com o seu troféu, o boi Zepelim. Que viria, decerto, sem brio e sem braveza! Diferentemente de outrora, à maneira das andanças e correrias pelos matos da caatinga dali; das próprias terras da Fazenda do Buraco¹⁵⁰ e extensões além.

E boi Zepelim, de contragosto, para fazer os gostos de quem o construíram como troféu, iria para ser exposto no ambiente da cidade. Algo para ele mais do que estranho! Mas, sem poder resistir! E assim viria, indubitavelmente, cansado! Abatido! Cansado! Um boi tombado, por todas as carreiras impostas pela vida. E pelas perseguições “sem conta” de vaqueiros, cavalos e cães – certos para darem cumprimento à sina de um boi fujão. Ou dizemos melhor, boi bravio - para fazer jus à força que a vida lhe propusera.

Chegaria, sim, na cidade! Certamente, com a feição do desanimo!

E de tal maneira, como também assim seria o clima de nostalgia que deveria pairar sobre os ares daquele lugar! Naquele dia! Não, pois, pela condição acanhada do seu espaço, de apenas duas “compridas” avenidas urbanizadas. Não pelo fato dos montes e elevações (que cercam a cidade) refrearem o frescor de brisas sobre a urbe. Mas, notadamente, porque seria um dia incomum! Para uma realidade inimaginável: o alcance ao manhoso boi Zepelim. Que ninguém contava com tal desfecho! E, sem tal crença; ninguém daquele lugar previa um tempo certo para que houvesse o repasse, a transição da fama daquele boi para um possível vaqueiro! Alguém possível de contê-lo, já se tinha dado como improvável!

Contudo, o fato ocorrera e era real! Certamente para depois correr prestígio ao vaqueiro “bom de gado” – o Doutor de Vito, para merecer tributo e homenagem.

E para este fim, presente esteve na sede de Porto da Folha. Sobre o seu cavalo Meladinho. Na ocasião, em passos de marcha! Sobre às ruas da cidade, de curiosos moradores e visitantes nas calçadas e portas de casas. Com os olhares perplexos e a necessidade de “ver

¹⁵⁰ “A fazenda Curral do Buraco originou a povoação do Buraco, que em 19 de fevereiro de 1841 passou a se chamar Nossa Senhora da Conceição de Porto da Folha”. De acordo com: **IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Cidades**. [online] Disp. em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=280560>>. Acesso: 17.09.2017.

para acreditar” um fantástico boi tombado e, um guerreiro vaqueiro herói! Este que apontou na frente de todos os seus pares, imponente sob seu “gibão” e “perneira”. Vestido de couro de boi! Vestido de honra! Perfil imponente! Saudando a todos com as mãos da força do homem sertanejo! Calejadas pela lida de camponês. Tratando da terra, pelo que ela faz nascer. Para homens e animais! Mãos valentes, portanto, porque “topam às lutas”! E sendo erguidas para o aceno e cumprimento; também eram para estender a auto-estima de um vaqueiro herói, para toda uma comunidade vaqueirama!

Pelos passos de seu cavalo, uma marcha lenta e “compassada” era ditada para as dezenas de vaqueiros que cumpriam o cortejo. E Doutor de Vito se impunha altaneiro. À frente, e de cabeça erguida! Rosto sem riso exposto (ocultando toda sua alegria), como maneira serena de respeito ao seu troféu. A marca mais expressiva era como estava latanhado, e com vertes de sangue pelos arranhões de espinhos da caatinga. Como a tatuagem de sua vitória sobre o Zepelim. Orgulho de coragem e de “teimosia” (como diz o vaqueiro Doutor de Vito) decalcado no rosto, que figura a grandeza enraizada na alma e no coração do vaqueiro de pega-de-boi no mato, da caatinga. Mas, rosto com aura de guerreiro e vencedor!

E certamente, estava deliberado para a fama. E do seu próprio gosto, promover a sua vitória como glória para toda a classe vaqueira.

Uma glória para os seus iguais do “jibão”, do “terno de couro”. Homens de apego a avalos sertanejos ariscos – do tipo de “Meladinho”.¹⁵¹ Ou do “Cana Preta”, cavalo da posse do vaqueiro José Nunes da Mota, o Zé Piaba.¹⁵² Este também, um referenciado personagem das pelejas de pega-de-boi no mato do sertão de Sergipe. Compreendendo uma geração mais jovem de vaqueiro, em relação aos nomes do tempo do boi Zepelim.

Eu montei em “Cana Preta” em 70. Poldinho novo sem muda. Quando apareceu a nota de cem cruzeiro como carimbo (?) nós ganhou em Mané de Amadeu, nas costa do boi. Me arripeio, ói. Eu venci esse boi com esse cavalo, novinho sem muda. Com trinta dia de sela. Sem muda, com trinta dia de sela. E hoje a questão: não, eu vou trabalhar quatro anos pra fazer um cavalo ligeiro. Não, o que é bom já se nasce feito, vem da alma. [...] Hoje não sou vaqueiro como antes, não. Agora, ainda dou uma carreira no boi.

¹⁵¹ Referência ao cavalo do vaqueiro Doutor de Vito, da ocasião em que correu e alcançou o boi Zepelim.

¹⁵² Depoimento do personagem em entrevista concedida em data 27 de abril de 2011, em ocasião de encerramento do campeonato de vaquejada de pega-de-boi no mato na fazenda Beleza – Graccho Cardoso - SE. É natural de Nossa Senhora da Glória-SE.

Entendia o vaqueiro Aloísio Nunes, o Doutor de Vito como prêmio para todos de apreço à “vida de gado”, para que a missão “bem-sucedida” fosse tema das “puxadas” de conversas e prosas de toda a gente. À maneira comum dos vaqueiros e pessoas vindo das roças e, quando passando pela povoação “Moita do Tamanduá” (futura cidade Graccho Cardoso), paravam nas bodegas do Seu João de Nequinho, ou de Osório Sanfoneiro. Ou de Geraldo de Seu Sebá! Certo, totalmente, que a dita proeza de alcançar o Zepelim; seria atestada por todas as comunidades do sertão sergipano. Que vaqueiros e apreciadores da pega-de-boi no mato, passariam a ter muito o que contar! Sobre a saga de um boi mais famoso do sertão e o grande feito de um vaqueiro, vindo das terras do Aquidabã, que o fez tombar! Como assim nos reportou o vaqueiro Tonho de Chico da Bela Vista (2017):¹⁵³

... Aí pegaro o boi, e também daí o boi deu assim “entrevado”, que se andou, foi pouco! Aí teve que arrumar, voltaro, foi a Fazenda Araticum falar um carro de boi ao empregado (que o doutor num vivia afitivo na fazenda, ele morava em Propriá) ... e o doutor liberou o carro de boi, aí entraro cum o Zepelim em cima de um carro de boi aqui na cidade de Porto da Folha, mas quando chegou em certos meio da cidade resolveram tirar ele do carro pro povo ver ele melhor. Aí tiraro do carro de boi, mas que ele andou pouco...Eles quiriam trazer pelo menos até aqui essa praça, mais ele num chegou até a praça não! Aí eu estava presente

Autor: O senhor chegou a ver o boi no dia?

Sr. Antônio: Nesse dia vir, depois que ele... que chegaro cum ele aqui na cidade.

Portanto, a realidade! E como impactante para as pessoas de todo lugar de Porto de Folha (e dos outros cantos onde corriam a “lenda” daquele boi), um misto de sentimentos confusos: de exaltar a figura de um familiar valente da peleja “de gado”, concorrendo com um sentimento de pesar, pela queda do barbatão. Que por tal fato, mais se revelou (ser) um símbolo daquela gente! Adotado como certo orgulho do lugar; como um tipo de símbolo e de referência. Também, uma “representação”. Como denotamos pelas palavras de Minervino Almeida (2017),¹⁵⁴ testemunha ocular da passagem do boi Zepelim sobre as ruas da cidade de Porto da Folha, no ano de mil novecentos e cinquenta e quatro, após ser apanhado pelo vaqueiro Doutor de Vito.

¹⁵³ Fonte oral já referenciada, mediante entrevista realizada em data de 02 de fevereiro de 2017.

¹⁵⁴ Minervino Dória de Almeida é professor, contador e empresário. Membro da Academia Maçônica de Sergipe. Natural de Porto da Folha – SE. Concedeu-nos entrevista, em 08 de maio de 2017, sobre a figura do boi Zepelim do sertão sergipano, em década de 1950.

[...] da mais terna lembrança e, marca para sempre, foi quando acompanhei junto ao meu pai, o cortejo (como fúnebre) do boi "Zepelim" amarrado em um carro-de-bois, dentre duas filas de vaqueiros a caráter (com gibões) alastrando suor e lágrimas nos olhos, emocionado [...]. Eu o vi amarrado em um carro-de-boi, há muito tempo, lembro que era de cor branca, com chifres de tamanhos médios, com aparência de ser um animal velho.

Imagem 12 – Professor Minervino – memória da saga do boi Zepelim



Fonte: Arquivo do autor, Aracaju, 08 de maio de 2017
Destaque: À esquerda do autor, o professor Minervino Almeida

E pela missão da história, até hoje o acontecimento é contado. Está vivo nas memórias de Tonho de Chico da Bela Vista a Minervino. Comentado por João Pepeta, Miguel do Pajeú e, por tantos outros. Cantado por Pecado e por Maurício do Pajeú.¹⁵⁵ Presente na história da comunidade vaqueirama do sertão sergipano e, passando pelas fronteiras dos Estados da Bahia, Alagoas e Pernambuco.

E, extraordinariamente, tornado honra e valor, marcando a história de vida do sujeito José Aloísio de Matos, o vaqueiro Doutor de Vito. Que aqui o tributamos. E que por suas palavras quando exaltando o seu feito, revela o sentido de sua paixão pelo esporte e “representação” heróica de vaqueiro de pega-de-boi no mato:

Autor: E teve um prêmio, ou só...?

Sr. Aloísio: Nada, nada...

Autor: Não tinha essa coisa de...?

Sr. Aloísio: ... não tinha retorno a nada! Então até agora nessa festa¹⁵⁶ que houve, passada, então Antônio Carlo disse que eu fosse lá pro palanque,

¹⁵⁵ As referências a Minervino e aos cognomes Tonho de Chico da Bela Vista, João Pepeta, Miguel do Pajeú, Pecado e Maurício do Pajeú retomam personagens que constam como fontes orais deste trabalho.

¹⁵⁶ O declarante se reporta à Festa do Vaqueiro / Vaquejada de pega-de-boi no mato de Porto da Folha – SE. Na 45ª edição (2015) deste evento, o senhor José Aloísio de Matos, o vaqueiro Doutor de Vito esteve presente e foi apresentado como o herói da pega do boi Zepelim, nos anos de 1950. O convite foi formulado pelo presidente da “Associação dos Vaqueiros”, entidade que há décadas promove a festa. Coincidentemente, quando estivemos em contato com o senhor Antônio Alves de Farias (em 02 de fevereiro de 2017), ao tratar da história e saga do boi “Zepelim”, nos reportou sobre a história desta festa de vaqueiros. Que é um dos seus criadores. Segundo o

né(?), ir lá no palanque pra eu contar a história do boi. Eu fui pra “casa do vaqueiro”. Conteí pela manhã! E à noite, eu contar no palanque. Eu tive a oportunidade de dizer... eu não sei se atingiu mais eu passei a dizer que as autoridades divia valorizar mais o vaqueiro, porque ele era um sofredor! Como herói! Como herói, sem procura de lucro! Não era compensado. Então o vaqueiro nunca houve essa descoberta, pra ser valorizado! Só a fama... mesmo! (DOUTOR DE VITO, entrevista em 22 de junho de 2016).

E se não lhe trouxera compensação pecuniária, no entanto como o professor Minervino Almeida ressaltou; a exaltação do nome e o atributo da fama constituíram-se expressiva retribuição à peleja:

Mais veja, não existia a premiação para os vitoriosos, mas existia uma disputa ferrenha, sabe (?). Os vaqueiros do Estado de Sergipe tinham disputa com os vaqueiros [...], vinham pessoas de Alagoas para essas grandes “pegas”, sabe (?), essas grandes “pegas-de-boi”, eram altos negócios (inaudível) almoços é... é... Fazia na casa de alguém, tinha uma fazenda chamada “Bela Vista”, papai foi muitas vezes lá e... as pessoas, as senhoras cozinhando pra sustentar esta turma toda, vaqueiros com as suas indumentárias, seus cavalos... Então se tinham “disputa”! Aí, os vaqueiros de Porto da Folha tinham disputa com os vaqueiros do Gararu, de Itabi... da microrregião! Então, não se tinha prêmio pecuniário mas se tinha a construção de um personagem. Que exalta, que faz exaltação de um herói do sertão... (MINERVINO ALMEIDA, entrevista em 08 de maio 2017).

E quanto ao Zepelim, nenhuma dúvida de que junto às memórias dos homens, ele propriamente construiu o seu pedestal. Notoriamente, bem antes do vaqueiro Doutor de Vito que para tanto, somente depois da persistência quase sobre-humana e perseguição “quase sem fim” às suas pegadas. E consequente vitória! Entretanto, sem condescendência de algum tipo de fraqueza ou covardia por parte de sua presa, o Zepelim!

E como já reportamos em página anterior¹⁵⁷ deste texto, “Zepelim não se entregou [...]. Não se rendeu! Foi perseguido porque sua liberdade incomodava, desafiava! Reduzia a

mesmo, o evento é realizado em todos os anos. Sempre no mês de setembro, tempo em que a vegetação de caatinga está verdejante. Foi idealizada pelo Frei Angelino (da paróquia de Porto da Folha) e sua primeira manifestação ocorreu em 1969. Para organização e instituição da festa foi criada a “Sociedade Recreativa ‘Parque Nilo dos Santos’”. Rememorou que em ocasião da primeira festa, poucos vaqueiros compareceram: “A gente só soltou três bois no mato. Ainda era uma festa pequena, mas já foi muito boa”. Atualmente, as proporções da festa extrapolaram o município, atraindo vaqueiros de vários estados nordestinos. Do próprio estado de Sergipe, “nem se fala”! Como assim, o senhor Antônio Alves nos ressaltou. E bois soltos na caatinga para serem corridos, passam de centena. Como tradição e “ritual” constam da festa a realização da “Missa do Vaqueiro” e o desfile de vaqueiros pelas ruas da cidade. O número de participantes é expressivo, chegando a 500 participantes. A festa, atualmente, ocorre durante três dias. Sempre a partir de uma sexta-feira.

¹⁵⁷ Vide página 92, desta dissertação.

força, reduzia a superioridade de homens. Fez, assim, a sua fama. E pagou caro por ela”. Tombou no mato das caatingas que lhe dera abrigo, alimento e ares de liberdade.

Tributo ao boi Zepelim

Lá (na caatinga), foi “vadio de honra”,
Desde mamote, sagaz...
Cresceu sem laço e sem peia... teimoso
Tornou-se bicho bruto... desafiado,
Misterioso, “mandigado”...
... Quem sabia o que!!!
Bicho perseguido... de orgulho; por orgulho
Até amado,
Por carregar a coragem de sua fêmea-mãe “Pinheira”;
Por sua “macheza” como de homens sertanejos que não desistem
Feito prêmio! Feito troféu
Caído pela força de braços e mãos do vaqueiro Doutor de Vito;
Pela carreira do cavalo “Meladinho”;
Pela “esbarrada” em tronco de “aroeira”...
...ou de um “pau-darco”, “caatingueira” ou “marmeleiro”
De forças enraizadas no solo de sertão. Suas terras...!

“Zepelim”, José Adeilson dos Santos, Historiador, 2017.

Onde, logo em breve, sua existência se cessaria! Como indicava o fenecer de suas forças visto que para chegar às ruas de Porto da Folha, somente em cima de um carro-de-boi, exausto, abatido.

Autor: E o futuro do boi?

Sr. Aloísio: Com oito dias o boi morreu! Nem comeu e nem bebeu mais... de pancada, ói? – Chegaram a dizer, que o boi era cego e aleijado! – Boi cego e aleijado, porque não pegaram? Porque eu peguei era cego e aleijado! (?) - Ele aleijou foi da pancada no pau e, o ôio também no pau! Ele [...] ficou no sábado quando ele chegou na rua, ele assim... ói, ói,óí (reproduzindo um trejeito do animal). Não recorde a demonstração... era solto no meio dos bois de carro e ele caminhando assim de banda, com o pescoço torto! Ele pegou uma pancada do outro mundo... Ele ia com mil! (DOUTOR DE VITO, entrevista em 22 de junho de 2016).

Deu-se, portanto, como hoje Minervino Almeida (2017) comenta e, faz eco com outras vozes: “Mais tarde [...] passei a entender que aquele evento se tratava do término de uma história, que enaltecia aqueles homens sofridos mais valentes na arte da pega do boi Zepelim”.

Verdade, “*dita e feita*”, que a história do boi Zepelim, das caatingas do sertão sergipano, enaltece a história de homens sofridos e valentes deste chão. E é esta história, do lendário boi Zepelim, que o redime e o faz vivo nas (pelas) memórias.

3.4 Vaquejada: um misto de “peleja” e festa

Que o sertanejo só gava a vaquejada
porque é um brinquedo bom, é
tradição, né? Diverte a gente! Ainda
hoje tem pessoas de setenta anos, que
vem apreciar as vaquejada. Vem
espiar a vaquejada...

(Manoel de Amadeus, 67, vaqueiro)

É da história do Nordeste brasileiro, e do trabalho de seus homens com a atividade da pecuária extensiva, de gado bovino à solta pelas paisagens de caatinga; que da prática da apartação a “pega-de-boi no mato” se originou. Assim já nos reportamos! E por desafios impostos por animais fujões e arredios; o objeto “disputa” se constituiu como natural entre homens *versus* animais; entre homens *versus* homens. Portanto, um cenário (nas comunidades rurais dos matos de caatinga) e “representação” de pelejas e epopéias, de batalhas e personificações de heróis. Reflete muito bem isto, como visto, a saga do boi Zepelim nos sertões de Sergipe, em século passado. Por ele, dando-se luta e disputa entre homens. Como entre os vaqueiros sergipanos e de outros Estados nordestinos.

Daí o sentido das vaquejadas de pega-de-boi no mato como próprias de algo maior. Nascida do “ciclo do gado” e “do couro”. Com vida que se retoma constantemente, pelos encontros que ainda há (e persistem) de vaqueiros em comunidades de homens e mulheres do sertão. Nestes ambientes, portanto, tornados eventos de confraternização. De celebração!

Para tanto, em período da caatinga verdejante celebra-se tempo de colheita e de fartura no sertão. Para gente e para animais. E se ao contrário, perante vegetação seca e clima de intenso calor; em encontros de vaquejada de pega-de-boi no mato celebra-se resistência de homens e da natureza, esperando dias melhores. Portanto, isto, em qualquer ocasião. Como se dita pelas cantorias dos aboios e toadas, ressonadas por capela de gargantas boas de eco. Também pela poesia em “repentes” improvisados. Pelos “bem-ditos” e orações dos crentes nas “graças divinas”, que trazem chuvas e mais vida para a natureza.

E nos palcos especiais das vaquejadas de pega-de-boi no mato, nas remanescentes áreas de caatinga em propriedades (do sertão), protagonistas são os vaqueiros. Homens simples. Trabalhadores comuns do meio rural. Postos para a representação de herói. Ou, para a possibilidade real de tornarem-se heróis no (do) universo cultural em que está inserido.

existe hoje ainda a Fazenda Melancia. Existia ainda há pouco tempo a Fazenda Cachoeira, a Fortaleza, certo? Existe o Campo de Xota. Ainda hoje são campos de pessoas que fazem vaquejadas e mantêm ainda a tradição e a nossa origem que é a pega-de-boi no mato no município de Nossa Senhora da Glória. Fora do município de Nossa Senhora da Glória tem aqui em Manoel de Amadeus, que é a Lagoa do Boi (Gararu-SE), tem aqui a Beleza (Graccho Cardoso-SE), tem o Pajaú e tantos outros campos que sempre promovem eventos.¹⁵⁸

Notoriamente como disto já tratamos, reforçadamente, em escrita anterior,¹⁵⁹ no contínuo das “pegas” e “vaquejadas de boi no mato” dentre tantos significados atribuídos por seus participantes (vaqueiros, criadores, patrocinadores) e apreciadores; o atributo da “fama” se constitui maior representação.

Tornar-se, portanto, vaqueiro de fama! A grande teimosia e a grande busca de vaqueiros que correm gado no mato! Como assim, além do “mais” famoso Doutor de Vito de Aquidabã; de tantos outros ouvimos falar:

Porque... é, quando a gente fala vaquejada tem a ver geralmente com as entranhas de tantas outras pessoas de idade; vaqueiros velhos como o meu avô **Manoel de Juca**, finado **Tonho de Laudelino**, finado **Zé Pretinho** ... Também, certo, tem **João da Melancia**, tem **Zé de Chico de Canhíba**... que hoje, todos tão ainda participando da vaquejada. Não correndo mais... mais vendo seus filhos, vendo seus netos aonde João da Melancia ainda hoje conta com um campo de vaquejada que é na Lagoa Bonita, ali na Fazenda Melancia. Ainda encontra-se fazendo vaquejada todo ano. [...] tem **Manoel de Amadeus**, tem **Zé Piaba** e outros tantos; outras pessoas que vem da antiga... **Miguel do Pajeú**, certo? São vaqueiros destemidos com certeza. Esses... eles... esses que eu falei aqui todos já foram vaqueiros conhecidos, certo? Conhecido em todo sertão sergipano, alagoano. São pessoas que transferiu de pai para filho, para neto, para bisneto as suas origens. Mas

¹⁵⁸ Depoimento concedido ao autor pelo Sr. Anselmo Correia, em 27 de abril de 2011, em ocasião de encerramento do campeonato de vaquejada de pega-de-boi no mato na fazenda Beleza – Graccho Cardoso - SE. O entrevistado hoje possui 53 anos, natural de Nossa Senhora da Glória - SE. É vaqueiro.

¹⁵⁹ Reportamo-nos ao artigo de nossa autoria, “**Peleja e Festa**”: vaquejadas em Nossa Senhora da Glória – SE (1970 – 2000) – **Recontando a ocupação do sertão sergipano**, 2011. Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Faculdade São Luís de França pré-requisitos para obtenção do grau de “Especialista em História: novas abordagens”. Tivemos a orientação do professor mestre Fernando José Ferreira Aguiar. Deste referido texto, servimo-nos de referências e abordagens que constam desta presente dissertação. Como em destaque, a expressão que intitula parte de capítulo deste trabalho.

todos esses que eu falei, todos já foram vaqueiros e de nomes expressivos nesse esporte. Esses velhos que eu já disse a você como **Tonho de Sabino, Miguel do Pajeú** e tantos outros quantos; são hoje pessoas entre 60 e 70 anos de idade, certo, mais deixou as suas origens. Deixou filhos, deixou netos, que hoje está igual a mim continuando defendendo essa bandeira que é a cultura... é, do alto sertão sergipano que é a pega-de-boi no mato (ANSELMO CORREIA, em 27 de abril de 2011, **grifos nossos**).

E como manifestação cultural, é tomada pelos sentidos do entretenimento, de esporte e, expressivamente como festa¹⁶⁰ do meio rural. À maneira que tradicional e, secularmente, no sertão sergipano, é promovida. E o vaqueiro, senhor Manoel de Amadeus,¹⁶¹ nos deu ciência:

Autor: Quanto tempo o senhor promove essa vaquejada aqui (Fazenda Beleza, município sergipano de Graccho Cardoso)?

Sr. Manoel de Amadeus: tem uns quarenta anos. Desde lá... a Lagoa do Boi. Hoje eu não corro mais, mas tou no mato e tenho vontade. Em casa tenho todos os apetrechos. Ainda tenho três cavalos que eu boto os vaqueiros. Do tempo que eu comecei lembro de Zé Piaba, da Gulora mesmo. Zé branco..., o povo do finado Afredo.

Autor: Na opinião do senhor, qual a relação da vaquejada com o sertanejo?

Sr. Manoel de Amadeus: Que o sertanejo só gava a vaquejada porque é um brinquedo bom, é tradição, né? Possibilita um divertimento. Ainda hoje tem pessoas de setenta anos que vêm apreciar as vaquejada. Vem espiar a vaquejada.

Imagem 13 – Manoel de Amadeus, senhor das pega-de-boi no mato



Fonte: Acervo particular do autor, Fazenda Beleza, G. Cardoso – SE (25.03.2011).

¹⁶⁰ Como festa à maneira compreendida por Câmara Cascudo (1979), decorrente das pelejas de “apartação” do gado. E segundo Mendonça e Almeida (2008), posteriormente compensadas pela animação dos vaqueiros mediante patrocínio e promoção de festa, por parte dos fazendeiros e donos do gado.

¹⁶¹ Em Entrevista concedida ao autor, em 25 de março de 2011, na localidade fazenda Beleza (Graccho Cardoso – SE), no meio da caatinga). A entrevista foi concedida em ocasião de etapa classificatória valendo um campeonato de “vaquejada de pega-de-boi no mato”. O entrevistado, senhor Manoel de Amadeus, 75 anos, é natural do município de Gararu-SE.

E com propriedade, este evento se notabilizou como traço da cultura sertaneja, como “representação” de uma “gente” que pode se distinguir com a qualificação de “caatingueira”, de homens e mulheres como “ser(es)-tão caatingueiro(s)”. Intimamente ligados a uma natureza de aridez, de intempéries! Entretanto, forte e rica de vidas. Como consta da percepção de seus protagonistas, assim como nos falou o vaqueiro João Joaquim dos Santos¹⁶² (2011), vulgo João Pepeta, em entrevista sobre o tema:

Autor: Como o senhor compara essa festa de vaquejada de pega-de-boi no mato com as festas da cidade, da rua, lá onde o senhor mora?

Sr. João Pepeta: Pra mim essa aqui é mió... É! Pra mim que eu fui vaqueiro e gostava do esporte. Pra mim essa é mais mió do que a de lá. Lá é uma batucada e ninguém dorme... e... coisa! E aqui é uma festa, e pra mim e para os outros, pros vaqueiros é uma outra festa. Pra classe vaqueira, pro ome do campo é uma outra coisa. Essa aqui, porque a minha tradição foi essa. Porque eu trabalhei muito no campo, na minha época a festa era essa. E eu nunca gostei de mourão. E o meu esporte era esse: da festa de boi no mato. Recordo dos aboios, das toadas, dos companheiros que já se foram.

Queremos denotar: esta fala do senhor João Pepeta não é somente sua! Unicamente, sua! É de muitos veteranos da “cultura do couro”¹⁶³. Que usam “chapéus-de-couro” não como simples artefatos de proteção, e sim como identidade de sujeitos da caatinga e da paixão por gado. Pela “pega-de-boi no mato” que, segundo o interlocutor, no sertão é “festa melhor”!

Imagem 14 – Uma “velha-guarda” da pega-de-boi no mato



Fonte: Acervo particular do autor, Fazenda Beleza, G. Cardoso – SE (25.03.2011).¹⁶⁴

¹⁶² Entrevista concedida ao autor pelo senhor João Joaquim dos Santos, 94, conhecido como “João Pepeta”, natural de Graccho Cardoso-SE. O contato ocorreu em 25 de março de 2011, na localidade Fazenda Beleza / Graccho Cardoso – SE em ocasião de um evento de “pega-de-boi no mato”.

¹⁶³ Para base de uma ampla produção artística e cultural, como destacando o diversificado e típico artesanato (de calçado, chapéu de couro e vestuário), música, poesia, canto.

¹⁶⁴ Registro em etapa classificatória de vaquejada pega-de-boi no mato. Destaque: vaqueiros José Nunes (Zé Piaba) à esquerda; Manoel Pacheco (Mano das Três Barras – G. Cardoso - SE), centro, e João Joaquim (João Pepeta) à direita.

É festa para o encontro de velhas amizades e reminiscências da vida de vaqueiro. Para a vista de novas gerações, dando continuidade à prática cultural que honra memórias e história de uma gente sertaneja forte. Tanto assim, que é festa que celebra e constrói famas e heróis. Como se conta sobre o “boi Zepelim” e o vaqueiro “Doutor de Vito.

E assim compreendida, a vaquejada de pega-de-boi no mato é, portanto, pelo plano histórico e cultural, “representação” e “prática” de sujeitos em ação. É referência de identidade e tradição dos sertões nordestinos.

Imagem 15 – Uma “arrancada” de pega-de-boi no mato



Fonte: foto da internet: <<http://www.panoramio.com/photo/5893526#>>¹⁶⁵
Acesso em: 25.08.2017

¹⁶⁵ Foto que registra a liberação de boi para perseguição por vaqueiros, no evento da vaquejada pega-de-boi no mato / Festa de Vaqueiro de Porto da Folha – SE.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo nos encontramos com conclusões, de antemão, já conhecidas sobre os eventos de vaquejada pega-de-boi no mato, no ambiente dos sertões nordestinos. Precisamente, as que tratam desta prática como remanescente do “ciclo do gado” - pecuária extensiva no Nordeste, entre os séculos XVII e XIX. E de sua origem, especificamente, a partir da segunda metade deste século.

Neste contexto, o pastoreio de gado *vacum* à solta pelas matas (de caatinga) dos sertões de Sergipe, a partir do processo de territorialização do município de Porto da Folha, foi um dos fatores determinantes para a ocupação desta região. E precedente, portanto, para a prática de vaquejada pega-de-boi no mato em seu ambiente.

Entretanto, além desta abordagem histórica sobre o tema vaquejada pega-de-boi no mato, o que efetivamente nos orientou para defini-lo como objeto deste estudo, foi compreender esta manifestação como própria dos aspectos culturais e identitários da região Nordeste. E, fundamentalmente, destacar a continuidade desta “prática”, vivificada nas memórias de sertanejos. E recriada nos ambientes rurais dos sertões, sob uma diversidade de sentidos. Desde a percepção de entretenimento, de festa ou de esporte do meio rural. Enfim, percebida como aspecto das identidades sertanejas.

E para revelação destes significados servimo-nos, prioritariamente, do recurso das fontes orais. Por esta contribuição, desde o conteúdo das falas dos vaqueiros aos seus cantos / cantorias de aboios e toadas, nos foi perpassado todo um horizonte de memórias e lembranças sobre aspectos inerentes ao objeto deste estudo. Como bem abordamos em parte desta escrita, memórias tanto de quem nos prestou entrevistas (assim propriamente) como de outros, por estas repetidas. Ao repertório destas, demos o tratamento do conceito teórico de Walter Benjamin (2012), compreendendo-as como “memórias involuntárias”, como que dormentes no inconsciente vêm a se despertarem pelo contexto ou motivação que lhes atestam.

Portanto, de narrativas a partir destas memórias, sobrevieram-nos recordações de pelejas de “pegas”-de-boi no mato (como eventos ou próprias do ofício de vaqueiros) no ambiente sertanejo que lhes ficaram marcantes. E nos deram contas, principalmente de personagens que marcaram esses feitos. Revelando-nos nomes e referências de sujeitos, por onde compreendemos devido liame com a perspectiva metodológica que optamos para definição deste estudo, o recurso ao gênero biográfico.

Por este caminho, então, buscamos compreender o sentido da vaquejada “pega-de-boi no mato”) como uma “representação”¹⁶⁶ da cultura nordestina, a partir da trajetória de vida de um sujeito real.

O personagem, em referência, trata-se do senhor José Aloísio de Matos, de cognome Doutor de Vito, octogenário, do município sergipano de Aquidabã. Um vaqueiro. Um sujeito do meio rural sertanejo, com história de vida marcada pelo trabalho no campo, nas atividades da pecuária. O que lhe tornava de atributo buscar e correr “boi no mato”. E que por este ofício do cotidiano, passou a competir gado nos eventos constituídos como competição - as vaquejadas pega-de-boi no mato.

Por estes episódios, portanto, investigamos: - o que em seu tempo veio a distingui-lo como um vaqueiro de pega-de-boi no mato?

Demo-nos com a resposta: - O fato dele ter alcançado, em campanha de vaqueiros, um disputado boi que campeava as matas de caatinga, pelas terras do sertão sergipano de Porto da Folha. Tratava-se de um certo boi de nome Zepelim, deduzido pelo imaginário popular corresponder a um animal de modo esquisito e incomum aos de sua espécie. Que quando perseguido pelos vaqueiros, nas trilhas da caatinga, como que carregado “de espírito” ou “de feitiço” se “envultava” pelas matas e se embrenhava em esconderijos inacessíveis aos seus acoissadores – vaqueiros, cavalos e cães.

Assim qualificado, o percebemos idêntico a outros referidos nas páginas dos “romances do Ciclo do Gado” (como destacamos), compreendendo aspecto do imaginário regional do Nordeste. Involuntariamente, assim, imaginando (ou construindo) poderes e qualidades excêntricas que transformavam esses animais em entes extraordinários. E por estes poderes, Zepelim se constituiu famoso e, objeto de fama – para a fama de quem o alcançasse, o vencesse!

Foi o que veio a recair sobre a história de vida do personagem Doutor de Vito, a figura associada ao nosso tema/objeto de estudo. Que já denotado pelo sentido de “representação” da comunidade vaqueirama como homem corajoso, de teimosia e opinião necessárias para um vaqueiro da caatinga, **passou a ser visto como um herói** dessa classe da qual fazia parte. Isto

¹⁶⁶ Nossa principal categoria de análise a partir do referencial teórico Roger Chartier (1990, p.17), compreendendo a “representação” pela qual “[...] uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. E que ainda ressalta “não existem práticas ou estruturas que não sejam produzidas pelas representações”. Op. Cit.; 177.

a partir de quando conseguiu alcançar o boi Zepelim, tomando deste a fama que o distinguia! Fato, portanto, importante! Que lhe repercutiu “prestígio” e marcou a “comunidade vaqueirama” da região do sertão sergipano, no prolongar dos anos de 1950. E nas memórias “*involuntárias*”, vivamente! Até os dias de agora.

O vaqueiro Doutor de Vito passou a ser visto como uma “representação” de sujeito-herói. Uma invenção metafórica que corresponde ser inerente das manifestações culturais e da forma das pessoas e grupos criarem suas referências e significados. Os grupos constroem essa necessidade de herói contando histórias e estórias, por força das memórias. E isto alimenta um ciclo cultural positivo... Em decorrência, em constância, a memória sobre heróis constrói mais heróis, e não deixa morrer seu ciclo. O herói é importante para as práticas culturais, para dar continuidade aos homens que se dizem heróis.

É o que nos fizeram compreender, por suas referências (e como fontes) as leituras de Benjamin (2012), pela essência e fundamento das “memórias involuntárias”. Também, as lições de Dosse (2009) criticando o herói não próprio do seu contexto histórico e dos fatores culturais. E mais, de Chartier (1990), que nos auxilia a pensar como o ser humano é produtor de representatividades.

Vaquejada de pega-de-boi no mato, boi Zepelim e o vaqueiro Doutor de Vito, pela orientação de nossa abordagem se encontram em mesmo paradeiro. Para a história das culturas dos sertões – da cultura do gado – compreendem o mote de uma mesma rima. Este foi o sentido deste estudo; pelo qual desenvolvemos pesquisa, buscas de fontes, organização de escrita e produção deste texto. Cujo enredo está disposto nas seguintes partes deste trabalho, como destacamos:

No primeiro capítulo, optamos em destacar a apresentação e trajetória do personagem José Aloísio de Matos, o vaqueiro Doutor de Vito. Neste sentido, ressaltamos o ambiente do campo onde nasceu o personagem e, a sua relação com a família.

No texto, dão-se evidentes a formação e identificação do sujeito no cenário rural e do trabalho com a pecuária. Neste aspecto, chamamos atenção para influências de pessoas e de situações que o tornaram vaqueiro e de gosto pela doma de gado. Contexto, portanto, que o influenciou para os desafios e competições de “pegas” e “vaquejadas” de boi no mato, no espaço dos sertões sergipanos.

Para abordagem e referência ao personagem e sua trajetória, servimo-nos precisamente dos seus próprios relatos e narrativas. Que percebemos se encaminharem para o encontro com

o que foram dito por outras falas, de outros sujeitos que nos reportaram histórias e eventos de vaquejada e da “vida de gado”. Como nesta parte tivemos a contribuição do entrevistado Maurício do Pajeú, um vaqueiro-poeta-cantador, de cujas memórias e narrativas este trabalho se enriqueceu.

No segundo capítulo, tivemos como principal objetivo abordar a figura do boi Zepelim. A sua vida e história no campo das caatingas do sertão de Sergipe.

Entretanto, antes desta relação nos preocupamos com alguns conceitos de referências para o objeto deste estudo. Assim destacando como importantes categorias, “sertão” e “nordeste”. Em dada contextualização, situamos a área geográfica do sertão sergipano, no cenário da segunda metade do século passado, onde constaram as extensas áreas de caatinga como abrigo para gado disperso e fugidio. A exemplo do boi Zepelim. Que então entra em cena (no texto), com a sua vida e os seus percalços de perseguição sendo narrados, por parte de quem o acompanhou como animal criado à solta. E, por excelência, pelo senhor Antônio Francisco de Farias, o vaqueiro “Tonho de Chico da Bela Vista”, do município sergipano de Porto da Folha.

No terceiro e último capítulo, bem nos privilegiamos do recurso metodológico da História Oral e ao aporte das “memórias” que, no contexto da cultura dos sertões nordestinos, tratam as práticas das pegas-de-boi no mato. Prioritariamente, as memórias e narrativas que tratam o nosso objeto de estudo, indo especialmente ao encontro do mistificado “boi Zepelim”. Optamos em reconstruirmos sua saga e história de fama, com final marcado por ter sido alcançado pelo vaqueiro Doutor de Vito (em campanha de equipe) correndo em cavalo sobre os matos de caatinga do município de Porto da Folha, do sertão sergipano

Em decorrência, abordamos sobre a construção do atributo de “heroísmo” à figura do personagem “Doutor de Vito”. De vaqueiro respeitado, em seu ambiente de grupo e no contexto de desafios de gado arredio, à solta pelas caatingas. De vaqueiro “ousado” e “destemido”, por cujas qualificações apresentamos uma concepção (compreensão) sobre a (uma) idéia de “macho”, indo de encontro a machismo. Entretando, esta é uma abordagem que mesmo interessante, apenas se tornou adjacente ao nosso tema.

Na continuidade do texto, retomamos o êxito da investida do vaqueiro Doutor de Vito, repercutindo em sua trajetória de vida o sentido de fama e de herói. E por fim, abordamos o tema “vaquejada pega-de-boi no mato” sob a perspectiva de sua continuidade, como

manifestação cultural no ambiente nordestino. Nos sertões sergipanos, propriamente, como “representação” identitária das culturas do povo destes lugares.

FONTES

- **Aloísio José de Matos (Doutor de Vito)** – Ex-vaqueiro, personagem cujos dados biográficos são base fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.
- **Anselmo Correia Dantas** – Vaqueiro em atividade, de Nossa Senhora da Glória - SE
- **Antônio Francisco de Farias (Tonho de Chico da Bela Vista)** – Ex- vaqueiro, morador do município de Porto da Folha – SE.
- **João Joaquim dos Santos (João Pepeta)** – Ex-vaqueiro, morador do município de Graccho Cardoso - SE.
- **José Adelson de Oliveira** – Ex-vaqueiro corredor de “vaquejada de pega-de-boi no mato”. morador do município de Graccho Cardoso - SE.
- **José Nunes da Mota (Zé Piaba)** - Ex-vaqueiro corredor de vaquejada de “pega-de-boi no mato”. Natural do município de Graccho Cardoso - SE.
- **Manoel de Amadeus**, 75 anos, vaqueiro, natural do município de Gararu-SE.
- **Maurício Nunes (Maurício do Pajeú)** – Aboiador e locutor de eventos de vaquejada. Do município de Nossa Senhora da Glória – SE.
- **Miguel Loureiro Feitosa (Miguel do Pajeú)** – Fazendeiro, vaqueiro, patrocinador de vaquejadas de pega-de-boi no mato – Do município de Porto da Folha – SE.
- **Minervino Dória Almeida** – Contador, Professor. Natural de Propriá – SE. E como gosta de assumir, também de Ilha do Ouro (Porto da Folha – SE), por adoção.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Dossiê Nordeste Seco**. São Paulo: Estudos Avançados, 1999.
- ABOIO. Direção Marília Rocha, Produção Marília Rocha e Helvécio Marins Jr. Brasil: Produtora Lume, 2005. Em 73 minutos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RjqsKZrgTks>>. Acesso em: 22.08.2017.
- AIRES, Francisco Janio Filgueira. **O "espetáculo do cabra macho": um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejada no Rio Grande do Norte**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.
- ABRANTES, Alômia. **Paraíba, Mulher Macho: tessituras de gênero, (desa) fios da História. Paraíba, século XX**. Recife: UFPE, 2008, p. 115-224.
- ALBERTI, Verena. Fontes Orais. História Dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Orais**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 155-202.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do "falo". Uma história do gênero masculino (1920-1940)**. 2 ed. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ALEXANDRE, João; ZENILTON (José Nilton Veras). **Vaquejada**. In: Amelinha. Rio de Janeiro: Continental, 1987. Disco Vinil. Faixa 10.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. **Festas Rurais e Turismo em Territórios Emergentes**. Barcelona. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales. Vol. XV, nº 919, 15 de abril de 2011. Serie documental de *Geo Crítica*. **Cuadernos Críticos de Geografía Humana**. Disponível em <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-919.htm>>. Acesso em: 21.03.2014.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**. São Paulo: Brasiliense. 1963.
- ANKERSMIT, Franklin Rudolf. Experiência Histórica: além da virada linguística. In: **A escrita da história: a natureza da representação histórica**. Londrina: Eduel, 2012, p. 227 – 251.
- ASSARÉ, Patativa do. **Cante Lá Que Eu Canto Cá**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- AULETE, Caldas. **Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete**. Versão Online. Acesso em: 19.02.2017.
- AVELAR, Alexandre de Sá. **A biografia como Escrita da História: possibilidades, limites e tensões**. Dimensões: Revista de História, Ufes, 2010.<<http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2528/2024>>. Acesso em: 14.02.2013.
- _____. **Biografia e ciências humanas em Wilhelm Dilthey**. Ouro Preto. Revista História da Historiografia, número 9, 2012, pp. 129-143. Disponível em: <www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/390>. Acesso em: 21.03.2014.
- BARROS, José D'Assunção. **A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos**. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, p. 38-63, nov. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/987>>. Acesso em: 10.09.2014.

_____. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. In: **DOSSIÊ: a Justiça no Antigo Regime**. Revista Textos de História, vol. 11, nº 1/2, 2003.

BARROSO, Gustavo. **O Cavalo Sertanejo**. (s/d). Em: <<https://peregrinacultural.wordpress.com/2015/09/29/o-cavalo-sertanejo-texto-de-gustavo-barroso/>>. Acesso em: 26.08.2017.

BENJAMIM, Walter. A Imagem de Proust. In: **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985. Obras Escolhidas.

BERNARDES, Denis de Mendonça. **Notas sobre a formação social do Nordeste**. *Lua Nova*: Revista de Cultura e Política [online]. 2007, n.71, pp.41-79. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452007000200003>. Acesso em: 23.07. 2017.

BRIGNOLI, Joice. **Revisão Bibliográfica da Obra de Roger Chartier Sobre Prática e Representação**. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAqS8AH/revisao-bibliografica-obra-roger-chartier-sobre-pratica-representacao>>. Acesso em: 21.03.2014.

BURKE, Peter. **A Escrita da História**. São Paulo: Martins Fontes. Editora da UNESP, 1993.

_____. **A cultura popular na Idade Moderna**. Europa – 1500-1800. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

CAMARGO, A. História Oral e Política. In: **MORAES, M. de. História Oral**. Rio de Janeiro: Diadorim, FINEP, 1994.

CARDOSO, Amâncio e ALVES, Francisco José. **O gado na Cultura Sergipana**. Disponível em: <<http://jornaldacidade.net/artigos-leitura/76/14919/o-gado-na-cultura-sergipana.html#.U9HO5ONdV1Y>>. Acesso em: 14.02.2013.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. **O Conceito de Representações Coletivas Segundo Roger Chartier**. Revista Diálogo DHI / PPH / Universidade Estadual de Maringá, v.9, nº 01, p. 143-165, 2005. Disponível em:<<http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=170>>. Acesso em: 16.08.2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. **A Vaquejada Nordestina e sua Origem**. Recife : Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais – MEC, 1969.

CEDRO, Marcelo. **Pesquisa Social e Fontes Oraís: particularidades da entrevista como procedimento metodológico qualitativo**. Pelotas, Revista Perspectivas Sociais / Ufpel, nº 01, v. 01. P. 125-135, março / 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/percsoc/article/view/2341/2193>>. Acesso em: 12.09.2013.

CHARTIER, Roger. **A Historia Cultural: Entre Praticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

_____. **Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico**. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, dez. 1995. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005>>. Acesso em: 06.01.2018.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo : 2012, Editora Montecristo. Disponível em: <<https://docs.com/user489431/3407/os-serto-es-euclides-da-cunha?fromAR=1>>. Acesso em 02.08. Livro On-line.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo: Sociedade e cultura no início da França Moderna: oito ensaios**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DILTHEY, Wilhelm. **A Construção do Mundo Histórico nas Ciências Humanas**. Tradução de Marcos Casanova. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

DINIZ, Diana Maria de Faro Leal (Coordenadora). **Textos Para a História de Sergipe**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe e Banco do Estado de Sergipe, 1991.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: EDUSP, 2009.

FELIX, Francisco Kennedy Leite e ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **O Vaqueiro e a Vaquejada: do trabalho nas fazendas de gado ao esporte nas cidades**. Costa Rica. Revista Geográfica de América Central . Vol 2, No 47E, 2011- II Semestre 2011. pp. 1-13. Disponível em : < <http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2425>>. Acesso em : 22.05.2013.

FREIRE, Felisbello. **História de Sergipe**. 2º Ed. Petrópolis: Vozes; Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1977.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista**. 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cdrom/freyre/freyre.pdf>>. Acesso em: 27.07.2017.

GRANGEIRO, Glaucenilda da Silva. **Nordeste viril: representações da masculinidade no Cinema brasileiro sob o olhar de Guel Arraes (2000-2003)**. 2015. Dissertação (Mestrado de História). Universidade Federal da Paraíba - UFPB, João Pessoa – PB, 2015. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/8097>>. Acesso em: 12.07.2017.

GURGEL, Alex. **Resgate de uma Tradição em Seridó**. Disponível em: < http://terraxelita.blogspot.com/2008_11_02_archive.html>. Acesso em: 15.08.2012.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **As áreas de Criação de Gado**. In: **A Época Colonial: Administração, Economia, Sociedade**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. (*História Geral da Civilização Brasileira*). Volume 2.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **SERGIPE, PORTO DA FOLHA, HISTÓRICO**. 2016. Vê: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=280560>>. Acesso em: 02.02.2017.

_____. **Cidades**. [online] Disp. em: < <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=280560>>. Acesso em: 17.09.2017

LANGER, Johnni Langer. **A Nova História Cultural: Origens, Conceitos e Críticas**. Revista História e-história. 2012. Disponível em: < <file:///C:/Users/adeilson/Desktop/hist%C3%B3ria%20e-hist%C3%B3ria.htm>>. Acesso em: 15.04.2014

LE GOFF, Jacques. “**O desenvolvimento da memória: da oralidade à escrita, da Pré-história à Antiguidade**”. In: **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

LEVI, Giovanni. **Usos da biografia**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 167-182.

MANO WALTER (José Walter Tenório Lopes). **Boi Cigano**. Composição musical do gênero “Toada”, de vaquejadas. S/d.

MATA, Giulle Vieira da. **O Segredo do Boi Misterioso nos Romances de Vaqueiros**. Sete Lagoas. Revista de Dialectología y Tradiciones Populares. 2003. Disponível em : < <http://rdtp.revistas.csic.es/index.php/rdtp/article/viewFile/150/151>>. Acesso em : 08.07.2014.

MELO, Jânio Benevides de. et al. **Morfologia do Cavalo Nordestino no Estado do Piauí: Medidas Angulares**. In: X CONGRESSO NORDESTINO DE PRODUÇÃO ANIMAL. 2013, Teresina/PI : CNPA, 2015. Disponível em: <<http://www.cnpa2015.com.br/anais/resumos/R0450-1.PDF>>. Acesso em: 15.01.2018.

MENESES, Sônia de Souza Mendonça e ALMEIDA, Geralda de. **VAQUEJADA: a pega de boi na caatinga resiste no sertão sergipano**. Rio Grande do Norte : UFRN /CCHLA. v. 1., n. 34, 2008 p. 181-193. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/34/PDF%20para%20INTERNET_34/13_S%C3%B4nia%20de%20Souza%20e%20Maria%20Geralda.pdf>. Acesso em 23.01.2014.

NUZZI, Vitor. **Geraldo Vandrê: uma canção interrompida**. Rio Grande do Sul: Kuarup, 2015.

OLIVEIRA Jr, Rômulo José Francisco de. **História e Sujeitos: Percursos Metodológicos no Fazer Biográfico**. Revista História e-história. 2012. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=328>>. Acesso em: 15.04.2014.

PEREIRA, Renan Martins. **Agilidade e Prestígio no Sertão de Pernambuco: as relações ecológicas entre vaqueiros, cavalos, bois e caatinga nas competições de pega de boi no mato**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais / UFJF. Revista “Teoria e Cultura”, volume 11, nº. 02, jul/dez. 2016. Disponível em: < <https://teoriaecultura.ufjf.emnuvens.com.br/TeoriaeCultura/article/viewFile/2936/2283>>. Acesso em: 03.05.2017.

PRIORE, Mary Del. **Biografia: quando o indivíduo encontra a história**. Revista Topoi, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 7-16. Disponível em: < www.revistatopoi.org/.../topoi%2019%20-%2001%20artigo%201.pdf>. Acesso em: 15.04.2014.

SANTOS, Lenalda Andrade e OLIVA, Terezinha Alves. **Para Conhecer a História de Sergipe**. Aracaju, Opção Gráfica, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Biografia como gênero e problema**. Revista dos Pós-graduandos em história / Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. vol. 24, n. 24. (2013). Campinas: UNICAMP/IFCH,2013. Disponível em: < <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/1577/1083>>. Acesso em: 12.02.2014.

SILVA, Edmar Luis da. **Compreender a vida, Fundamentar a História: “a crítica da razão histórica” em Wilhelm Dilthey (1833 – 1911)**. Minas Gerais. UFMG. 2006. Dissertação de mestrado. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/VCSA-6X5J5V>>. Acesso em: 15.12.2013.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Camponeses e Criadores na Formação Social da Miséria – Porto da Folha no Sertão do São Francisco (1820 -1920)**. Niterói. Universidade Federal Fluminense - UFF. 1981. Dissertação de Mestrado – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia.

SIMONSEN, Roberto C. **História Econômica do Brasil: Período Colonial (1500-1820)**. 4ª Ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. (Edições do Senado Federal). Volume 34.

SOUSA, Silvana Vieira de. **Tradição e fé: memórias e histórias de uma religiosidade popular na Paraíba do século XX**. Campinas, SP: [s. n.], 2011. Tese de Doutorado - História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas-SP. Disponível em:<file:///C:/Users/Acer/Downloads/Sousa_SilvanaVieirade_D%20(6).pdf.> Acesso em: 27.01.2018

SOUSA, Antônio Lindvaldo. **Temas de História de Sergipe II. Caminhos da colonização da capitania sergipana: a sociedade do couro no final do século XVI ao XVIII**. São Cristovão: Universidade Federal de Sergipe/CESAD, 2010, p. 07-32.

TAPETY, Audrey Freitas. **“O VAQUEIRO NO PIAUÍ”: representações e práticas socioculturais (1960 a 2000)**. Teresina : Universidade Federal do Piauí, 2007. Dissertação de mestrado em História do Brasil. Disponível em: <<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/mesthist/arquivos/files/Dissertacoes/DISSERTACAO%20AUDREY.pdf>>. Acesso em: 15.12.2013.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado – História Oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VAQUEIROS CANUDOS. Direção Manoel Neto e Miguel Teles, Produção Executiva João Felipe de Almeida e Márcia Nunes: Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC/UNEB, 2016. Em 60 minutos. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=8idbDiEFNpw>> Acesso em: 15.11.2017.

VOJNIAK, Fernando. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)**. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 664, jan. 2003. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000200026/9212>>. Acesso em: 09.08.2017.